

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP

MARIVALDO EMIDIO DA SILVA

MESTRADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

SÃO PAULO

2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP

MARIVALDO EMIDIO DA SILVA

Nas sendas do amor.

Uma reflexão sobre a Exortação *Amoris Laetitia* em diálogo com a modernidade líquida

Mestrado em Ciência da religião

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em ciência da religião, sob a orientação do Professor Doutor Wagner Lopes Sanchez

SÃO PAULO

2018

Banca Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a ti, meu Amor maior, o mesmo que eu sempre procurei e sempre se mostrou dentro de mim, principalmente quando eu mais precisei diante de minhas perdas significativas ocorridas há 4 e 11 anos atrás.

Não obstante, sua face também se mostrou nas conquistas, não menos significativas, para a minha formação, que embasam o que me tornei hoje; tempos também marcantes esses de 10, 11, 15, 25 e 40 anos atrás, quando aprendi, partilhei, sofri, chorei, e claro, sorri, sorri muito, pois cada encontro, cada entrega se tornou sempre uma face desse amor difícil de se esgotar por ser tão renovador. E assim, a cada instante, tudo se fazia novo e de novo...

Meu Deus, a ti destino está dedicatória, meu verdadeiro e único Amor...

A realização desta pesquisa só se foi possível graças ao apoio institucional da Fundação São Paulo (FUNDASP), e igualmente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnologia (CNPq) por meio de concessão de bolsa com cód. 130078/2018-2 e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por meio de concessão de bolsas na modalidade cód. 88887.149934/2017-0 I. Esse suporte proporcionou um desejo virar ciência.

AGRADECIMENTOS

Faço aqui meu agradecimento a CAPES, juntamente com a FUNDASP, que proporcionou uma excelente estrutura educacional em conhecimento ao desenvolvimento deste projeto.

Agradeço ao Professor Dr. Wagner Lopes Sanches por sua disponibilidade e dedicação em estar me mostrando cada passo para fundamentar meu conhecimento em ciência e com mais clareza acadêmica.

Menciono todos os meus outros professores das disciplinas, que ajudaram a ampliar meu olhar para o objeto de estudo. Cito aqui o Professor Jose J. Queiroz, que com sua sensibilidade única, me ajudou na formulação do meu projeto e deu a dica quanto ao título desta dissertação, sou muito grato a esse mestre. Ao Professor Ênio Brito J. da Costa, por suas aulas encantadoras, e por manter esse encanto mesmo tendo passado tanto tempo lecionando, realizando com maestria como se fosse a primeira aula; espero cultivar esse amor pelo conhecimento aos meus alunos também.

A toda minha família, colocando em especial meu pai que me favoreceu as primeiras condições financeiras para não desistir, e à minha irmã Nalva, que com sua forma carinhosa, me incentivou, assim como em tudo que me proponho a fazer.

Aos meus colaboradores, pois com certeza este trabalho não se concluiria sem a ajuda de outras mãos, Dimas, Juan e Priscilla. Aos dois últimos, minha especial gratidão, pois na reta final foram os que mais estiveram ao meu lado, não só escrevendo e corrigindo meu texto, mas também o frutificando com novas ideias e encorajamento. Difícil descrever a gratidão e amor que tenho por vocês dois.

Agradeço a todos meus alunos e ex-alunos da escola Estadual Eng. Argeo Pinto Dias, pois de certa maneira foram meus objetos de estudo, já que muitas das coisas que escrevi foram analisando suas ações para com esse novo tempo contemporâneo. Por fim, claro que não poderia deixar de mencionar, Deus! Se eu consegui chegar a esse momento e agradecer a tantos, foi, Ele, que proporcionou, ninguém entra na vida de alguém se não for pela Graça!

³⁴Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como Eu vos amei; que dessa mesma maneira tendes amor uns para com os outros.

³⁵Através deste testemunho todos reconhecerão que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros.

João 13:34-35

⁴ O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece, ⁵ não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; ⁶ não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; ⁷ tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. ⁸ O amor nunca falha...

1 Coríntios 13:4-8

“...o qual nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica”.

2 Coríntios 3:6

“O perdão de Deus cancela o passado e nos regenera no amor”

Papa Francisco

“A menor intenção de ser melhor, já é amor. Desde o sorriso a um olhar, sim é amor. Se a imagem e semelhança do amor, foste criado, então dos seus atos o mais sincero e natural é o seu amar”

Walmir Alencar

“A vida é muito maior que a soma de seus momentos”.

“Amar é contribuir para o mundo, cada contribuição sendo o traço vivo do eu que ama. No amor, o eu é, pedaço por pedaço, transplantado para o mundo.”

17. “Sem humildade e coragem não há amor. Essas duas qualidades são exigidas, em escalas enormes e contínuas, quando se ingressa numa terra inexplorada e não-mapeada. E é a esse território que o amor conduz ao se instalar entre dois ou mais seres humanos”.

Zygmunt Bauman (*Amor Líquido*)

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo refletir sobre o conceito de amor conjugal, na qual propusemos mostrar como este se apresenta em nossa sociedade contemporânea. O eixo teórico adotado se fundamenta principalmente na bibliografia do sociólogo Zigmunt Bauman, sendo, sobretudo abordada a obra *Amor Líquido*, que efetua um raciocínio sobre a liquidez e fragmenta as relações humanas por meio dos estudos sociais do amor. Essa base teórica nos orientará na discussão e fará relação com a proposta do Papa Francisco em sua “Exortação Apostólica - *Amoris Laetitia*”, tal como apresentação identitária de um novo papado ou de uma nova era: “a era de Francisco”. Nessa Exortação, verificaremos que o Sumo pontífice busca dialogar com os novos tempos dentro de novas necessidades culturais. Nosso objetivo é mostrar como a liquidez baumaniana também adentrou na cultura religiosa, fazendo com que sua principal essência, que são seus dois principais mandamentos: amar a Deus e ao próximo, se fragiliza gradualmente em tempos de liquidez. Esta pesquisa, que é de cunho bibliográfico, dispõe das seguintes etapas: seleção e leitura reflexiva do material bibliográfico, reunindo as diversas vertentes que existem sob as obras propostas; delimitação e definição do conceito “amor”, de acordo com o pensamento de cada autor; seleção e leitura reflexiva de publicações na área da política social e suas leis de afirmações; e leitura de discursos oficiais religiosos, referente ao tema.

Palavras-chaves: liquidez, contemporaneidade, Igreja Católica, amor, cultura descartável.

ABSTRACT

This research intends to underpin an explanation about the conjugal love concept which we proposed to show how it develops in our contemporary society. The theoretical axis is mainly based in the bibliography from the sociologist named Zigmunt Bauman, especially discussing the literary work *Amor Líquido*, which shows a thinking about liquidity and fragments the human relationships through social studies of love. This theoretical basis will guide us in the discussion and will be related to the proposal from Papa Francisco in his “Exortação Apostólica - *Amoris Laetitia*”, as an identity presentation from a new Papacy or a new era: “Francisco’s era”. In this Exhortation, we will check that the Sovereign Pontiff conducts a dialogue with the new era inside the new cultural needs. Our aim is to show how the “baumoniana” liquidity also got inside the religious culture doing as its mainly essence, the two mainly commandments: to love God and the person who is beside you, which weakens constantly in this liquidity era. This research, which is bibliographically enforced, disposes of the next steps: selection and reflective reading from the bibliographic material, collecting different aspects that there are in the literary works proposed; delimitation and definition of the concept “love”, according to each author’s thoughts; selection and reflective reading from the publications in the social policy area and their affirmative laws; and reading from official religious speeches, according to the theme.

Keywords: liquidity, contemporaneity, Catholic Church, love, disposable culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – NAS SENDAS DO AMOR	18
1.1 a transformação do mundo sólido ao mundo líquido.....	21
1.2 O niilismo e o hedonismo da sociedade.....	33
1.3 A identidade de uma sociedade líquida (online and offline) – consume e descarte..	38
CAPÍTULO 2 – A ORIGEM DO DISCURSO DO PAPA FRANCISCO.....	43
2.1 Vaticano II – abertura das suas janelas.....	44
2.2 O Papa do fim do mundo.....	50
2.3 A recepção do vaticano II por Francisco.....	58
CAPÍTULO 3 – ENTRE A ALEGRIA DO AMOR E OS SENTIFOS LÍQUIDOS.....	65
3.1. Das fragilidades dos laços amorosos.....	67
3.2 O medo e os seus paradoxos na vivência do amor.....	71
3.3 Entre encontros e desencontros – o amor um objeto ou um objetivo.....	80
3.4 A Exortação <i>Amoris Laetitia</i> em tempos de amor líquido.....	93
3.5 Nas sendas do <i>Amoris Laetitia</i> e a concretude do amor cristão.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	111

INTRODUÇÃO

Quando nos remetemos a pensar o amor, temos então dois vieses de reflexão: a perspectiva social e a perspectiva subjetiva. Portanto, no que remonta ao indivíduo, nossa maior preocupação será no âmbito social e religioso, pois entendemos que esta dificuldade de amar não é apenas um problema social. A religião, no caso aqui Igreja católica, também vive esse conflito diante de sua ação e intenção apresentadas no mundo contemporâneo. Para nos ajudar a esclarecer como a sociedade contemporânea compartilha deste sentimento, o sociólogo Bauman nos auxiliará com sua obra *Amor Líquido*. Para compreender o ser enquanto conjugal, nos apoiaremos no Papa Francisco juntamente com sua encíclica *Amoris Laetitia*, uma Exortação que nos convida a avaliarmos o amor sendo o núcleo familiar e o princípio da formação cultural social. O pontífice da Igreja católica compreende que os valores devem evoluir na mesma velocidade em que a sociedade assim se faz.

Fundamentado nessas análises sociais e religiosas, investigaremos de que maneira o amor tem sido zelado em nossa sociedade e como ele tem um fator significativo em nossas relações, pois por meio dele poderemos perceber de que forma nossas relações tomaram o curso debilitado que o pós-moderno Bauman prestou a metodizar em suas obras. Enquanto o sociólogo tem uma visão científica e realista sobre o indivíduo social e a moralidade do amor contemporâneo, demonstra claramente que a mesma vive uma convenção da qual Bauman chamará de relação "líquida", em outras palavras, há relações insustentáveis, que são meramente substitutivas. Assim, o sociólogo polonês demonstra que nossa sociedade tomou como fato o poder de escolha, da mesma maneira que fazemos com produtos, fazemos agora com pessoas. A questão é que pessoas tem sentimentos, logo se tornam passíveis de afetos conflituosos e degenerativos.

Ao examinar a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia*, percebemos que esse aceno para análise do amor feita aos bispos efetua uma leitura moderna sobre essa "convenção" líquida do amor, tornando-se assim um fato. O Papa Francisco traz essa reflexão sobre o amor na família e seus

desdobramentos com a sociedade. Assim, busca-se o resgate do amor como linguagem a ser praticada na Igreja de forma pastoral. Nosso olhar tem como foco os extremos do amor, enquanto Bauman relata o visível caminho que nossa sociedade percorre, tendo como eixo os relacionamentos pautados na internet, que são determinados pelas "redes de amigos" que possuímos e pelas pessoas que nos satisfazem, que são as que "seguimos". Esse modo de relação contemporânea está fragmentando a possibilidade de efetivar laços, de se ter compromisso, ligação, união, vínculo e estabelecer aliança entre as pessoas, simplesmente o que nos resta é seguir pessoas.

(...) talvez seja por isso que, em vez de relatar suas experiências e expectativas utilizando termos como "relacionar-se" e "relacionamentos", as pessoas falem cada vez mais (auxiliadas e conduzidas pelos doutos especialistas) em "conexões", ou "conectar-se" e "ser conectado". Em vez de parceiros, preferem falar em "redes". (BAUMAN, 2005, p.12)

Algumas das palavras que passamos a usar nessa linguagem virtual e contemporânea para nos referirmos à união e laço são: "conexão", "conectar-se", "seguir", palavras estas, que antes mal eram usadas no que se refere aos relacionamentos humanos, menos ainda para explicitar algum tipo de sentimento entre os seres humanos. Essas palavras costumavam ser usadas para objetos e coisas, portanto quando as utilizamos para nos referirmos aos nossos iguais, passa a existir uma retificação do ser e uma coisificação no relacionar-se. Em princípio, vemos um elo de relação sob a fragilidade dos laços emocionais e pouco racionais na construção de relacionamentos com o outro, tornando-se assim a aquisição do amor, um valor momentâneo e frágil.

A aliança sponsal, inaugurada na criação e revelada na história da salvação, recebe a revelação plena do seu significado em Cristo e na sua Igreja. O matrimônio e a família recebem de Cristo, através da Igreja, a graça necessária para testemunhar o amor de Deus e viver a vida de comunhão. O Evangelho da família atravessa a história do mundo desde a criação do homem à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1, 26-27) até à realização do mistério da Aliança em Cristo no fim dos séculos com as núpcias do Cordeiro (cf. Ap 19, 9) - (AL 63).

Papa Francisco em sua posição de chefe da Igreja Católica tem insistido que o primeiro sentido em transmitir a mensagem do evangelho está na fidelidade da alegria do amor, ou seja, o evangelho não deve ser transmitido como um código frio e engessado de leis e conduta. O Papa Francisco na Exortação Pós-sinodal *Amoris Laetitia* analisa a situação atual do amor e apresenta um novo olhar sobre o amor dentro e fora do sacramento do matrimônio, esse que vem sofrendo fortes intervenções quanto sua forma tradicional de se conceber.

Podemos perceber que o Papa Francisco tem procurado em seus diversos discursos entender as causas dessa nova forma familiar dentro desse mundo agitado, complexo e mutável. Ele sustenta que devido à complexidade do mundo contemporâneo, a forma de se constituir e sustentar uma família nos tempos atuais tornou-se também mais complexa e de difícil intervenção, o que afeta diretamente na dignidade do indivíduo e do membro da comunidade religiosa, pois este sofrerá por julgamentos e olhares discriminatórios por causa de seu estado matrimonial irregular. Não vivemos mais em um mundo de definições firmes e engessadas, por isso, é preciso se ater às luzes e sombras de todos os significados, não vendo uma ação apenas de forma homogênea, e sim, diversificada, o que exige um olhar minucioso de um amor heterogêneo, respondendo assim aos anseios de suas próprias realidades. Foi o que procurou fazer o sumo pontífice, apontando e direcionando todo seu presbitério e fiéis na importância de amar e se sentir amado, para assim poder oferecer o evangelho da boa nova em sua essência *Amoris Laetitia* sobre a “Alegria do Amor” (AL 31)

Papa Francisco então percebe o seu próprio tempo, e com isto, o que está se espalhando: um *zeitgeist*¹. O espírito da nossa atualidade tem como cerne a liquidez de Bauman, que possui como regra viver em um mundo onde o hedonismo - a busca incessante por prazer - descaracteriza a maneira como nos relacionamos. O amor, que na literatura da Idade Média tem como eixo uma cortesia, ou seja, uma devoção por seu parceiro quase que religiosa, cria então uma atitude de cortesia para com o outro. Percebemos então, que o espírito do tempo da chamada “Idade das trevas” traz outro conceito de amor, onde não há

¹ *Zeitgeist* é um conceito em alemão, que explicita de maneira clara o modo como uma época cria formas culturais e manifestações epistemológicas que centralizam as atitudes do indivíduo.

uma concentração na rapidez, muito menos algum tipo de relacionamento onde criamos uma “rede de amigos” ou “seguimos” uns aos outros.

A submissão que Lancelote demonstra em suas ações é acompanhada, do lado subjetivo, por um sentimento que deliberadamente imita a devoção religiosa. Embora seu amor não seja, de forma alguma, suprassensorial e seja, na prática, recompensado carnalmente nesse mesmo poema, ele é representado como tratando Guinevere com honras de santa, se não de divindade. Quando ele chega perto da cama na qual ela está deitada, ajoelha-se e a adora. Chrétien admite explicitamente que não haja sacrossanto em quem ele devotasse mais fé. Quando deixa o quarto dela, faz um genoflexo, como se estivesse diante de um santuário. (Lewis, 2012. p.41.)

O eixo deste amor é a religiosidade, em que existe uma devoção para o outro e esse outro se distingue da maioria, não sendo apenas mais um, mas sim o único. Essa unicidade é contrária a qualquer conceito moderno que possuímos sobre o amor. Uma das maiores dificuldades em se encontrar e vivenciar o amor está no fato de muitos acharem que este possa ser apenas um “objeto” ou sentimento a ser conquistado. Contudo, ao analisarmos com um pouco mais de atenção, perceberemos que essa possível conquista não se sustenta, pois, esse sentimento é uma realidade inata ao indivíduo, é algo que surge com ele, mas que precisa ser cultivado e desenvolvido. Consequentemente, compreende-se quando muitos dizem que o amor é algo apenas sentimental, vivenciado pelos frágeis e emotivos indivíduos. Ao contrário disso, o amor não se limita a um conceito particular, mas sim comum, como se vivêssemos em uma casa comum. À vista disso, que temos no mundo contemporâneo dificuldade em expressar ou conceituar o amor, pois cada pessoa tende a entendê-lo de sua forma particular e individualista. Estamos dizendo que a sociedade contemporânea tem um quê de paradoxal, pois deseja algo que não pode ser prisioneiro. O amor necessita ser conjugado no “nós”, pois é livre e autônomo. A liquidez revela-se aqui, onde o amor não é conceituado, e sim relativizado, fragmentado, e a perda de sua solidez é denunciada na bibliografia de Bauman, efetuada uma descrição do espírito de nosso tempo.

Em *Amoris Laetitia*, o Papa Francisco levanta essa preocupação de uma sociedade egocêntrica e fechada nas suas verdades particulares e individuais, porém ao mesmo tempo vive a angústia do sentimento da não aceitação pelo o outro.

No fundo, hoje é fácil confundir a liberdade genuína com a ideia de que cada um julga como lhe parece, como se, para além dos indivíduos, não houvesse verdades, valores, princípios que nos guiam, como se tudo fosse igual e tudo se devesse permitir. (AL. 34)

Tanto o sociólogo quanto o Papa têm a convicção de que a sociedade contemporânea está passando por uma espécie de fragilidade decadente nas relações humanas e seu maior impulsor é o sistema capitalista de conveniência expressado muito forte nas novas formas de comunicação. É evidente o modo no qual a publicidade influencia e acaba tendo um grande papel na sociedade contemporânea e sua cultura de massa. A função da publicidade é exercida como um suporte para as mídias, mas com isso a própria publicidade sofre uma grande influência sobre em si mesma, e quem exerce essa influência reversa são as manifestações de uma época, ou seja, o tempo, sua cultura, contracultura, e pôr fim a sociedade contemporânea.

O hedonismo, endeusamento do “eu” cria um conflito social, onde o indivíduo acaba entrando em conflito consigo mesmo, pois nega seus valores por valores que não o pertencem. Negação dos valores e da autoridade, causa uma revolução que procura destruir as estruturas sociais, pregando a liberdade sem limites e o esquecimento dos valores morais vigentes. Assim, há a vulgarização da informação, ao contrário da terminologia usada por muitos, não se pode falar de explosão do conhecimento. As massas de hoje são talvez mais ignorantes e perigosas do que nunca, mas em teoria possuem à sua disposição uma plethora de informações que não são capazes de interpretar e utilizar devido à velocidade das mudanças (que sempre caracterizam a história da humanidade). A rigor, todas as épocas foram de transição e mudanças, mas o que ocorre hoje é que a velocidade dessas mudanças torna difícil sua sedimentação. O mundo está em constante revolução e isso aprofunda o fosso entre gerações.

Considerando todas estas teorias e ainda muitas outras, a propaganda e a mercadologia devem não só vender um produto, mas uma ideia. Um anúncio dialoga com o consumidor ao ponto de oferecer ao seu receptor uma nova característica, não um novo objeto; a ideia passada é a de que é possível ser através do ter. Percebendo então essa revolução na maneira de conceber o mundo, tanto quanto de relacionar-se com ele, o que se efetua é que o ser humano encontra-se calcado por informações e não conhecimentos, sendo que os principais deixados de lado são os valores, dos quais comungávamos uns com os outros.

No compromisso com seus fiéis e com sua identidade de sacerdote das ruas, o Papa Francisco apresenta uma de suas intervenções para iniciar essa renovação pastoral: a *Exortação Apostólica Amoris Laetitia*, da qual fora originada de sua convocação para um sínodo sobre a família, entendendo que essa precisa ser acolhida, compreendida e fortalecida por conta de suas feridas em suas novas formações, diante de uma sociedade contemporânea líquida e frágil no que se refere aos seus laços de união. Assim, a Igreja se apresenta em saída, um desejo do Papa para entender a família percebendo que ela é o núcleo da célula de qualquer sociedade e por ela percebemos quais são nossas necessidades, desejos, vontades, caminhos, sonhos ou apenas nossas realidades. Os próprios bispos no relatório final do sínodo apresentam essa relevância sobre o papel da família aos questionamentos atuais. “Nós Padres, reunidos em Sínodo ao redor do Papa Francisco, estamos a ele gratos por nos ter convocado para refletir com ele, e sob a sua guia, acerca da vocação e da missão da família hoje” (*XIV Ago, 1*).

Entendendo que a família é parte de um núcleo, que tem como referência a sociedade, percebemos então que a Exortação Apostólica papal busca uma reconciliação social, não apenas uma reforma aos dogmas cristãos, mas um recomeço que diga respeito aos valores, lembrando que os valores são compartilhados entre todas as frações da sociedade.

O problema de nossa pesquisa, desde o início, supunha partir da pergunta o que aconteceu com o amor? Como ele está sendo vivido e transmitido? Fundamentando esses questionamentos com a visão realista e pessimista do sociólogo Bauman com a visão esperançosa e alegre do Papa Francisco,

resgatando a justificativa de vida de um cristão católico. Buscamos aqui demonstrar, que mesmo apesar de tantas ilusões e sufocamento em crenças contrárias a significância do amor, ainda apesar de. A amar ainda vale a pena e na pessoa do Papa Francisco ele se renova a cada dia, em sua característica primária com ações e testemunho em sua prática. Quando nos propusemos a abordar essa temática do amor, sabíamos que poderia não dar conta dele por inteiro, pois o mesmo, não se faz como um objeto físico, palpável em que possamos estudar de forma empírica. Mas desde o início nosso objetivo de pesquisa foi compreender uma sociedade que tem pressa e possui muitas angústias estas por vezes sendo questionadas quanto ao sentido da vida. portanto esses sentimentos propuseram a buscar-nos na *Exortação Apostólica Amoris Laetitia* do Papa Francisco uma resposta mais próxima da realidade de cada um que sofre seus abandonos.

Os capítulos se estendem em exemplificar, como Bauman em sua obra, aborda o amor na condição pós-moderna, qual o contexto sócio religioso que motiva a leitura da *Exortação Amoris Laetitia* (Alegria do amor), quais os frutos do amor que o Papa busca na Encíclica, como nela é conduzido o amor, quais consequências desse amor para uma nova visão de sociedade e família.

Capítulo I - Nas sendas do amor

Na sociedade atual, muitas vezes temos dificuldade para entender certos conceitos apresentados como verdade. Certa vez em uma de minhas viagens, em janeiro de 2016, fui ao Rio de Janeiro e visitando lá uma exposição na Biblioteca Nacional sobre a vida do intelectual Antônio Houaiss, vi uma foto dele sentado ao lado de Sergio Buarque de Holanda e Oscar Niemeyer, e uma frase abaixo da foto me chamou muito a atenção:

Tereis a oportunidade de lidar com velhos avatares que hoje em dia são publicitariamente conhecidos como explosões (...) a explosão do saber concomitante com a explosão do não saber, a explosão da alfabetização e a explosão do analfabetismo, a explosão da produção agrária e a explosão da fome, a explosão da técnica e a explosão da poluição, a explosão da vida e a explosão da morte, a explosão do hedonismo e a explosão da tristeza (...) o mundo se faz cada vez mais lotérico, aleatório, randômico, mas socialmente desnivelante apesar das massificações. (Houaiss)

Esse trecho de Houaiss, apesar de ter sido escrito em 1978, nos apresenta algumas das características bastante atuais da sociedade brasileira. Essas características nos fazem pensar no nosso modo de vida inclusive na forma como entendemos o amor, tema de nossa pesquisa.

Ao apresentarmos o pensamento do intelectual Houaiss sob a questão dos “avatares” ou das explosões de contradições em que estamos vivendo, é de suma importância fazermos nesse primeiro momento uma análise ou um resgate no contexto sociocultural em que se originou essas explosões de conquistas e na medida do possível entender as consequências das explosões contraditórias que cerca esse mundo contemporâneo, pós-moderno ou como diz o sociólogo Bauman, “líquido moderno” ou mesmo o Papa Francisco, que diz “vivemos uma cultura do descarte”.

Vamos buscar nessa dissertação compreender a origem dessas duas indagações fortes. A primeira, transmitida por um sociólogo ateu, Bauman, pontuando que o momento que estamos vivendo de desconstrução de valores

sobre a negação do antigo, não tem uma característica sólida e permanente, passamos a viver e acreditar em tudo que é temporal e líquido, ao que possa ser bom e intenso, mas não necessariamente eterno. É assim que ele tenta explicar em uma das muitas entrevistas que oferece sobre sua conceitualização do agir contemporâneo. Está na revista brasileira “Isto É”:

Líquidos mudam de forma muito rapidamente, sob a menor pressão. Na verdade, são incapazes de manter a mesma forma por muito tempo. No atual estágio “líquido” da modernidade, os líquidos são deliberadamente impedidos de se solidificarem. A temperatura elevada – ou seja, o impulso de transgredir, de substituir, de acelerar a circulação de mercadorias rentáveis – não dá ao fluxo uma oportunidade de abrandar, nem o tempo necessário para condensar e solidificar-se em formas estáveis, com uma maior expectativa de vida.

² Prado, (Revista Isto É)

Não menos forte e tão pouco significativo, o Papa Francisco transmite uma mensagem de preocupação de como estão se encaminhando a relação de um para com o outro. Sem percebermos, a cada dia produzimos um sentido de coisificação para justificar e satisfazer nossas necessidades emocionais ou até mesmo físicas em certos casos mais baixos e graves, tais como: o tráfico de crianças de mulheres, de mão de obra barata ou escrava, enfim, tráfico de pessoas de humanos em geral. Mesmo tendo passado tanto tempo, depois de tantos acordos, tantas leis, devido aos absurdos cometidos no passado, ainda em nosso tempo contemporâneo continuamos a assistir e persistir na desvalorização do outro, não querendo enxergá-lo como meu semelhante, e assim não o valorizando. O que isso quer dizer? É que só os quem pensam, enxergam e agem igual a mim é que tem valor, pois de mim não se discorda.

O Papa Francisco, buscando construir uma identidade ao seu papado, desde seu início observa e denuncia o abuso aos que detém algum tipo de poder econômico ou político em favorecer essa cultura da desconstrução do outro. Utilizando um termo forte “descarte”, ele sintetizou isso em sua viagem aos três

² Disponível em:

<[https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/
acesso em: 05 out 2018.](https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/)

países pobres da América espanhola, Equador, Bolívia e Paraguai, e exprime essa mensagem:

Não nos é lícito, mais ainda, não é humano entrar no jogo da cultura do descarte”. Aqui, o termo cultura indica um modo de pensar e de agir que se tornou costumeiro, integrado em nosso emocional ou em nossa escala de valores, como se fosse normal. É algo mais enraizado do que qualquer lei, com força para atravessar gerações, sem causar estranheza alguma.

Diz o Papa que a cultura do descarte “afeta tanto os seres humanos excluídos como as coisas que se convertem em lixo” (*Encíclica “Louvado sejas, sobre o cuidado da casa comum”, n. 22*).

O descarte compreende tudo aquilo que se desperdiça sem ser reciclado, desde objetos, plantas e alimentos, até os seres humanos que não são levados em conta e que estão sendo ou serão prejudicados por esse tipo de cultura. As pessoas descartadas são aquelas não importantes para os interesses políticos e pela especulação financeira e cujas necessidades básicas não consideradas pela especulação financeira e cujas necessidades básicas não consideradas pela sociedade do desperdício. Nossa geração está mergulhada na cultura do descarte, saqueando a terra como se fossemos a última geração a ter direito a ela. Todos nós estamos notando o desequilíbrio da natureza e dos seus ecossistemas naturais por causa da exploração gananciosa praticada pela produção industrial. Mas, quase ninguém se preocupa de verdade em reduzir o consumo de bens não só os necessários, mas principalmente os supérfluos.

Esse é um artigo que Pe. Ulysses da Silva, C.Ss.R.³ produziu com a chegada do Papa a esses países, buscando mostrar que não foi por acaso suas escolhas, pois há uma identidade direta com a pessoas de Mario Jorge Bergoglio, agora conhecido Papa Francisco. Ele passou sua vida vocacional

³ Disponível em: <<http://www.a12.com/jornalsantuario/artigos/a-cultura-do-descarte>> Acesso em: 10 out 2018.

inteira, seja como padre ou Cardeal de Buenos Aires, na luta pela valorização dos desfavorecidos.

Assim, pretendemos conduzir esse texto para entender quais sendas caminhamos e onde ela nos fará chegar.

1.1 A transformação do mundo sólido ao mundo líquido

O tempo contemporâneo não pode ser compreendido à luz de suas próprias ações, talvez esteja aí contida toda potencialidade de angústia em que estamos vivendo: essa mentalidade de negar ou se fazer esquecer toda trajetória de luta e construção de direitos sociais, políticos, econômicos e familiares. Tudo isso que ocorreu por meio de sangue, sofrimento e descobertas científicas, não pode ser diluído em apenas um sentimento fugaz de prazer momentâneo.

São vários os autores que se propuseram junto com o sociólogo Bauman a entender e responder os paradoxos dessas explosões denunciadas por Houaiss. É importante saber que outros intelectuais vão na mesma linha de pensamento e podemos citar alguns. Mas antes façamos um recorte histórico e bastante pertinente para situarmos de que período vivido da história estamos tratando.

Há alguns eventos que indicam que a revolução francesa de 1789 foi um desses marcos do início da pós-modernidade. Outros apontam o final da segunda guerra (a grande tragédia que o homem racionalmente pode chegar a causar) e por isso logo houve uma necessidade de mudança de paradigmas. Outros levantam o ano de 1968 com a grande revolução comportamental na França. A partir desse momento pensava-se mais pelas lutas existenciais do que propriamente por pensamentos ideológicos unitários e universais, assim surgiu o início do existencialismo. A partir disso, valorizou-se mais o individualismo exacerbado, a cultura hedonista, o egoísmo radical, o desinteresse pelo social, e a valorização de um capitalismo liberal, em detrimento de um delírio comunista.

Na esfera religiosa, onde se encontra o nosso objeto de estudo, podemos apontar um dado muito significativo, que foi o da Igreja católica perceber que esses anseios socioculturais afetaram os seus membros. Em 1961 foi convocado

o Concílio Vaticano II através da bula papal *Humanae Salutis*, pelo Papa da João XXIII, que tinha como objetivo central promover o “aggiornamento”, atualização da Igreja católica visando responder as grandes questões colocadas pela modernidade. Não por coincidência que ele foi convocado de forma pastoral e ecumênica. Dentro do âmbito católico, já não existia uma hegemonia religiosa e não bastava apenas uma se esforçar à mudança, pois o questionamento era generalizado.

Diante dessa complexidade, iremos apresentar alguns pensadores que dialogam de certa forma com o sociólogo Bauman, sendo eles seus contemporâneos e não menos curiosos para entender essa forte transformação de ideias e comportamentos. Um dos mais famosos é o filósofo francês, Lyotard. Em seu livro principal “A condição pós-moderna”, esse autor explica que a constatação da ideia de verdade construída lentamente juntos aos pensadores modernos faliu, ou seja, aquilo que pensávamos que era verdade se tornou uma hipótese. Logo, no entendimento dele, a pós-modernidade é um problema do saber filosófico.

Ele destaca de modo particular a falta de credibilidade de qualquer ‘grande narrativa’, isto é de qualquer explicação compreensível que nomeie e coloque as partes constitutivas da realidade. As relações não são apenas fragmentárias, mas também arbitrarias. Isso tem um efeito profundo sobre a formação e a manutenção da identidade (Lyotard, 2002, p.24-39)

Outro grande intelectual que busca responder às questões do tempo moderno é o sociólogo Maffesoli, que introduz o conceito de tribo urbana, um tipo de sintonia ou simbiose entre o mundo tecnológico avançado com o mundo arcaico e nostálgico (Maffesoli, 2000, p.173). É importante frisar que o pensar tecnológico está ligado ao racional e o arcaico à ordem dos sentimentos como afetivo e emocional, ou seja, tudo o que nos constitui e nos interessa como amor, paixão, ódio e desejo, pode ser potencializado com o domínio e uso da tecnologia, um dos exemplos que podemos ter é o surgimento da internet. Esta é algo extremamente sofisticado e usado na maioria das vezes para satisfazer os desejos íntimos e particulares na ordem do sentimento, por exemplo namorar ou bater papo. Logo, o que o sociólogo quer nos dizer é que ao contrário dos

tempos modernos, no mundo pós-moderno a razão está à serviço da emoção e a tecnologia se tornou o grande espelho potencializador desse sentido.

No desenvolvimento tecnológico, a Pós-Modernidade se diferencia entre todas as outras fases históricas antecedentes. Temos uma conjunção entre o que sempre existiu para o ser humano, o arcaico e o que veio a ser uma novidade e uma evolução histórica, a tecnologia. O esquema a seguir ilustra a ideia básica de Maffesoli quanto à passagem da Modernidade para a Pós-Modernidade:

Social	Socialidade
Estrutura mecânica	Estrutura complexa ou orgânica
(Modernidade)	(Pós-modernidade)
Org. econômica e política	Massas
Indivíduo	Pessoas
Função	Papel
Grupos contratuais	Tribos efetuais
(domínios culturais, produtivo, cultural, sexual, ideológico)	

Esquema 1: Modernidade versus Pós-Modernidade Fonte: (Maffesoli 2000, p. 9).

De acordo com o esquema demonstrado acima, a Modernidade era regida pela estrutura social. Grupos estruturados, permanentes ao longo do tempo e formados por indivíduos que compartilhavam características determinadas, ou seja, identidades. “O indivíduo podia ter uma função na sociedade, e funcionar no âmbito de um partido, de uma associação, de um grupo estável” Maffesoli, 2000, p. 108. Na Pós-Modernidade, a formação grupal estruturada deixou de existir e surgiu a socialidade, que é um movimento das massas que não se encaixa na lógica da identidade, mas sim na da emocionalidade, das experiências e dos sentimentos compartilhado. O que move as pessoas a estarem em grupo é apenas o prazer de estarem juntas, não há alguma ideologia como base ou finalidade específica, é uma forma de viver o presente

coletivamente em busca de um sentido estético. Ao despontar a lógica da emocionalidade, surge a pessoa, por referir-se etimologicamente a persona, máscara social, que são os diversos papéis que a pessoa atua nas várias dimensões da vida e nos grupos a que pertença. Na Pós-Modernidade, a pessoa atua em um mundo como se fosse uma grande teatralização, sendo uma personagem que encarna um pouco dela mesma em cada espaço de atuação, mas não em sua totalidade. “Mudando o seu figurino, ela vai, de acordo com os seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amiciais) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do thea-trum mundi” (Maffesoli, 2000, p.108).

Outro grande pensador que busca compreender a sociedade pós moderna é Edgar Morin, sua principal indagação é compreender que o mundo pós-moderno se caracteriza pela sua fragmentação dos saberes, logo um pensar pós moderno é aceitar a diferença e misturar tudo o quanto for possível, pois aceitar algo, não me permite negar o outro, são coisas apenas diferentes e com seus valores distintos.

Então, o problema evidentemente, é que as ciências humanas deviam se ligar umas às outras. Mas isso é apenas uma parte do humano. A outra parte é aquela que faz de nós animais. Nós sabemos mais que não somos apenas descendentes de uma evolução biológica em nós. Ou seja, somos primatas como os chimpanzés, somos mamíferos como cães e gatos, somos vertebrados como os peixes. Somos, portanto, animais. Depois, sabemos também que somos seres policelulares, ou seja, os herdeiros das primeiras células que apareceram na terra há quatro bilhões de anos, no entanto, tudo isso está separado, pois estudamos o espírito na psicologia, mas o cérebro é estudado na biologia. Não conseguimos conceber aquilo que une os dois, pois o cérebro é estudado com conceitos bioquímicos, e o espírito com conceitos psicológicos e intelectuais. (AUDY, 2007, p. 23)

Durante a modernidade os homens eram vistos como o homem da produção, da indústria, do pensamento positivista, até quando surge as contradições e percebe-se que o indivíduo possui duas dimensões: a do homem “ludem” (jogo) e a do homem “demens” (loucura). Compreende-se então, que precisamos romper com todas ou possíveis amarras da relação de poder, das

quais possa impedir a execução do desejo. Ser pós-moderno é deixar as coisas fluírem naturalmente.

Uma outra obra também muito lida e estudada para compreender o nascimento da sociedade pós-moderna foi desenvolvida pelo filósofo francês Lipovetsky em seu título mais lido, "A era do vazio", ensaios sobre o individualismo contemporâneo escrito em 1988. O filósofo vai enfatizar que a pós-modernidade tem como característica fundamental a de ignorar o futuro, a de perceber nele uma decadência, pois se torna um amanhã não existente, logo não possível em se consumir. Portanto, ser pós-moderno seria construir e se preocupar com o presente, pondo fim à ideia de futurismo, o que está em jogo e o que pode ser feito é o agora, seja ele para o bem ou para o mal, não devemos mais nos preocupar com sacrifícios que nos engessa, que me obriga a viver o dever e não o ser.

Podemos compreender esse pensamento através das diversas Ongs, espalhadas pelo mundo em que sua principal atividade está em fazer o bem ou o certo. A diferença é que antes na mentalidade moderna fazer o certo ou o bem seria agir conforme as condições que me indicaram fazê-las, ou seja, me dispor tempo, atenção e economicamente a me dedicar à causa (*Médico sem fronteiras*, *Cruz vermelha*, entre outros). Na sociedade pós-moderna, posso me envolver com esse tipo de entrega, muito mais flexível, por exemplo, apenas contribuindo financeiramente com um depósito bancário e no fim do ano apontando minha contribuição no Imposto de Renda. Pode ser algo um pouco mais frio e não envolvente, mas segundo Lipovetsky é menos custoso e me dá o mesmo efeito, o de uma consciência tranquila por ter contribuído de alguma forma com o bem comum social. Saímos assim da uniformidade, o de precisarmos fazer tudo igual, obedecendo o mesmo percurso e as mesmas formas, fazendo do sacrifício uma obrigação.

Baudrillard, sociólogo francês é conhecido por seus paradoxos e pela sua ironia, é um pensador provocador que se debruçou a entender a sociedade de massa e sua construção para vivenciar uma realidade virtual. É autor de alguns livros importantes, por exemplo "Simulacros e simulações, de 1981", que inspira uma produção cinematográfica muito impactante ao seu tempo, a trilogia

Matrix, 1999. Ainda que o próprio Baudrillard não tenha gostado muito, sobre o argumento de que foram superficiais com a temática.

Em uma outra obra “Sociedade de consumo, de 1970”, ele discute a natureza do sujeito e do objeto, o que antes na modernidade o sujeito era o agente consumidor do objeto, ou seja, fazia do objeto sua identidade de ser mediante ao que teria condições em consumir, agora na pós-modernidade, esse mesmo objeto que o identificava, anunciado pelas propagandas, criando a necessidade de seu consumo, começa a se tornar irrelevante, pois o homem pós-moderno não consome mais o objeto, mas sim a marca, o valor, o símbolo que está por trás desse objeto, um conceito virtual com sensação de prazer.

Poderíamos aqui citar vários outros pensadores: o escritor italiano Eco, o filósofo francês Foucault, os filósofos também franceses Beauvoir e Sartre, o movimento de intelectuais franceses dentro da “escola dos Annales”, os alemães da escola de Frankfurt. Estes são alguns dentre tantos que estudaram ou em certa medida influenciaram o desenvolvimento da transformação sócio-econômico e cultural desse mundo pós-moderno. Porém, quero apresentar uma outra pensadora: Arendt, não menos influenciadora e tão pouco menos importante para compreender os “avatares” da pós-modernidade. Ao mesmo tempo em que o mundo conhecia esse número intelectual bem substancial nele, de acordo com essa pensadora, também se conheceu os horrores de uma sociedade não pensante, ou seja, que se recusou a pensar, fortalecendo assim o advento de um regime totalitário, opressor e excludente. Essa pensadora é conhecida por discutir a barbárie, estudar a potencialização do mal e de tanto investigar e refletir, ela cunha sua célebre frase, que irá mexer com as estruturas de sua época, “vivemos a banalidade do mal”.

As ideias de Arendt quanto à potencialidade do indivíduo produzir uma barbárie são até hoje evidenciadas. A banalidade do mal que ela chama a atenção, pode ser observada em vários fatores que nos cercam: política, felicidade, desejo, informação, violência, amor, religião, entre outras ações. Ficaremos aqui com a questão do amor, não menos significativa e ao nosso olhar, influenciadora para todos os outros. Parafraseando a pensadora, pois ela não gostava de se intitular filósofa, podemos afirmar que além de uma “banalidade do mal” “na contemporaneidade, vivemos também uma espécie de

“banalidade do amor”, pois ele mesmo acaba sendo confundido com outros estágios de nossos sentimentos, tais como desejo, paixão, romance, sexualidade e outros.

Arendt nos trouxe em seus livros novos significados para compreendermos o espaço público, tanto em nosso relacionar quanto a compartilhar e conviver no mesmo espaço. Dentre esses livros podemos apontar dois mais lidos, “A condição humana, de 1958 e Eichmann em Jerusalém, de 1963”. O novo olhar que a pensadora nos traz é perceber que regimes totalitários vividos entre as guerras, e nos dias atuais em ações semelhantes, continuam a exercer muita influência em nossas ações ditas livres e democráticas. Quando aceitamos e não refletimos sobre a naturalização das coisas, ou seja, quando nos acostumamos com o que está exposto e determinado por alguém ou por alguma ideia, isso acaba se tornando um belo pretexto para cada cidadão individualmente não assumir seus próprios compromissos e com isso acaba buscando se esquivar da tarefa de não pensar ou mesmo não refletir sua própria ação na mudança ou não aceitação pelo o que foi exposto.

Seguindo a mesma linha de raciocínio dos outros pensadores já expostos até aqui, Arendt chega à conclusão de que o século XX trouxe colapso à razão, pois todo o tipo de esforço de criação tecnológica fora usado em grandes porcentagens para destruir vidas e aniquilar pessoas. Acreditar na ideia de que existe uma natureza humana e que essa é igual para todos, daí vem o erro do regime totalitarista que permeia muitas mentalidades, fazendo muitos se enganarem e agirem de forma alienante. Não existe uma natureza humana, existe uma condição humana, algo que ela nos traz de seus estudos sobre Santo Agostinho, quando o mesmo já se fazia essa pergunta. A banalidade do mal está na nossa capacidade de julgar e na nossa incapacidade de agir.

Nesse sentido, a pós-modernidade nos traz uma ideia de que não é a materialidade que determina as coisas, mas o sentido que atribuímos a ela. O sujeito passa a inventar sentidos, criar significados, atribuir verdades sem se preocupar que possam vir a ser uma miragem ou um oásis totalitarista. Na pós-modernidade não está a preocupação de uma renovação, inovação ou libertação, apenas a simples constatação e descrição do estado das coisas em

que vivemos. Ela é a ausência de fronteiras, é a tentativa de uma nova compreensão de entender o nosso mundo.

O sociólogo Bauman vê nessa ausência de fronteiras uma fragilidade, em específico a de não se ter mais referências e fazer das existentes um laço muito frágil para assegurar suas garantias. Ele chama a partir de então a pós-modernidade de “modernidade líquida”, termo criado por ele, para tentar deixar mais claro o que é viver em um mundo pós-moderno, pois o termo que ele cunha vai além do conceito. Bauman desenvolve uma ideia de que, tudo está em constante movimento, tudo se dilui ou se desfaz no tempo, nada é para sempre, o consistente dá espaço ao flexível e há com isso uma ruptura com as autoridades tradicionais detentoras das meta-narrativas.

Uma sociedade líquido moderna, de acordo com (Bauman 2009, p.7), “é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir”. Logo não dá para mantermos a forma e permanecer imóvel, a vida pós-moderna ou líquido moderna se apresenta em constante movimento: o que se demonstra ativo hoje, amanhã se torna passivo; o que é moda, amanhã já passou, e assim vamos constituindo os novos indivíduos ou cidadãos que não estão mais preocupados com o que passou, mas sim ao que vivemos atualmente. Esse é o comportamento, sob o olhar do sociólogo “a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante.” (Bauman 2009, p. 8), frase essa um tanto quanto realista e não menos desesperançosa. Assim, o sociólogo é acusado de ser muito pessimista quanto ao futuro dessa sociedade sociocultural, que de alguma forma atinge diretamente a nossa capacidade do amar a si próprio.

Enfim, podemos observar depois de todas essas referências para compreender a pós-modernidade, que os pensadores estão dizendo quase a mesma coisa, que o “conhecimento é limitado”. Diante de tantas formas de saber contemporâneo, por exemplo: cinema, literatura, artes, filosofias, músicas e outras, torna-se difícil a insistência em uma verdade única, logo podemos entender que a certeza no mundo pós-moderno entrou em crise e está sentada no divã.

Três princípios podemos absorver das ideias desses pensadores, pois ainda que eles nos tragam dimensões bem diferentes quanto à observação de cada característica de uma atitude pós-moderna, suas indagações podem ser compreendidas assim: 1) a pós-modernidade critica a ideia do indivíduo se considerar um sujeito autônomo, que domina todo o tipo de natureza contida em si, aceitar com tranquilidade que somos sujeitos da razão, porém não o tempo inteiro, precisamos reconhecer nossos limites de negação; 2) a segunda ideia que podemos tirar é a da valorização e o reconhecimento do papel do iluminismo na libertação dos pensamentos absolutistas, oferecidos pelas instituições sociais de domínio obscuro, a sociedade e em especial ao mais fraco e desprotegido. O problema é que os próprios iluministas acabaram chegando ao seu limite sobre a conquista do domínio da razão, se tornando em ideias totalitaristas e assim sufocando o ser (sensação) em detrimento do dever ser (lei). O eu, antes se fazia em nome de Deus e do medo, depois passou a se fazer em nome da ordem e do progresso; 3) o terceiro princípio que absorvemos dos pensadores está na linha da negação de progresso linear, positivo e inexorável, sendo que essa seria uma ideia evolucionista de que sempre estamos avançando para um mundo melhor, sem a possibilidade de recuo. É fato que essa possibilidade não se sustenta, pois é uma fissão tipicamente etnocêntrica ocidental europeia, portanto reduzida ao seu campo de conhecimento e vivência, desconsiderando as anuências de outros fatores externos de diversas culturas.

A pós-modernidade se apresenta como uma crítica ao que chamamos de fundamento, ao que as pessoas dizem que são sólidos, os saberes construídos por meio de pesquisa, comprovação e experimentação. Entretanto, essa universalidade moderna acaba se diluindo, pois a cada dia uma teoria se levanta para contradizer a outra, e ainda que não se contradiga, perde força com a aceitação da outra que melhor deu sentido à vivência.

Em um contexto pós-moderno, a unidade e a originalidade não causam preocupação, pois não se vive uma certa angústia de influência, já que somos invariavelmente influenciados, tudo se mescla, se mistura, se copia e isso de certa forma é bom, pois estamos nos identificando com algo e influenciando para seu melhoramento. Maffesoli cita que a pós-modernidade é a conciliação dos inconciliados, ou seja, o equilíbrio dos antagonistas. Sendo assim, podemos

definir a nossa cultura contemporânea um resultado da relação cultural e de imagem. E como um bom aluno da fenomenologia, ele procura fugir dos conceitos, pois entende que esses não dão conta da realidade apresentada, diz ele em uma entrevista sobre esse assunto:

Em geral, sempre tive certa desconfiança em relação a conceitos que me pareçam muito fechados. Aliás, em latim, a etimologia da palavra conceito vem de *concepire*, que quer dizer fechado. (...) Segundo a minha hipótese, nós estamos vivendo um momento de mudança de paradigma. Mudança que se chama uma mudança societal. Parece-me, então, difícil conservar uma concepção, uma perspectiva sistemática baseada justamente nesses conceitos. É por isso que propus utilizar o que chamo de noções, de metáforas. São imagens, na verdade, que possuem um lado mais flexível, mais dinâmico e que me parecem, assim, mais conectadas com uma realidade social que é, ela mesma, flexível, dinâmica, fugitiva. (Educação Real., Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 521-532, maio/ago. 2011.)

Não que o sociólogo negue os conceitos, pelo contrário, só percebe que hoje alguns deles não dão conta de explicar ou exemplificar a sociedade dinâmica da qual estamos inseridos.

Diante de toda essa percepção intelectual frente ao mundo contemporâneo e seus distintos conceitos, o Papa Francisco tem procurado em seus discursos entender também as causas desse mundo agitado, complexo e mutável e ao mesmo tempo oferecer uma saída. Ele sustenta que devido à complexidade do mundo contemporâneo, a forma de se constituir e se sustentar uma família nos tempos atuais se tornou também muito mais complexa, pois não vivemos mais um mundo de definições firmes e engessadas, ou seja, é preciso se ater às luzes e sombras de todos os significados, não vendo uma ação apenas de forma homogênea e sim diversificada. Logo, cada caso é um caso, exigindo assim um olhar mais minucioso de um amor heterogêneo, respondendo aos anseios de suas próprias realidades. Foi o que procurou fazer apontando e direcionando todo seu presbitério e fiéis na importância de amar e se sentir

amado, para assim poder oferecer o evangelho, a boa nova, sua maior essência *Amoris Laetitia*, sobre a “Alegria do Amor” (AL n 31)⁴

De acordo com o Papa Francisco; “(...) Nem a sociedade em que vivemos, nem aquela para onde caminhamos permitem a sobrevivência de formas e modelos do passado”. (AL n 32)

O Papa Francisco alerta para o perigo de se viver um individualismo na família levando-a a tornar-se uma ilha, esquecendo as armadilhas de se enfrentar os problemas que não de vir. Ele afirma: “As tensões causadas por uma cultura individualista exagerada da posse e fruição geram no seio das famílias dinâmicas de impaciência e agressividade”. (AL. p. 26)

Assim como exposto há pouco, pelas ideias centrais do sociólogo Bauman, na sua obra *Amor Líquido* e por tantos outros intelectuais, sobre a exortação apostólica *Amoris Laetitia* do Papa Francisco, verificamos que há uma simbiose e também salutar preocupação de se compreender as novas relações humanas afetivas que de alguma forma interferi na minha relação como o outro e inevitavelmente com os outros dos quais se constituem nossa sociedade. Possa ser esse outro um indivíduo sem identidade religiosa em suas relações sociais diárias, ou mesmo um ser de credo confessional, que diante de tantas ideologias e informações imprecisas, acabam se deixando iludir pelo mais fácil e normalmente o mais frágil. Com isso, vivencia a cultura líquida e de descarte, totalmente contrária ao amor e sua essência incondicional.

Uma das maiores dificuldades em se encontrar e vivenciar o amor está no fato de muitos acharem que este possa ser apenas um “objeto” ou sentimento a ser conquistado. Mas, ao analisarmos com um pouco mais de atenção, perceberemos que essa possível conquista não se sustenta, pois esse sentimento é uma realidade inata ao indivíduo, é algo que surge com ele, porém, que precisa ser cultivado e desenvolvido. Compreende-se assim, quando muitos dizem que o amor é algo apenas sentimental, vivenciado aos frágeis e emotivos indivíduos, por isso que temos no mundo contemporâneo dificuldade em expressá-lo ou conceituá-lo, pois cada um tende a entendê-lo, de sua forma

⁴ Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3172/317227057015/>> Acesso em: 1 out 2018.

particular e individualista. Estamos dizendo que a sociedade contemporânea tem um quê de paradoxal, pois deseja algo que não pode ser seu de forma prisioneira, o amor necessita ser conjugado no “nós”, pois é livre e autônomo.

Essa liquidez do amor, fragilidade ou mesmo banalidade, tem suas raízes na nossa relação com o consumo. Há uma espécie de educação ao consumo de forma implícita e explícita em cada comercial, pois traz em seu significado que se você não possuir, estará de fora e excluído do convívio dos privilegiados. Todos nós de alguma forma já nos deixamos atingir por infindáveis roteiros de histórias de amor, transmitidos nas novelas, filmes e teatros. Tantos mais, ouvimos e nos emocionamos com canções e poesias que nos levam a um estado de sensibilidade tamanha que acabamos, alegrando, esperando ou mesmo chorando, por esse sentimento que por vezes nos traz alegrias e tristezas.

Esse mesmo sentimento é vivido nos casais, jovens ou adultos, que souberam viver a esperança e as conquistas por ele oferecidas. Em um ser religioso, humanista, líder, político ou apenas idealizadores que cada um em sua condição lutou e idealizou uma sociedade mais justa, fraterna e equitativa socialmente.

Devido todas essas variedades de visões e ações, acabamos nos tornando de certa forma especialistas na arte de amar e sofrer quando não somos amados, favorecendo com isso uma individualização do sentido de amar, potencializando nossos amores e sofrimentos e negando a possibilidade de regeneração e construção com o outro, pois egoisticamente temos a tendência a ver “nossa felicidade e sofrimento como únicos e intransferível”.

Portanto há muito a se estudar e entender nesse mundo contemporâneo. Ficaremos aqui por um olhar ou um recorte da sua complexidade, se apoiando nos estudos e análises do sociólogo Bauman para uma compreensão mais profunda sobre a exortação apostólica *Amoris Laetitia* do Papa Francisco, visando responder os anseios das famílias do século XXI.

1.2 O niilismo e o hedonismo na sociedade líquida.

Uma sociedade ou mesmo uma cultura não se constrói do nada, sempre temos algumas influências e mesmo referências pelas quais justifiquem ou entendam nossas ações momentâneas. Foi o que propomos no capítulo anterior quando apresentamos alguns dos mais reconhecidos estudiosos da pós-modernidade à cada um com seu olhar e sua teoria sobre a nossa mudança de comportamento frente aos novos desafios de uma sociedade identificada pela velocidade e pressa pelo caminho do progresso.

Nos propusemos a entender o amor na sociedade líquida de Bauman e da relação humana descartável denunciada pelo papa Francisco em sua encíclica *Amoris Laetitia*. Entendemos que seria de profunda importância compreender dois conceitos bastante significativos dos quais se fazem muito presentes nesses tempos de liquidez e de consumo. Apesar de já apresentado anteriormente que alguns acontecimentos do século XX simbolizaram o surgimento da sociedade pós-moderna ou contemporânea, apresentaremos aqui mais dois que não deixam de ser menos significativos, e em uma visão mais minuciosa percebesse que esses podem ter sido a semente ou o embrião desse fruto que chamamos de mundo líquido contemporâneo.

No final do século XIX, mais precisamente em 1882, um livro publicado e intitulado “A gaia ciência”, do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, nos traz uma sentença que realmente abalaria as estruturas do próximo século. Sabemos que Nietzsche não fora um filósofo convencional, ao contrário, sua sensibilidade para manter o que estava em pé era quase nula. Portanto, não é à toa que seu estilo de transmitir suas ideias fora conhecida como a filosofia do martelo, devido a ele buscar bater e destruir toda e qualquer forma de condicionamento determinista humano do qual não respeitasse a sensibilidade. Diante disso sua mais famosa frase “Deus está morto”, vem como uma implosão nas estruturas institucionais daquele período, que vivia até então uma segurança trazida pela razão iluminista. Ele não apenas colocava em cheque a existência de Deus, talvez nem era essa sua verdadeira intenção. Mas se deixa claro que ele faz uma crítica ao racionalismo tradicional vivenciado e transmitido por instituições rígidas, frias e longe da realidade humana, desde a filosofia Platônica, passando pela teologia

Paulina. Na visão de Nietzsche, está aí centrada toda uma tradição da negação do ser.

O Homem nos tempos modernos vive uma angustiante procura de sentidos de um Deus verdadeiro que reconheça em suas angústias, a ânsia de viver suas plenitudes. Mas como encontrá-lo em um ambiente frio, obscuro e sem vida? O próprio filósofo cria essa metáfora do ser que perde sua lucidez e passa a procurar esse Deus que dê sentido e volte a iluminar o que se fez escuro e sem clareza:

Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? – E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? Perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? Disse outro. Está se escondendo? Embarcou em um navio? Emigrou? – gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com um olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos assassinos! (...) Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? (NIETZSCHE, 2009, p.147).

A sentença “Deus está morto”, busca como significado que no mundo moderno o supracosmético perdeu sua força de interferência e atuação, vivencia nesse momento uma ausência do eu, em troca do nós, essa é a raiz do niilismo em Nietzsche, o que mexerá profundamente com as estruturas conservadoras de sua época e que o filósofo Martin Heidegger buscará refletir em sua leitura sobre essa sentença:

Nietzsche emprega a palavra “niilismo” ... na sentença resumida: “Deus está morto”. Essa sentença que dizer: “o Deus cristão” perdeu o seu poder sobre o ente e sobre a definição do homem. O “Deus cristão” é ao mesmo tempo a representação diretriz para o “supracosmético” em geral e para as suas diversas

interpretações, para os ideais e para as normas, para os “princípios” e as “regras”, para as “finalidades” e os “valores” que são erigidos “sobre” o ente a fim de “dar” ao ente na totalidade uma meta, uma ordem e – como se diz de maneira sucinta – um “sentido”. Nihilismo é aquele processo por meio do qual o domínio do “suprassensível” se torna nulo e caduco, de tal modo que o ente mesmo perde o seu valor e o seu sentido (HEIDEGGER, 2007, p. 22).

Vemos aqui uma das primeiras tentativas do homem pós-moderno, ainda que o mesmo esteja situado em um contexto moderno. Esse homem já demonstra sua insatisfação, angústia ao excesso de negação e individualidade em troca do todo. Apesar do filósofo indicar um personagem, ele apenas busca denunciar o que fizeram do mesmo, o aprisionando em “regras”, “valores” e em ordens totalitárias”, assim o sufocando e se fazendo desaparecer no cotidiano de uma paisagem sólida e degradante de pouco sentido.

Se apropriando dessa sentença de Nietzsche, parafraseamos como ele em sua percepção ao seu tempo: “Deus está morto” e com eles todos os seus valores, buscaremos aqui também analisar se “o amor está morto”, ou ao menos o que ele representa dentro de uma sociedade líquida contemporânea baseada no consumo e no descarte de barreiras e fronteiras não mais sólidas.

Por fim, não poderíamos deixar de mencionar a obra e o autor que influenciou e muito, o sociólogo Bauman, do qual estamos aqui nos apoiando para entender esse nosso mundo contemporâneo de tantas anuências e contradições, que fará a Igreja, na pessoa do Papa Francisco, se debruçar em compreender e oferecer novas ações dentro de um documento norteador, a encíclica *Amoris Laetitia*. Este documento trata da nova forma de se compreender a família e a união conjugal dentro de uma sociedade consumista e descartável, proporcionando assim um sufocamento do amor relacional. O Papa Francisco nos chama atenção que o amor tem que produzir alegria e esperança, e não o seu contrário.

O livro, “Mal-estar na civilização” de Sigmund Freud, produzido na crise econômica da bolsa de New York nos E.U.A. de 1929, tem como característica um livre pessimista, ao menos assim visto pela crítica, pois a abordagem que o

autor faz possivelmente retrata bem o clima de ansiedade, medo, ausência e desespero que cada cidadão estadunidense tinha quanto à esperança de um dia melhor. Na obra que tem um viés mais sociólogo do que psicanalista, Freud vai discutir o problema da felicidade, portanto irá de encontro com seu contrário, que é o de analisar o sofrimento humano.

Em sua teoria, o ser humano não nasceu para ser plenamente feliz, pois há coisas que interferem: a natureza de nossas ações (não temos o domínio das nossas pulsões, como ficar triste ou feliz, apenas a admoestamos); a decadência do corpo (assim como em tudo se está no tempo, o mesmo tem a força de fragilizar tudo que um dia fora novo e forte); o convívio com o semelhante (somos um ser social por natureza, logo precisamos do outro, estamos sempre para garantir esse convívio, negociando nossas ações). Assim, aparentemente Freud se apresenta um pessimista, pois não consegue encontrar uma resposta tão plausível sobre o sentido da vida, resume-se a informar que ao seu ver, o homem tende a dois objetivos em se resolver: o da ausência de desprazeres e o da presença de sensações constantes de prazeres. No intervalo ou no domínio disso, se encontra a felicidade, portanto algo impossível, devido à dinâmica de nossa ações e seus fatores externos.

Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Não há possibilidade alguma de ele ser executado: todas as normas do universo são-lhe contrárias. Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja 'feliz' não se acha incluída no plano da 'Criação'. O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer

intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas. (Freud, 1974: p.32-33)

Dessa constatação da impossibilidade em alcançar a felicidade plena e com isso submeter nossas ações em prazer e desprazer, sendo que a mais vivenciada será a do desprazer, pois essa se orientará para a constituição de uma civilização regida por leis que valorize o convívio coletivo social, independente das razões e angústias particulares, essa análise freudiana exige moderação e renúncia em benefício da vida comum, se tornando a raiz do mal-estar de uma civilização. Assim se formou a ética da sociedade moderna, que Bauman diagnosticará tendo entrado em colapso ou que não se sustenta mais, pois se diluiu liquidamente ao tempo, se tornando hoje o contrário, o de viver o máximo de satisfação e negando as renúncias.

Essa obra de Freud influenciará boa parte do olhar de Bauman para entender o tempo contemporâneo e dele denominar um novo conceito “modernidade líquida”. Uma prova disso é observarmos o primeiro livro que o mesmo lança parafraseando o original do psicanalista Freud, que desenvolverá a obra “O mal-estar na civilização”, escrito em 1929/30. Um pouco mais de 70 anos, em 1997, o sociólogo começa sua análise de vivermos uma sociedade líquida como seu primeiro clássico, “O mal-estar da pós-modernidade”. Porém, com outro olhar, divergirá de Freud quando afirma que o que mais nos frustra em viver numa civilização são as renúncias sexuais. No entender do sociólogo, o que está em jogo no mundo contemporâneo e líquido são as frustrações da ausência do consumo, pois seria o mesmo que me daria a garantia da minha identidade, ou seja, sou o que consumo, e se isso me faltou, logo não sou.

Bauman também observa por meio do texto de Freud que há um rompimento da autoridade e das normas, que antes se apresentavam estáveis. Hoje, vivencia-se um mundo de insegurança e solidão, pois perderam-se as referências a seguir, deixando assim os cidadãos perdidos e desorientados por agora terem que buscar uma avalanche de informações. Segundo Bauman “é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que o necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir”. (2009 p.7). As coisas logo estão em constante movimento.

1.3 A identidade de uma sociedade líquida (Online and offline) - (consumo e descarte).

O sociólogo Bauman, nascido na Polônia em 1925 e falecido em 2017, é considerado um dos grandes pensadores do mundo contemporâneo, pois até próximo de sua morte manteve sua lucidez e vida ativa, antenado aos acontecimentos que cercavam a sociedade, assim como outros intelectuais, já mencionados no início do texto, Lyotard, Baudrillard, Maffesoli, Arendt e outros. Bauman viveu os horrores da Segunda Guerra Mundial, seu país invadido o levou a se exilar e militar no socialismo soviético, pelo qual influenciara muito no seu pensar e olhar socialista, do qual morreu dizendo que era, mesmo quando foi se afastando da militância devido alguns horrores que foi presenciando, um dos exemplos, quando seu pai foi impedido na baixada israelense em Varsóvia de migrar para Israel, sendo eles judeus. Bauman, a partir de 1973 morou em Leeds. Na universidade onde lecionou por muito tempo e se tornou professor emérito começou a ver e se deixar atingir aos novos acontecimentos que rondavam o nascimento dessa nova sociedade, que seus colegas denominavam de pós-modernidade, termo que também adotou, dedicando até um livro com esse prefácio “O mal-estar na pós-modernidade”. Ele foi professor até o fim de sua vida, estava sempre em diálogo com o pensamento atual, por meio de suas aulas e contato com seus alunos.

A partir do ano 2000, Bauman resolveu abandonar o termo pós-modernidade, pois entendeu que o mesmo já não dava conta ao que estava acontecendo e desde então passou a utilizar “modernidade líquida”, ligando esse conceito com o sentido de demonstrar que o que começamos a vivenciar no mundo contemporâneo é a desintegração do mundo sólido que vivíamos nos tempos modernos. O mundo agora é fluído e contínuo, diferente do que era rígido e eterno na modernidade, agora nos moldamos conforme nosso ambiente e necessidade, diferente do mundo sólido que precisava de muita força para penetrar a mudança das formas rígidas. Diante disso, o sociólogo passa a se perguntar o que se entende agora por emancipação, individualidade, tempo, espaço, trabalho e comunidade.

Logo no início de seu livro, “Modernidade Líquida”, Paul Valéry indica o que Bauman destrinchará ao que chamará de mundo líquido.

Interrupção, incoerência, surpresa são as condições comuns de nossa vida. Elas se tornaram mesmo necessidades reais para muitas pessoas, cujas mentes deixaram de ser alimentadas... por outra coisa que não mudanças repentinas e estímulos constantemente renovados... Não podemos mais tolerar o que dura. Não sabemos mais fazer com que o tédio de frutos. Assim, todas a questão se reduz a isto: pode a mente humana dominar o que a mente humana criou?

O objetivo aqui não é fazer uma análise sociológica sobre a mudança do estado sólido do mundo moderno ao mundo líquido pós-moderno, então não ficaremos aqui a discutir e entender em que momento aconteceu essa passagem. Entretanto, não menos relevante, buscamos aqui entender que se hoje vivenciamos o mundo dos contrários (controversos), é porque em algum momento ele foi desejado e estimulado a acontecer. Acreditamos até que seu objetivo principal não seria o que nos propusemos a estudar: a Liquidez das relações humanas, pois ao ver as fontes que o autor apresenta, nota-se que havia uma preocupação maior com a liberdade econômica e política, do qual emergia o desejo de um pensamento liberal capitalista.

Diante disso atemo-nos apenas à justificativa do porquê o autor não se utiliza mais do termo pós-moderno e passa a entendê-lo como líquido-moderno.

Concordo prontamente que tal proposição deve fazer vacilar quem transita à vontade no “discurso da modernidade” e está familiarizado com o vocabulário usado normalmente para narrar a história da modernidade. Mas a modernidade não foi “derretimento dos sólidos” seu maior passatempo e principal realização? Em outras palavras, a modernidade não foi “fluida” desde sua concepção? (Bauman, 1999 p.4)

Deixando de lado, ou ao menos não aprofundando a importância do estado econômico que o autor busca sintetizar diante das conquistas contemporâneas, vamos debruçar mais a atenção do qual ele apresenta sobre as consequências que esse pensamento líquido trouxe à família, uma das instituições que fora atingida em cheio, quanto às suas concepções de vivência tradicional.

Se partirmos da mesma concepção de Bauman, quanto ao seu entendimento sobre a capacidade de significado e significância do termo por ele atribuído à nossa sociedade líquida; “os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaziam-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, inundam”, borrifam”, pingam”, são filtrados” destilados”. P.3

Seria quase que impossível com essa imensa capacidade de adaptação da liquidez, a família não ser atingida. Pois o relacionamento nos dias atuais se tornou mais importantes do que apenas o conviver junto para sempre (até que a morte o separe). Essa expressão puramente de cunho racional e castradora da ordem dos meus sentimentos, dos meus desejos, não se faz mais sentido, quando o que está em voga agora é a flexibilidade e a leveza da relação humana, da troca de interação com o outro. O autoritarismo patriarcal, a submissão feminina não ecoa mais aos ouvidos de uma sociedade que pulsa por liberdade e satisfação. Acredita-se e luta-se pela expressão “em busca da felicidade”, e nega-se ou diminui-se o valor de “até que a morte os separe”.

Essa forma de pensar e interagir com o mundo contemporâneo que Bauman busca exemplificar, pode ser atribuída a toda a esfera de relacionamento social e não só familiar. Pesemos quando buscávamos entrar em uma empresa e nela crescer e alcançar o cargo mais alto que minha capacidade poderia chegar, ou seja em muitos casos nela se aposentar. Um veículo que sonhávamos conquistar e dele se tornar um objeto sentimental e familiar que dificilmente o trocava por outro. A valorização do primeiro beijo, o primeiro amor, tudo preso no tempo, pois por mais que se passa-se esse momento marcante não seria apagado com outras novas experiências, já que bastaria uma música, um lugar, alguma situação para trazer a lembrança repentina, mas não menos significativa e emocionante do que fora vivido entre mim e o outro.

Não podemos negar que vivemos negação de valores ou ao menos mudança deles, o que não faz mais sentido em seu consumo é descartado, todo esse sentimento que acabamos de mencionar vividos pela memória, não se faz mais presente, devido à nossa capacidade de esquecimento ou desligamento dos acontecimentos que me fizeram passar por algum sofrimento, ou seja,

vivemos a cultura do “online and offline”, estou ligado ao que me dá prazer e felicidade e desligado ao que me traz tristeza e sofrimento.

Os primeiros sólidos a derreter e os primeiros sagrados a profanar eram as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações que atavam pés e mãos, impediam os movimentos e restringiam as iniciativas. Para poder construir seriamente uma nova ordem (verdadeiramente sólida!) era necessário primeiro livrar-se do entulho com que a velha ordem sobrecarregava os construtores. (Bauman 1999 p.5)

Dentro dessa perspectiva, encontramos assim a velha concepção familiar tradicional que carregava um fardo muito pesado de responsabilidade para com a sociedade, em que se busca abandonar essa concepção familiar offline, sem vida, fria e existente apenas pelas obrigações sociais. Hoje, mais que tudo, luta-se por uma concepção mais leve, renovada e feliz que podemos chamar de família online, ligada às transformações e se adaptando ao mundo.

Mas como podemos dizer o que é a família nessa sociedade contemporânea e como podemos identificá-la? Suas bases se perderam? Irão se perder? Ou só sofrerão mudanças em sua moldura e não em sua estrutura? Bauman tenta entender esse fenômeno a partir de uma entrevista que o intelectual Ulrich Beck dá em 1999 sobre como ele enxergava a família contemporânea e aparentemente “profética”, sem conotação religiosa e sim apenas de observar as causas e consequências. Hoje em vários filmes modernos e alguns futuristas, comenta-se de “categorias de zumbis, os chamados mortos vivos. Ele menciona a família como uma das classes dessa categoria, dando exemplo:

Pergunta-se o que é realmente uma família hoje em dia? O que significa? É claro que há crianças, meus filhos, nossos filhos. Mas, mesmo a paternidade e a maternidade, o núcleo da vida familiar, estão começando a se desintegrar no divórcio... Avós e avôs são incluídos e excluídos sem meios de participar nas decisões de seus filhos e filhas. Do ponto de vista de seus netos, o significado das avós e dos avôs tem que ser determinado por decisões e escolhas individuais. (Bauman 1999 p. 8)

Percebemos assim que há muito o que entender sob o pensamento do sociólogo Bauman, quanto ao seu olhar contemporâneo. Sabemos que o mesmo se tornou uma das maiores referências para se buscar essa compreensão, logo ele é estudado por todas as áreas de conhecimento devido sua vasta diversidade de conteúdos conceituais e significativos. Vamos tentar filtrar e nos ater apenas nesse que já ao nosso ver é de extrema densidade e relevância para se compreender nossas novas formas de se relacionar e demonstrar amor ou assim como se diria nos dias atuais, “novas maneiras de dizer eu te amo”.

CAPITULO II - A ORIGEM DO DISCURSO DO PAPA FRANCISCO

Neste segundo capítulo, pretendemos compreender quem são os destinatários do Papa Francisco e as raízes dos seus discursos que deseja atingir quando se pronuncia. Para isso, faremos um breve relato de sua vida e quais as influências do seu pensamento, seja no mundo secular ou no âmbito religioso.

Posto que estamos falando da dinâmica de se viver em um mundo contemporâneo do início do século XX até nosso tempo atual, apresentaremos nesse momento a grande mudança na Igreja Católica pós II Guerra Mundial com a convocação do Vaticano II e as consequências que se deram diante das decisões tomadas. A Igreja Católica não conseguia certos acontecimentos e situações do mundo moderno.

No período em que ocorreu o fim de um grande pontificado exercido por Pio XII, que teve como pano de fundo a catástrofe mundial (II Guerra e seus horrores para com a dignidade humana), o posicionamento da Igreja Católica foi bastante questionado. Para resolver os acidentes em que ela fora atingida, cresceu a consciência da necessidade de se discutir seu papel enquanto instituição ao serviço humano. Esse fato ocorreu logo após a morte de Pio XII, um papado longo e no mínimo discutível. O Concílio Vaticano II foi convocado pelo Papa João XXIII, pois a Igreja Católica precisava olhar para frente, se posicionar de forma mais clara e objetiva aos anseios de seus fiéis.

O Papa Francisco é um dos grandes símbolos do resultado dessa convocação, suas ideias e posicionamentos aparentemente novos, nada mais são do que a resposta que a Igreja desejava dar ao mundo do pós-guerra, há mais de 50 anos atrás. A Igreja com muita dificuldade procura entender o mundo contemporâneo, e Francisco paradoxalmente um Papa idoso se apresenta como o grande expoente dessa renovação humana e espiritual, buscando evangelizar pelo testemunho, entendendo que o exemplo vale mais que as palavras. Os gestos do papa buscam transmitir o que fora perdido pela frieza e insensatez da guerra e da burocracia, o de reconhecer o outro como meu semelhante.

2.1 Vaticano II - abertura de suas Janelas

Para entendermos as raízes do discurso do Papa Francisco, precisamos voltar nosso olhar para um momento bastante significativo ocorrido na Igreja, conforme resposta às necessidades do mundo pós-moderno e sua característica emancipadora. O Concílio Vaticano II teve uma profunda diferenciação em relação ao Concílio Vaticano I convocado por Pio IX (ocorrido entre 1869 – 1870 no século XIX). Este teve como objetivo principal reafirmar o poder pontifício, dando a ele o primado Universal e a infalibilidade no âmbito da fé e da moral. Diante desse pressuposto, o Vaticano I apresentou uma crítica contundente ao movimento do racionalismo, pois este se apresentava como única possibilidade de instância da verdade para a vivência da ação humana. Esse movimento foi muito difundido na França quando se definiu a razão como uma deusa. O concílio se posicionou devido à negação que se estava fazendo à verdade de fé, dando como insustentável tudo aquilo que a razão não pudesse compreender.

Devido a essa característica própria do Vaticano I, delegando ao Papa o poder supremo e da infalibilidade, criou-se um sentimento de que não se precisaria mais convocar nenhum concílio, pois a partir de então, o Papa poderia resolver tudo do qual fosse posto como dúvida de fé e moral. Logo, a existência do Concílio Vaticano II era um tanto improvável de se acontecer.

Quando Pio XII faleceu, após seu papado de longa duração, procurou-se eleger um Papa com mais idade, pois assim haveria menos tempo para se mudar estruturas fundamentais, que foram construídas ao longo do tempo. O Conclave elegeu João XXIII, um homem com 77 anos, de estrutura humana muito simples e piedosa, totalmente diferente do antecessor, que era conhecido por sua erudição e rigidez com assuntos complexos e políticos. Ele governou a Igreja de 1958 até 1963 e ficou conhecido sendo o Papa que iniciou a modernização da Igreja, pois segundo João XXIII: “a igreja precisa abrir suas janelas para respirar ares frescos”. Iniciou-se então o mais recente Concílio, ocorrido entre 1962 até 1965, já no século XX. Contra todas as expectativas e possibilidades, João XXIII convocou o então chamado Concílio Vaticano II, pouco tempo depois de sua posse, tendo alguns anos de preparação e discussão.

Esse Concílio conseguiu encerrar uma longa etapa da Contrarreforma e de uma neo-cristandade, modificando assim uma característica de rejeição em relação ao mundo e buscando entendê-lo, portanto sua contextualização implicava em discutir:

- “1. Alguns traços da Igreja da Contrarreforma;
2. Realidades socioculturais que provocam a crise desse modelo;
3. A crise dentro da Igreja, provocada pela entrada da modernidade;
4. Fatores imediatos que decidiram sobre a convocação e a orientação do Concílio nos seus inícios;
5. Evento conciliar”

(Libânio, SJ Cad.de Teologia Pública, ano 2 – nº16 – 2005)

Todavia, não se acreditava nem se esperava que este Concílio pudesse renovar ou mesmo alterar a maneira da Igreja Católica se colocar no mundo, pois os responsáveis pela doutrina da fé eram cardeais muito antigos e tradicionais, que produziram no sínodo antes do Concílio um agrupamento de 72 documentos. Portanto, muitos acreditavam que o Concílio só serviria para ratificar e endossar essas regras. Um pouco antes, o próprio papa João XXIII tomou medidas aparentemente retrógradas, por exemplo, a exigência do ensinamento da teologia em latim, algo que já não mais se fazia o que cerceava os exegetas mudando a função deles. Por conseguinte, a beleza divina está exatamente na contradição, e com João XXIII não fora diferente, pois ao mesmo tempo em que ele tinha uma posição tradicional e conservadora também tinha um coração humano. Um exemplo que se pode verificar dessa dualidade, está na relação que transmitia com seus contrários em âmbito ecumênico:

Ao aproximar-se daqueles que professavam outra confissão evangélica ou religião ou mesmo eram não crentes, buscava o diálogo em lugar de qualquer anátema. Olhava o mundo como o grande palco da ação de Deus e perscrutava os sinais dos tempos para entender o significado de agir de Deus. Conta-se que, ao receber o arcebispo

anglicano da Cantuária, Ihe teria dito; Tão pouca coisa nos separa, somente as ideias. O coração, a comunhão nos ideais humanos e cristãos pesavam para ele muito mais que divergências dogmáticas.

(Libânio, SJ Cadernos de Teologia Pública, ano 2 – nº16 – 2005)

Esse evento é um dos muitos que retratam a figura de um papa acessível e íntimo a todos aqueles que o procuram. Outro acontecimento também muito significativo (já que seu contexto histórico foi de grande tensão e sensibilidade) foi a recepção que fizera à filha do secretário-geral do partido comunista da União Soviética. O papa, bom e sensível comenta:

Minha senhora, sei que a senhora tem três filhos e até conheço o nome dessas crianças, mas gostaria que fosse a senhora mesma quem me dissesse os nomes de seus filhos, porque, pronunciados pela voz da mãe eles soam com uma ternura particular”. Rada disse os três nomes. Nikita; Alexei e Ivan. O Papa comovido retrucou: Que lindos nomes, senhora! Nikita é Nicéforo, um santo que é muito querido ao meu coração; cheguei mesmo, em Veneza, a ter oportunidade de venerar o seu corpo. Alexei é Alexandre, que também é um grande santo. Quando eu estava na Bulgária, visitei tantos santuários e conventos dedicados a Santo Alexandre. E Ivan! Pois Ivan, minha senhora, é João, e João sou eu. E João é o nome que escolhi para o meu pontificado, é o nome do meu pai, é o nome do meu avô, é o nome do outeiro que domina a casa onde nasci, é o nome da basílica de que sou bispo, São João de Latrão. Quando voltar para casa, minha senhora, leve para seus filhos as minhas afetuosas saudações, mas leve uma saudação particular para Ivan; verá que os outros não ficarão sentidos. (Libânio, SJ Cadernos de Teologia Pública, ano 2 – nº16 – 2005)

Com esse episódio bem peculiar, podemos compreender a dimensão da importância humana em que ficou caracterizado o pontificado de João XXIII, que buscou dar um sentido e um sentimento em se passar nessa renovação e arejamento vindos das janelas abertas do Vaticano, buscando não tanto valorizar o mundo intelectual (ideias), mas sim o mundo das pessoas (sentimentos). Assim, o sentido de acolhimento que o Concílio Vaticano II iniciou foi até o fim,

mesmo tendo a ausência física de João XXIII na última sessão devido à sua morte, pois ele criou esse clima de um olhar à frente, sem possibilidade de volta.

Apesar do curto pontificado, João XXIII foi bastante cirúrgico em tudo que se tratava ao olhar para frente, no diálogo com seus contrários, e assim ele foi posicionando ideias, pessoas de confiança e credibilidade, mostrando muita sapiência e astúcia para conquistar e introduzir feitos antes não imaginados. A título de exemplo, criou um secretariado para conversar com os protestantes e escolheu para esse novo cargo o confessor de Pio XII, um alemão culto e conhecedor da realidade protestante devido à sua origem. A curiosidade e a incisão cirúrgica estão em eleger um padre à condição de cardeal, tornando assim o padre Agostinho Bea, uma das figuras mais importantes no diálogo com os protestantes. Após um tempo, ele tornou-se bispo, um feito raro, porém importante para o que ele pretendia de resultado, que era o de atualização, compreensão da realidade e angústias humanas.

O Papa sabendo da formulação dos 72 documentos preparatórios produzidos pelos cardeais italianos da cúria romana, antes de iniciar a discussão dentro do Concílio, fez no pronunciamento inaugural um pedido que derrubou os argumentos levantados nesses documentos. O objetivo do Concílio não era o de condenar, assim ele se afastou, pois não tinha como pretensão repetir verdades já reveladas e dogmáticas. João XXIII estava preocupado com o presente e o futuro da Igreja e com os novos anseios de seus fiéis como resposta às contraculturas da época. Diante disso, ele deu quatro passos para se debruçar e analisar em quais caminhos a Igreja precisava se aperfeiçoar e de que maneira fazer para alcançá-los. Então, se esperava do Concílio:

Um progresso na penetração doutrinal e na formação das consciências”, articulando, “fidelidade à doutrina autêntica” e “indagação e formulação literária do pensamento moderno”. Trata-se de interpretar a revelação tradicional (Escritura Tradição), dialogando com a modernidade. Nisso consiste o desafio pastoral de interpretar e não de condenar. (Libânio, SJ Cadernos de Teologia Pública, ano 2 – nº16 – 2005)

Diante desses quatro passos qualitativos: ecumênico, pastoral, dialógico e de *aggiornamento* (atualização), permitiu-se que os bispos, ao entrarem na

discussão, derrubassem os 71 documentos propostos pela comissão anterior, ficando apenas 1. Os demais documentos caíram, pois não se sustentavam nesses quatro passos que João XXIII solicitava que fosse observado, e ele por ser Papa, tinha um peso maior quanto à substância do documento produzido.

Mas o que significaria essas palavras para ter um peso tão forte a ponto de derrubar argumentos e posições tradicionais?

No que se refere à pastoral, esta precisa estar ligada em seu ensinamento com verdade, prática e realidade do agir social cristão, portanto a pastoral é a realização das práxis e não da teoria. Obedeceram-se dois princípios: o da relação interna da Igreja, que procurou entender um melhor agir nas pastorais da catequese, da crisma, dos noivos, entre outros; e o da relação externa da Igreja, que auxiliou o indivíduo a se posicionar e lutar por sua dignidade social (pastoral carcerária, da criança, da mulher, entre outras), pastorais estas que vieram conforme resposta ao mundo contemporâneo, ajudando o fiel a se posicionar nele por justiça e equidade.

Ser ecumênico deve obedecer a dois princípios, assim como no caso pastoral. Esses princípios devem ser seguidos, pois conduzirão o meu agir com o outro, com aquele que pensa e vê diferente, possibilitando aceitá-lo, respeitando as diferenças. Primeiro, procurar entender aquele que não comunga da nossa fé, ao invés de impor nossas verdades; segundo, precisamos conversar e pensar o porquê eles pensam diferente, pois isso fará com que o nosso agir possa agredir o menos possível e que seja o mais inteligível. Agindo dessa forma, em escutar para entender e reformular palavras para não ofender, manteremos mais próximo de nós os nossos semelhantes.

Dessa maneira, o que podemos entender e conceber sobre o que nos trouxe de novidade e importância do Concílio Vaticano II é a renovação da concepção do sujeito social e sua forma de pensar e agir no novo mundo, que estava emergindo diante de tantas conquistas seculares de ordem moral e social (explodindo em toda a Europa e América). Essa renovação, chamada de contracultura, foi transmitida nas telas de cinema, nas universidades, nas reivindicações em passeatas, sindicatos e outros. Portanto, o Concílio Vaticano II na figura do Papa João XXIII soube compreender esses anseios, se pondo a

frente em alguns casos, por exemplo, no combate à desigualdade por meio de suas pastorais sociais.

Cada estilo de construção representa sua época quanto ao seu sujeito social. Enquanto o primeiro trazia um sujeito social pela tradição, logo autoridade, pois entendia-se que era a vontade de Deus, o segundo sujeito social se caracterizava pela autonomia ou conscientização, que se tornou a maior revolução de todas, pois foi silenciosa e eficaz, ligada diretamente à libertação interior do sujeito social, porém particular, na conquista de seu direito. A tradição cumprida, guiada pela autoridade, dá lugar à tradição cumprida pelas minhas possibilidades existenciais. Não se pensa em abolir a lei, mas dar sentido a ela, portanto, não se trata de negar a lei, mas não ter nela a única ou a última possibilidade de verdade.

O apóstolo Paulo também comenta a importância de se obedecer a lei, porém colocando uma condicional que é vivê-la pelo amor, ou seja, pelo sentido e não pela obrigação: “Toda a lei se resume neste único mandamento; Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (*Gl 5-14*). Essa frase nos indica qual deve ser a base do comportamento cristão, aquilo que deve inspirá-lo sempre: o amor ao próximo.

O Apóstolo vê na prática desse mandamento a plena atuação da lei. Com efeito, a lei manda não cometer adultério, matar, roubar, não desejar, etc.. E devemos saber que aquele que ama, não faz nada disso: não mata, não rouba, não deseja, etc. Todavia, a pessoa que ama não só evita o mal. Quem ama se abre aos outros, deseja o bem, pratica o bem, sabe doar-se e chega até a dar a vida à pessoa amada. Por isso, o Apóstolo Paulo explica que amando o próximo, não só se cumpre a lei, mas se cumpre “toda a lei”.

Concluimos então, que no século XX, após alguns acontecimentos e concílios, a Igreja Católica pode fazer uma reflexão profunda em sua estrutura por meio das aberturas de janelas em que gostaria de respirar o Papa João XXIII, também conhecido como o Papa bom. Sua habilidade e seu trato simples puderam renovar muitos séculos de uma Igreja rígida, autoritária e de costas ao mundo e automaticamente ao povo. Mesmo sabendo que depois de 50 anos muita coisa ainda não aconteceu, ao menos se teve uma referência do que se

queira fazer, pois está sustentado por esses documentos, ratificados, não só por um, mas por dois Papas: o que inicia, João XXIII; e o que dá seguimento e ratifica as normas, Papa Paulo VI. Atualmente, em tempos de profundo relativismo e retomada de um conservadorismo, o Papa Francisco vem resgatar a essência e importância desse Concílio que insistentemente buscam escondê-lo na gaveta.

2.2 O Papa do fim do mundo

O PAPA Francisco é o 266º e atual bispo da Igreja Católica Romana, sendo assim o soberano da cidade do Vaticano.

Nascido em Bueno Aires, Argentina, tendo como nome de batismo Mario Jorge Bergoglio e filho de um imigrante italiano, tendo seus pais deixado a Itália em 1929 para escapar do regime fascista de Benito Mussolini, assim foi a vida do Papa Francisco antes de tornar-se conhecido mundialmente. Nunca foi partidário, mas também não se eximiu em lutar politicamente pela causa dos mais necessitados e desfavorecidos. Ele entende que a política é o lugar do bem comum, em que os cristãos de bem deveriam estar e assim afugentar pessoas de má intencionalidade e que não tenham compromisso com o bem comum, deixando-se levar pelos seus próprios interesses:

Para o cristão, é uma obrigação se envolver na política. Nós cristãos, não podemos fazer como Pilatos e lavar as mãos. Não podemos! Devemos nos envolver na política, que é uma das formas mais altas de caridade, pois busca o bem comum. E os leigos cristãos devem trabalhar na política. Podem dizer: “Mas não é fácil”. Também não é fácil se tornar padre. Não há coisas fáceis na vida. Não é fácil; a política está muito suja. Então eu me pergunto: está suja por quê? Não será por que os cristãos se envolveram na política sem espírito evangélico? Deixo esta pergunta: é fácil dizer que “a culpa é de fulano”, mas eu o que faço? É um dever trabalhar para o bem comum é um dever do cristão! E, muitas vezes a opção de trabalho é a política. Há outros caminhos: ser professor, por exemplo. Mas a atividade política em prol do bem comum é um dos caminhos. Isto está claro. (Francisco, 2017 p.48)

Esse pensamento do Papa Francisco sobre a política do bem comum, sempre o acompanhou. Conforme analisamos suas biografias expressas em filmes, documentários, livros, revistas e mídias alternativas na internet, notamos que sua característica sempre foi a da conciliação sem negar a luta do confronto. Ele trabalhou brevemente como técnico químico. Nesse trabalho, teve seu primeiro contato com as causas dos mais desfavorecidos, onde conheceu sua chefe de laboratório, Esther Balestrini de Cariaga, paraguaia comunista, e de acordo com sua biografa, amiga Francesca Ambrogetti, coautora de “o jesuíta”:

“Ele sempre falou da Esther e ela foi uma das mulheres que o marcou muito”.⁵

Com uma vocação sacerdotal mais forte do que viver uma vida burocrática secular, o então químico Bergoglio, resolveu ouvir o chamado de Deus por meio de uma confissão feita na basílica São José de Flores, em dia de primavera:

Naquele dia algo estranho aconteceu, eu não sei o que foi, mas mudou a minha vida... Eu me surpreendi eu me dei conta que eu estava te esperando! Hoje quando penso nisso depois de tantos anos acho que é a experiencia religiosa, o estupor a surpresa de se encontrar com alguém que está te esperando, isso nos antecipa, alguém nos procura, mas Você nos procura primeiro, alguém te encontra, mas Você nos encontra primeiro. E essa noite eu volto a Te pedir luz, espero ter a força para continuar.⁶

Depois desse momento marcante, o jovem Bergoglio, em 1969 é ordenado padre, a partir daí começou a receber diversas incumbências no interior, na Companhia de Jesus, sua congregação. De 1973 a 1979 foi superior provincial da sua congregação, Companhia de Jesus. Em 1998, tornou-se Arcebispo de Buenos Aires e em 2001 foi nomeado cardeal pelo Papa João Paulo II, sendo um dos líderes da Igreja Católica na Argentina, em um momento de acontecimentos efervescentes: na época dos presidentes Nestor e Cristina Kirchner.

⁵ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=MMaC3386XDU> > Acesso em: 13 out 2018.

⁶ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=MMaC3386XDU> > Acesso em: 13 out 2018.

O então cardeal Bergoglio sempre foi considerado um rival aos políticos de seu tempo, apesar de ele não se apresentar como um militante de nenhum partido, ele nunca foi omissos aos descasos do governo com os mais desfavorecidos, órfãos, idosos, desempregados e imigrantes. Em todas as causas ele lutava e devido à sua vida de austeridade acabou sendo reconhecido como um sacerdote humilde e misericordioso. Dentro da Igreja, foi um líder que tentou dialogar com outras crenças, pois entendia que a Igreja deveria estar sempre aberta ao acolhimento.

Aparentemente, o Papa Francisco tem uma característica de um liberal e progressista, pois busca diálogo com todos, porém não podemos confundir, pois suas raízes são tradicionais de um típico jesuíta, no tocante à obediência e em campos polêmicos, tais como:

Ele não apoia o capitalismo desenfreado, o marxismo ou versões marxistas da teologia da libertação, Francisco mantém as visões tradicionais da igreja a respeito do aborto, da eutanásia, da contracepção, da homossexualidade, da ordenação de mulheres e do celibato sacerdotal. Ele se opõe ao consumismo, ao desenvolvimento irresponsável e apoia a ação contra as mudanças climáticas. Na diplomacia internacional, ele ajudou a restaurar as relações diplomáticas plenas entre os EUA e Cuba e buscou o diálogo entre palestinos e israelense, fazendo uma visita de pois de tanto tempo a terra santa. (Englich, 2013, p.6)

O Papa Francisco acredita que as únicas ideologias que fazem sentido são a do amor e a da relação com o mais fraco e desfavorecido, ideologias essas retiradas dos evangelhos vivenciados por Jesus Cristo: o de ir ao encontro e o de afetar e deixar ser afetado. A ideologia que o Papa emprega é a da revolução silenciosa, mas que busca atingir as raízes da vida íntima do indivíduo:

Ver a minha vó desesperada e ver a igreja destruída, me deu medo de que tudo isso deixa-se de existir, isso me dá muito medo... outro dia eu fui a igreja e escutei algo que me marcou. Jesus quer mudar o mundo, mas não quer com revoluções ou com ideologias, ele quer muda-lo com amor, com compaixão e

com fé, eu estou começando a pensar nessas coisas e acreditar.⁷

Esse lado conciliador e acolhedor do Papa Francisco irá acompanhá-lo em toda sua trajetória sacerdotal e também trazer a ele muitas tempestades, por exemplo, no período da ditadura argentina, sendo esta uma das mais violentas ditaduras, e que fora encoberta pela Igreja, da qual ele fazia parte enquanto bispo.

Bem quisto pelos dois Papas anteriores a ele, João Paulo II (que o ordenou cardeal) e Bento XVI (que por meio de informações soube-se que só conseguiu ser Papa naquela oportunidade, devido à retirada do nome de seu oponente na época, conhecido como Cardeal Mario Jorge Bergoglio) era um Cardeal avesso à burocracia da santa sé, tinha uma identificação íntima com seu país e com seus projetos de trabalhos sociais nas ruas, favelas, fabricas e famílias desamparadas. Dessa maneira, não transmitia para Joseph Ratzinger nenhuma ameaça, porém dizem esses mesmos boatos que o nome de Bergoglio crescia como forma de insatisfação e briga por poder à cúpula do Vaticano, e isso fazia ele ter alguns bons votos. Bergoglio percebendo isso, que não o queriam, apenas não estavam satisfeitos com Ratzinger, fez uma campanha contrária para não votarem nele e assim abrir espaço à eleição do novo Papa.

Bergoglio então conseguiu resolver o impasse e ao mesmo tempo retornar para o que mais trazia alegria ao coração dele, o de voltar para Buenos Aires e seu serviço pastoral que tanto lhe completava enquanto pessoa e sacerdote. O espírito franciscano, ainda que ele não fosse da ordem religiosa franciscana, já o envolvia em seus serviços há muito tempo, pois estar no cargo que estava como cardeal não era muito comum devido seu alto nível de compromissos burocráticos, dentre eles, reuniões políticas e orientações ao seu clero. Porém, nada o fazia perder o seu foco, que era de estar junto do povo mais marginalizado e desfavorecido.

Em todo convívio social, sempre há aqueles que são contrários e que procuram desconstruir e retirar o que importuna e prejudica para sua ascensão. Isso não fora diferente com Bergoglio dentro do vaticano, mais propriamente

⁷ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=MMaC3386XDU> > Acesso em: 14 out 2018.

dentro do conclave de 2005 para a eleição do sucessor de João Paulo II e seus longos 25 anos de pontificado (algo muito difícil de ser superado). Portanto, a ala mais conservadora da Igreja pensará em pontificado de transição, evitando tantas mudanças repentinas. Começou-se a levantar informações que podiam fragilizar a candidatura de Bergoglio. Uma das acusações relatadas fora sobre a sua postura na condução de seu clero, os expondo à locais de violência e poucos recursos para o ministério:

Balestrero acusou mais de uma vez Bergoglio de enviar os melhores padres às favelas, em vez de mandá-los para as caras escolas de elite da Igreja católica, destinadas as classes mais abastadas, ou para as paróquias dos bairros elegantes de Buenos Aires, ou mesmo para Roma, onde a falta de padres tornava urgente a necessidade de sangue novo. (Englich, 2013, p.12)

Essas acusações vieram de Ettore Balestrero, um Monsenhor ligado à cúpula da Igreja e fiel braço direito do cardeal Tarcísio Bertone, conhecido como um cardeal de pouca modéstia e apegado ao poder e luxo que o cargo lhe oferecia. Com a chegada do Papa Francisco, seu cargo foi destituído, embora já tivesse sido considerado o número 2 do Vaticano durante o pontificado de Bento XVI. Bertone foi acusado de desvios à fundação Bambino Gesù, o maior hospital romano de pediatria, por ele também foi julgado e condenado em 2017.⁸

As queixas da cúria romana com relação ao agir de Bergoglio, quanto à exposição de seu clero à violência, não o incomodava, pois, o próprio Cardeal o acompanhava nessas diligências sem nunca precisar de segurança nem ter sido impedido pelos chefes do tráfico. O povo o respeitava e sabia que ele era o bispo deles, o que deu voz a ele, atenção e respeito independente de sua condição social, cultural e econômica. Bergoglio sempre pedia para o chamarem por cura (padre), pois era essa sua primeira vocação e nunca se deixou levar pelo status do cargo ou da carreira sacerdotal da qual criticava por não entender que uma vocação tenha se tornado uma escala de privilégios.

⁸ Disponível em: <<https://istoe.com.br/vaticano-inicia-julgamento-de-escandalo-de-apartamento-do-cardenal-bertone/>> Acesso em: 14 out 2018.

O modo austero de Bergoglio era conhecido por todo o Vaticano e ele fazia questão de não esconder a insatisfação de ver ostentações e desvio de conduta de um sacerdote que foi retirado do mundo para lutar e viver a pobreza desse mundo com o mais fragilizado. Contudo, o que ele via ao seu redor era o apego material aos cargos, ao poder, à riqueza, e isso por muitos dos que tinham que dar o exemplo e deveriam ter a obrigação de cobrar essa dedicação ao mais fraco. Logo, ele sempre fora um desafeto a muitos padres, bispos e cardeais que não aceitavam essa renúncia.

Obviamente, o ódio contra Bergoglio não se deve exclusivamente à sua luta pelos pobres. Há um segundo motivo ainda, mais forte, ainda que parece ridículo. Jorge Mario Bergoglio é uma acusação viva contra a Cúria e contra quase todos os cardeais e 5 mil bispos do mundo. No Vaticano, todos sabem o que Bergoglio pensa acerca do fato de quase todos os cardeais e bispos mundo a fora – em especial os cardeais da Cúria – serem servidos por religiosas, somando um exército de mais de 10 mil serviçais, quase todas freiras. Até mesmo o Papa Bento XVI gozava do exercício de quatro religiosas da congregação Schönstatt”. (Englich, 2013 p.12)

O mundo secular causou espanto quando o Papa apareceu no noticiário pagando sua conta na pousada em que se hospedou por ocasião do conclave que o elegeu, quando ele recusou os ornamentos de ouro mantendo os seus de prata e seus próprios sapatos pretos, quando levou pessoas simples a comerem no Vaticano, quando recusou a morar nos aposentos pontifícios, quando visitou as cadeias, quando recusou os luxuosos carros da frota do Vaticano e quando recusou andar no papamóvel fechado por blindagem. Tudo causou e vem causando espanto, pois não tínhamos mais o hábito de ver um “Papa humano”.

Todos esses gestos singelos e pedagógicos seriam exaltados, se eles não fossem diretamente dirigidos aos que dirigem a Igreja e não só a seus dirigidos. Bergoglio não se abstém em criticar abertamente os desvios da Igreja. Toda vez que é obrigado a ir à Cúria, sempre faz pronunciamentos diretos contra o afastamento de seus dirigentes com relação à realidade do povo que sofre e que

em boa parte contribui com a Igreja, mas não para ela se servir das próprias contribuições.

Ele diz abertamente, em encontros no Vaticano, que nas residências dos cardeais as religiosas cozinham, lavam e secam as louças, fazem a cama, fazem o café para o motorista do bispo... Enquanto deveriam estar fazendo aquilo para o que na verdade se tornaram freiras: pregar o Evangelho, amparar as crianças, assistir os idosos, mostrar o amor de Deus. (Englich, 2013, p.15)

Poderia esse jeito simples de viver e firme de denunciar ser a única pedra no sapato de Bergoglio para se tornar Papa, porém no último conclave em que elegeu Bento XVI, algo chamou a atenção, já que é sabido que ele tinha recebido cerca de 40 votos nesse conclave e assim ameaçava a eleição do favorito, Joseph Ratzinger.

No período que ocorrera a ditadura militar, Bergoglio fora acusado de não ser muito combatente a ela, mostrando-se em ação de inércia e cegueira ao que se passava. Fora até acusado de entregar colegas da ordem para o regime, sendo esses torturados por cinco meses, eram os padres jesuítas Franz Jalics e Orlando Yorio, sendo que sabemos que todas as informações dentro de uma ditadura sempre são desconstruídas e manipuladas. Após muitos anos, o Padre Jalics desmentiu essa versão, e se isso fosse verdade, em sua época não só esses padres sofreriam, mas toda uma ordem, pois o envolvimento ao auxílio e proteção aos jovens jesuítas daquela época era de inteira responsabilidade de seu provincial Pe. Bergoglio, e bastaria um só confessar sobre tortura para que tudo pudesse ruir. Esse é o testemunho que dá o jesuíta, Juan Manuel Scannone, diretor do instituto de Estudos Filosóficos da Universidade de Teologia e Filosofia San Miguel, a mesma da qual Bergoglio foi diretor entre 1980-1986.

Agora que o meu amigo Jorge é 'Papa Francisco', posso contar que é verdade, sim: ele me protegeu, me salvou. E fez isso em várias circunstâncias." A ditadura concebia a teologia do povo

como uma ameaça, apesar de sua diversidade substancial dos chamados teólogos marxistas.⁹

Essa confissão é expressa no livro que acaba de ser editado no Brasil pela editora Loyola com o título “*A lista de Bergoglio*” escrito pelo jornalista italiano Nello Scavo. Nesse livro, ele apresenta uma série de nomes, ligados a sindicalistas, sacerdotes, estudantes, intelectuais, crentes e não crentes a quem o Pe. Bergoglio conseguiu salvar.

Em uma entrevista para o lançamento do livro, o pe. Juan Manuel Scannone fala ao portal Aleteia sobre esses dois jesuítas sequestrados, informando que os mesmos já haviam desmentido a informação contra Bergoglio.

O Pe. Jalics desmentiu qualquer envolvimento de Bergoglio. Pessoalmente, eu tinha certeza há anos, pois Bergoglio morava na nossa casa de San Miguel precisamente quando os dois padres desapareceram; ele me contava o que fazia e as informações que coletava para descobrir quem poderia tê-los sequestrado e onde estavam presos. Sou testemunha da preocupação e do compromisso do padre provincial para devolver a liberdade a ambos.¹⁰

Dizem que esses acontecimentos interferiram no penúltimo conclave em que Bergoglio declinava seus votos em favor de Ratzinger, futuro Bento XVI. Comenta-se que ele buscava evitar um escândalo maior à Igreja. Olhando hoje para suas atitudes, não erraríamos muito ao afirmar que apenas Bergoglio não queria conviver com o que não fazia parte de sua identidade e mais ainda viver longe de um povo que escolheu viver e doar a sua vida. Temia cair na mesma sedução do poder e por ele perder a fé, pois quanto mais longe do povo, mais frio fica sua fé diante de burocracias e políticas de poder.

O Papa Francisco luta a cada dia para não perder o “Francisco” que há dentro dele, não é fácil não se deixar seduzir, confundir e se cegar ao que foi em

⁹ Disponível em: < <https://pt.aleteia.org/2013/12/09/o-que-bergoglio-realmente-fez-durante-a-ditadura-argentina/> > Acesso em: 14 out 2018.

¹⁰ Disponível em: < <https://pt.aleteia.org/2013/12/09/o-que-bergoglio-realmente-fez-durante-a-ditadura-argentina/> > Acesso em: 15 out 2018.

princípio chamado. O mundo contemporâneo nos traz essas facilidades e subjetividades que vão diluindo concepções de sentido e significado quanto à relação humana, quanto à relação com o outro e quanto à relação ao meu próximo. Este próximo vem se tornando cada vez mais distante de nossos olhares, presos em uma bolha virtual de potenciais indivíduos.

2.3 A recepção do Vaticano II por Francisco

Conforme cada discurso, compromisso, posicionamento, documento e carta, vamos notando que o Papa Francisco vem ditando sua linha de identidade pontifícia com o resgate às ideias e os resultados do Concílio Vaticano II ocorrido em 1962.

Naqueles tempos de discussão, o apelo do Concílio foi tão forte, profundo e profético, que mesmo após 50 anos do seu início, depois de 30 guardados na gaveta da santa sé pelos Papas São João Paulo II e Bento VI com seu núcleo forte de bispos conservadores os apoiando, parece que enfim, as janelas que João XXIII desejava para receber um frescor renovado vem sendo abertas, e em tempos de mídia potencializada, vem fazendo muito barulho com os ventos tortuosos da má disposição em compreendê-la aos olhos do evangelho.

O Papa Francisco, que era apenas um seminarista na época do Concílio Vaticano II e vivente de um momento complexo em seu país de origem, a Argentina (onde se vivia a tensão de uma ditadura militar, não só nela mas em quase todos seus países vizinhos), além de viver com a falta de liberdade convivia também com uma pobreza bem relevante e a entrada de muitos imigrantes refugiados. Enfim, o seminarista Bergoglio e hoje Papa Francisco não poderia ter outra recepção para com o Vaticano II do qual não dê admiração e a crença de que ele fora a melhor coisa que se aconteceu naqueles tempos sombrios de olhos fechados, das barbáries de que uma mentalidade humana, sem Deus dentro e fora da Instituição religiosa poderia produzir mediante ao autoritarismo e centralização de poder.

Resgatar esse espírito do Vaticano II e mais que o espírito as diretrizes oficiais que dele se produziu está sendo uma cruzada particular do Papa, pois

com certeza, está atingindo muitos poderosos e alguns dos seus opositores. O Cardeal Bergoglio diante de sua forma austera de viver pouco frequentava a Santa Sé, e quando isso aconteceu ele deixava claro que suas convicções quanto a viver o evangelho não condizia com a burocracia judicial do Vaticano, ele sempre procurou ser um padre do povo e para o povo. Possivelmente um dos fatos que deixa mais evidente essa cruzada entre ele e seus opositores foi na “V Conferência geral do Episcopado da América Latina e do Caribe ocorrida em Aparecida, Brasil 2007”, quando Francisco foi membro da comissão de redação.

Pelo que se sabe, o texto redigido por essa comissão fora censurado pelos censores do Vaticano, ainda que sem a autorização do Papa Bento XVI em que se posicionou assim;

Ao mesmo tempo que expresso meu reconhecimento pelo amor a Cristo e à Igreja, e pelo espírito de comunhão que caracterizou a Conferência Geral, autorizo a publicação do Documento Conclusivo, pedindo ao Senhor que, em comunhão com a Santa Sé e com o devido respeito pela responsabilidade de cada Bispo em sua própria Igreja local, ele seja luz e alento para um rico trabalho pastoral e evangelizador nos anos vindouros.

O fato provocou a mobilização de setores significativos da Igreja, na busca de uma explicação sobre as mudanças efetuadas no “texto original”, tanto junto à Presidência da Assembleia como à Presidência do Conselho Episcopal Latino-americana (CELAM). A resposta, em um primeiro momento, foi de que o “texto original” e o “texto oficial” eram exatamente os mesmos. Entretanto, quando se demonstrou por meio de um minucioso trabalho analítico em quadros sinóticos¹¹, as supressões, correções e os acréscimos ao “texto original”, a primeira explicação ficou desqualificada.

O Papa do fim do mundo, como ele mesmo se referenciou quando se apresentou pela primeira vez ao povo, fez o destino ter o cuidado de colocar anos posteriores à frente da Instituição religiosa com mais adeptos do mundo,

¹¹ Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 8, n. 3, 673-713, set./dez. 2016

que desde o primeiro momento deu seu recado de renovação a Igreja Católica e de utilizar pela primeira vez na história o nome Francisco, o santo referenciado à entrega de vida aos mais marginalizados e necessitados. Assim, iniciou a era do Papa Francisco, “o Papa do fim do mundo”.

Agora com a autoridade que possui de Papa, Francisco procura resgatar e desengavetar muitas das diretrizes jurídicas produzidas pelo *Concílio Vaticano II* e em especial retoma a origem do *Documento de Aparecida*, verificando as suas alterações transmitidas no documento oficial. Pelo que se ficou sabendo das 250 modificações, em muitas não relevantes, pois era de ordem de redação, porém cerca de 40 continham modificações bem substanciais quanto à sua essência. Mudanças como o êxodo dos cristãos católicos para as novas denominações pentecostais, o texto original fazia uma auto crítica quanto ao seu esfriamento para o povo justificando esse êxodo, dizia o texto; “Na verdade, muita gente que passa para outros grupos religiosos não está buscando sair de nossa Igreja, mas está buscando sinceramente a Deus”. (DAp 225).

Percebemos que há um forte reconhecimento da falta de habilidade por parte das autoridades da Santa Sé para que ocorresse esse fato. Porém, os censores deram valor à falta de fidelidade para os fiéis despreparados; “... esperam encontrar respostas a suas inquietações. Procuram, não sem sérios perigos, responder a algumas aspirações que, quem sabe, não têm encontrado, como deveria ser, na Igreja” (DAp 225).

Os censores do Documento de Aparecida também não conseguiam assimilar a renovação do Vaticano II, quanto ao reconhecimento de uma Igreja Católica pecadora, apenas entendia que os filhos pecavam, o texto original dizia:

“Diz o “texto oficial”: “A Igreja Católica na América Latina e Caribe, apesar das deficiências e ambiguidades de alguns de seus membros...” (DAp 98). Mais adiante, aparecia: “Reconhecemos que, muitas vezes, nós os católicos temos nos afastado do Evangelho...”. Agora, aparece: “Reconhecemos que, em ocasiões, alguns católicos têm se afastado do Evangelho...” (DAp 100).

Enfim, Francisco vai aos poucos transmitindo o seu apreço pelo Vaticano II e na medida do possível vai dando ritmo ao resgate de seus valores, procurando fazer isso por todos os seus meios possíveis e simbólicos, como o que aconteceu em uma de suas viagens oficiais à Colômbia (2017). Nesse dia, *motu próprio*, um documento legal emitido sob a sua autoridade pessoal, altera o cânone 838 do Código de Direito Canônico. Esse ato de ofício autoriza o episcopado local ter maior autonomia quanto à tradução do ato litúrgico. Podemos até dizer que é um ato mais simbólico, pois o mesmo não será perceptível aos fiéis em imediato, mas essa simbologia deixa claro sua conectividade e simpatia ao resgate do Vaticano II, pois busca descentralizar o poder centralizador de influência do Vaticano.

Mesmo assim, para qualquer pessoa familiarizada com a história do catolicismo desde o Concílio Vaticano II (1962-1965), algo muito importante aconteceu no sábado, e o seu significado irá reverberar por muito tempo (...) O resultado em inglês foi uma nova tradução da missa que, em pontos-chave, rompeu com o princípio pós-Vaticano II da “equivalência dinâmica”, ou seja, traduções que adaptavam os originais latinos dos textos de forma que os tradutores se sentiam que estavam respondendo melhor às necessidades dos públicos contemporâneos, em favor de uma tradução mais fiel ao latim, que Roma sentiu que salvaguardaria melhor os tesouros doutrinários da missa e preservaria a unidade do culto católico. É bem sabido que o Papa Francisco, apesar de levar a missa e os outros sacramentos da Igreja muito a sério, não é muito afeito aos detalhes dos debates litúrgicos. Ele não é o Papa Emérito Bento XVI, para quem a liturgia é uma profunda paixão pessoal. Como resultado, suspeita-se que a medida de sábado não tinha a ver principalmente com a substância. Em vez disso, tinha a ver com o processo e com aquilo que as entranhas do papa lhe dizem que deu errado no período pós-Vaticano II.¹²

¹² Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/571526-liturgia-papa-francisco-apresenta-a-sua-interpretacao-sobre-o-vaticano-ii> > acesso em 20 out 2018.

Os dois últimos antecessores de Francisco tiveram um protagonismo bastante relevante na condução da não aplicação da íntegra sobre o Vaticano II. Eles favoreceram duas teorias que sustentava a dificuldade em se abrir demais as janelas com receio de por meio delas entrarem um vendaval. Uma dessas teorias sustenta que sua aplicação no início era um pouco desmedida e logo os Papas João Paulo II e Bento XVI, respectivamente em seus momentos, buscaram corrigir essa rota agradando o grupo que clamava o “verdadeiro” espírito do Vaticano II. Outra vertente foi a de entender que houve mudanças demais a essa, que poderia abalar o sistema diário do Vaticano, esse pensamento era visto pela ala mais antiga e conservadora da santa sé, que conseguiu ser atendida também pelos Papas antecessores de Francisco paralisando e guardando na gaveta mudanças necessárias.

Conhecendo a história do Papa Francisco seu modo de ver o mundo e conhecendo sua personalidade, podemos entender que ele não se sentiria à vontade em receber e aceitar nenhuma dessas propostas, tendo como maior possibilidade afastar essas vozes contrárias para não atrapalhar o trabalho.

O cardeal Mario J Bergoglio dizia aos seus íntimos, que sua fé se sustentava mais nas ruas do que participar de reuniões burocráticas na Santa Sé, onde entendia que era o lugar mais fácil em se perder a fé. Se dedicou o máximo que pode ao seu bispado de Buenos Aires – Argentina. Francisco é um entusiasta e um defensor do “Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam)”, o mesmo que apresenta oficialmente a “opção pelos pobres” como princípio fundamental da doutrina social católica.

Ao longo dos anos, quando era cardeal Bergoglio, ele esteve profundamente envolvido com o Celam, e acredita profundamente em seus trabalhos. Podemos entender que não foi coincidência ele transmitir esse *Motu Proprio* exatamente nessa viagem. Nesse documento tem tudo que cerca a figura de Francisco, simbólico e de peso, fato que seu gesto de colegialidade foi feito no solo considerado como sagrado para os maiores defensores do Celam.

As ações do Papa Francisco indicam aos seus opositores que ele não vai se dobrar facilmente e que hoje o pêndulo está balançando forte na direção oposta daquela em que se encontrava com seus dois últimos antecessores. Com

isso, ele fortalece e encoraja os bispos locais em nome da renovação, ele vê como o legado do Concílio Vaticano II. Aos poucos, espaço a espaço vai construindo um novo momento favorável para que a Igreja Católica possa ter a possibilidade de por em prática aquilo apenas que um dia eles decidiram fazer: uma relação mais próxima com os mais feridos, “uma Igreja para os pobres”.

Seu projeto de uma “Igreja de saída” tem como objetivo ir e estar onde o povo está, não ficar preso em seus escritórios e de longe se auto referenciando, sentado em cima de tradições que por vezes tenha perdido o sentido em viver, servindo apenas para julgar e condenar.

A “*Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*” ou “Alegria do Evangelho” foi publicada no encerramento do Ano da Fé, em novembro de 2013. A *Laudato si*’ é uma encíclica, na qual o Papa critica o consumismo e desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global das ações para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas publicadas em julho de 2015. *Amoris laetitia* é uma exortação apostólica, publicada em abril de 2016, possui nove capítulos e tem como base os resultados de dois Sínodos dos Bispos sobre a Família ocorridos em 2014 e 2015. *Gaudete et Exsultate* é a terceira Exortação Apostólica publicada em abril de 2018, “sobre o chamado à santidade no mundo de hoje”, com foco em encorajar a santidade na vida cotidiana.

Esses documentos, enfim contribuem para o posicionamento de sua crença de se viver a Igreja em saída. Mesmo tendo dentro da santa sé divergências como em depositar em Francisco uma característica política e menos clerical, levando a Igreja católica, na visão de seus opositores a um populismo sem filtro.

A experiência eclesial germinada no sul do planeta desde o Vaticano II entre os pobres e nativos, na periferia do poder econômico, com teologia e pastoral próprias constitui, sem dúvidas, o universo eclesial a partir do qual fala e atua Francisco. Trata-se de fato de um universo distinto daquele que se tornará enraizado nos propósitos dos pontificados anteriores e que fora gestados pelo sistema curial romano.

Portanto, no fundo das oposições se encontram o que pode ser analiticamente classificado como dois projetos de Igreja em andamento, como se pode representar esquematicamente a partir dos dois tipos Igreja autor referenciada e Igreja em saída, para utilizar precisamente os termos formulados e adotados por Francisco:

Igreja autor referenciada	Igreja em saída
Tradição	Querigma
Instituição	Carisma
Preservação	Reforma
Segurança	Processo
Centralização	Descentralização
Norma	Discernimento
Clericalismo	Povo de Deus
Poder	Serviço

(PASSOS, 2017, p.12)¹³

¹³ *Perspect. Teol.*, Belo Horizonte, v. 49, n. 2, p. 353-374, Jan./Abr. 2017

CAPITULO III

ENTRE A ALEGRIA DO AMOR E OS SENTIDOS LÍQUIDOS DA REALIDADE CONTEMPORANEA.

Neste capítulo, buscaremos compreender por meio de um olhar realista e um tanto pessimista do sociólogo Bauman para com nosso momento vivido, de sentidos frágeis ou como o mesmo gosta de denominar, líquido. Para contrapor esse pensamento, nos apoiaremos ao olhar do santo padre, o Papa Francisco, do qual transmite através de seus discursos e documentos seu posicionamento frente a nova forma de vida contemporânea e suas anuências. O Papa Francisco respeitando o posicionamento do Vaticano II vem se esforçando a compreender e viver o “aggiornamento”, ou seja, procura fazer com que a Igreja se atualize para se adequar às necessidades contemporâneas.

Diante de tempos confusos, complexos, e por algumas vezes sem sentido, não é por acaso que vivemos em várias partes do mundo um crescimento no número de pessoas depressivas, com sentimentos frágeis e alguns vazios de sentido, dando espaço à vivência de uma solidão e por vezes de um suicídio. Essa doença já reconhecida como o mal do século, vem nos desafiar a compreender o porquê mesmo diante de tantas conquistas sociais, políticas, econômicas, religiosas e familiares, não nos sentimos realizados e satisfeitos quanto à conquista de nossas lutas. O que nos faz sempre querer mais, e cultivar o espaço vazio, ao invés de valorizar o que fora preenchido?

Sociologicamente, podemos em primeiro momento deduzir que o indivíduo só se reconhece quando é reconhecido como sujeito social, ou seja, quando ele se sente parte ativa do seu meio em construção. O sujeito está intrinsecamente ligado à maneira de agir do ser humano, de forma que, desde a hora em que se acorda até a hora em que se dorme, o indivíduo está praticando fatos sociais, seja, acordando para ir para o trabalho, tomando café, ou até mesmo assistindo à televisão. “[...] é empregada correntemente para designar mais ou menos todos os fenômenos que se dão no interior da sociedade, por menos que apresentem, com uma certa generalidade, algum interesse social”. (DURKHEIM, 2007, p.01)

Viver em sociedade não é nada fácil, tão pouco em uma sociedade com sentidos e valores frágeis ou descartáveis. Toda organização social detém sua coerção para com o convívio social. O problema é quando essa coerção se torna maior do que se imagina para um bom convívio, logo quando ela diminui e não reconhece a existência do outro como diferente forma de agir.

Muitas vezes, o indivíduo não quer também se adequar à maneira de agir da sociedade, contudo, ir contra a maneira de agir coletiva cria reações sociais pelo fato da fuga aos padrões cotidianos pré-estabelecidos. É o caso de um indivíduo que décadas atrás assumia-se homossexual, ou mesmo de alguém que subitamente resolve que durante o dia dele irá transitar pelas ruas comerciais com trajas denominados de banho.

A sociedade o irá censurar, de forma que nem todas as ações do indivíduo são factíveis ao cotidiano. “Esses tipos de conduta ou de pensamento não apenas são exteriores ao indivíduo, como também são dotados de uma força imperativa e coercitiva em virtude da qual se impõem a ele, quer ele queira, quer não”. (DURKHEIM, 2007 p. 2)

É aí que vem a coerção social. O indivíduo é psicologicamente coagido a determinadas condutas ou pontos de vista e uma vez que fuja a esses padrões, existe uma censura objetiva, que parte da sociedade para com ele, excluindo-o do grupo social, ou ainda a censura subjetiva, onde o medo impera no subconsciente individual reprimindo-o a determinadas práticas por não querer ser excluído ou visto negativamente pelo grupo social em que convive. “Sendo hoje incontestável, porém, que a maior parte de nossas ideias e de nossas tendências não é elaborada por nós, mas nos vem de fora, elas só podem penetrar em nós impondo-se”. (DURKHEIM 2007, p. 4)

Abordaremos nesse capítulo como hoje está cada vez mais difícil e complexo a construção de uma relação social, devido às suas várias anuências e fragilidades dos laços do amor, sociologicamente e religiosamente, das quais contribuem para vivência de um ser individualista, solitário e descartável.

3.1 Das fragilidades dos lações amorosos

A era da modernidade líquida em que vivemos — um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível — é fatal para nossa capacidade de amar, seja esse amor direcionado ao próximo, nosso parceiro ou a nós mesmos. (Bauman, 2004, p.6)

Essa transcrição acima tirada da obra, *Amor Líquido*, em que o sociólogo Bauman logo no início já apresenta a difícil capacidade de se construir laços mais fortes ou mesmo duradouros e tão pouco eternos nesta moderna sociedade contemporânea de sentimentos voláteis e confusos devido à várias ressignificações e em alguns casos uma coisificação do ser. Quando Bauman se põem a tratar desse tema, não podemos perder sua linha de pensamento que é muitas vezes pessimista devido a já outros títulos que o mesmo colocou em discussão dentro dessa série de temas líquidos como “modernidade, medo, vida e tempo”, ou seja, fica mais que claro que o sociólogo nos faz um alerta sobre uma constatação para como estamos caminhando na construção de nossos relacionamentos e mais ainda para nossa identidade quanto humano, capaz de não mais enxergar no outro o eu que há em mim, assim podemos acabar caindo no paradoxo de nos desumanizar.

As facilidades que criamos em nome da agilidade, praticidade e segurança, está gerando uma sociedade permeada pelo medo, pela falta de esperança e logo por compaixão ao outro. Essa percepção é mais forte quando vemos o drama generalizado na atual política em todos os cantos do mundo, seja em questões migratórias, desemprego, atentados terroristas ou qualquer levante contra grupos de minoria. Nossa sociedade contemporânea vem se apresentando cada vez mais intolerante para com o sofrimento do outro. O mundo virtual e nosso relacionar em redes acabam nos colocando em várias ilhas virtuais, em bolhas de mundos próprios e particulares. Portanto, ver além do que estou exposto em minha bolha, se torna cada vez mais difícil, pois ao mesmo instante que me ligo a esse ou aquele grupo de rede, me desligo e nego sua existência com facilidade, pois estou apenas a um clique da minha divergência ou aceitação.

uma “rede” serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar; não é possível imaginá-la sem as duas possibilidades (...) completa”. Diferentemente dos “relacionamentos reais” é fácil entrar e sair dos “relacionamentos virtuais” (...) “Sempre se pode apertar a tecla de deletar”. Bauman, 2004, p. 12

Devido a essa nova atitude de relacionamento, o sociólogo irá então distinguir as novas ressignificações dos termos, pois os mesmos construídos em épocas passadas não dão mais conta do significado e significância para identificarmos como conceito que é. Hoje o é pode não ser, o ser apenas pode apenas estar sendo, quando o amanhã terá outro significado, vivemos um existencialismo em potência.

Essa constante mudança do sentido, gera ao indivíduo uma insegurança, pois aquilo do qual acredita, deixa de ser consistente e seguro, nossas referências são perdidas no tempo. Essa não é uma simples constatação em *Amor Líquido*, esse diagnóstico é um alerta aos que comungam dessa mentalidade de relacionamentos líquidos bem complexos quanto ao desejo de seu estreitamento íntimo com o outro e ao mesmo tempo buscam uma frouxidão quanto à delimitação do seu espaço. Logo, esse ato de estreitar e afrouxar gera o sentimento da insegurança constante, o medo da não aceitação e a desconfiança para com o outro.

No líquido cenário da vida moderna, não só as relações familiares se tornam angustiantes, mas a construção do indivíduo social particular também, pois somos uma junção de um todo único e coletivo, de todas as nossas ações, apesar de serem diretas como consequência às ações indiretas àquelas que são atingidas à sociedade ou recebidas pela mesma. Dizemos que o mundo está muito violento e não olhamos para nossas próprias ações violentas, pedimos uma sociedade fraterna e justa e não produzimos isso em nosso meio.

Como já apontamos, Bauman chama a atenção quanto aos termos desconstruídos, um dos que nos demonstra bem essa mudança de significância é a do relacionamento. Ele percebeu que nossos relacionamentos estão cada vez mais intensos porém curtos, uma espécie de relacionamento de bolso, o que

me oferece a capacidade de prazer instantâneo e para o momento específico. O sentido de viver o prazer, o que me satisfaz, anda junto com o desprazer e a insatisfação, se tornar uma pessoa sempre atraente e ativa fez o indivíduo estar sempre em alerta da competição de buscar ser sempre melhor que o outro, não nos aceitamos com nossos defeitos naturais, envelhecer se tornou um pecado e um defeito, por exemplo, pois com ele vem o sentimento da rejeição do outro para comigo. Nesse sentido, cria-se um sentimento coletivo de atualização constante: belo, inteligente, educado, forte, cheiroso, viajante, companheiro, fiel, entre outros. Logo o que menos se espera nos relacionamentos atuais é que a pessoa seja ela mesma, mas sim o que idealizei para comigo e aí está uma das causas desse mundo líquido e conseqüentemente de um amor líquido, construído em relações controversas.

Talvez a própria ideia de “relacionamento” contribua para essa confusão. Apesar da firmeza que caracteriza as tentativas dos infelizes caçadores de relacionamentos e seus especialistas, essa noção resiste a ser plena e verdadeiramente purgada de suas conotações perturbadoras e preocupantes. Permanece cheia de ameaças vagas e premonições sombrias; fala ao mesmo tempo dos prazeres do convívio e dos horrores da clausura. Talvez seja por isso que, em vez de relatar suas experiências e expectativas utilizando termos como “relacionar-se” e “relacionamentos” as pessoas falem cada vez mais (auxiliadas e conduzidas pelos doutos especialistas) em conexões, ou “conectar-se” e “ser conectado”. Em vez de parceiros, preferem falar em “redes”. Quais são os méritos da linguagem da “conectividade” que estariam ausentes da linguagem dos “relacionamentos”? (BAUMAN 2004 p. 12)

O que se mostra com esse diagnóstico baumoniano é o de entender que um simples ato de mudança de palavra, traz com ela uma forte significação do que se é pretendido agora. Não se tem mais tempo para conhecer e negar-se um ao outro em detrimento de uma construção conjunta, o “eu” está sobreposto quanto ao outro, logo dificilmente deixará de ser e viver em troca da satisfação secundária. O mundo contemporâneo preza pela conectividade devido à

identificação com o outro ser mais direta, rápida e dinâmica, não precisamos passar por tantas esferas de conhecer para viver uma realidade feliz.

Diferentemente de “relações”, “parentescos”, “parcerias” e noções similares — que ressaltam o engajamento mútuo ao mesmo tempo em que silenciosamente excluem ou omitem o seu oposto, a falta de compromisso —, uma “rede” serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar; não é possível imaginá-la sem as duas possibilidades. Na rede, elas são escolhas igualmente legítimas, gozam do mesmo status e têm importância idêntica. Não faz sentido perguntar qual dessas atividades complementares constitui “sua essência”! A palavra “rede” sugere momentos nos quais “se está em contato” intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. A hipótese de um relacionamento “indesejável, mas impossível de romper” é o que torna “relacionar-se” a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar. Mas uma “conexão indesejável” é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las”. (BAUMAN 2004 p.12)

No mundo virtual se exclui a difícil arte de conhecer, de entrar em atrito, com o diferente e o desconhecido. Não há o interesse de conhecer parentes, fazer concessões culturais e familiares. Viver em rede é expor-se apenas ao interessado e dele usufruir o necessário, porém quando dele se basta não poder ver ou tirar nenhum proveito, basta desconectar, não se comunicar mais e na mesma rede, buscar rapidamente o que está disponível. E assim vão se constituindo as relações humanas em nome de um prazer momentâneo e uma insegurança quanto o confronto ao mundo do diferente. No fundo estamos fugindo de nossos medos, seja da rejeição, derrota, incapacidade ou da não aceitação estética. Possa ser a qualquer variável, Bauman e tantos outros intelectuais de sua geração, identifica que a dificuldade para se amar, seja coletivamente ou individualmente em nossos tempos, está na raiz da insegurança ou medo e esse sentimento acaba nos revestindo de armaduras em que a cada dia o contato social se torne cada vez mais escasso e frágil. O viver contemporâneo busca negar a regra de pensamento do filósofo Heidegger, que

entendia que o indivíduo só se constituía em consciência quando ia ao encontro do diferente, e assim entre provocações e incertezas, o mesmo ia construindo seu ser, sua identidade.

De fato, contudo (como se seguissemos a regra de Martin Heidegger de que as coisas só se revelam à consciência por meio da frustração que provocam — fracassando, desaparecendo, comportando-se de forma inadequada ou negando sua natureza de alguma outra forma) (BAUMAN, 2004 p. 10)

Assim, pode-se compreender que no mundo contemporâneo em que o sociólogo chama de líquido, está no ar um sentimento de alegria e angústia, de realidade e esperança, de coragem e medo, ou seja, todos os seus contrários, a convivência com seus paradoxos.

3.2 O medo e seus paradoxos na vivência do amor

O mundo contemporâneo tecnológico e informatizado trouxe uma nova realidade de relacionamentos e de intensidades singulares, o que possibilita que nos permitamos muito mais, que amemos muito mais e sejamos muito mais felizes do que se comparado aos nossos pais ou mesmo outras gerações. Na verdade, isso vem se apresentando como um erro ou uma falsa verdade sobre o viver com o outro, ao menos é o que muitos estudiosos e pensadores estão refletindo e chamando a atenção para esse fenômeno. Dentre tantos, continuaremos nos apoiando nesses dois autores dos quais propusemos a conversar buscando uma reflexão além do sentimento.

Tanto o sociólogo quanto o líder religioso têm a convicção de que a sociedade contemporânea está passando por uma espécie de fragilidade decadente nas relações humanas, e seu maior impulsor é o sistema capitalista de conveniência, expressado muito forte nas novas formas de comunicação. Eles diagnosticam que a tecnologia e o consumismo vem interferindo na nossa atual forma de se relacionar, seja qual for o aplicativo ou a ferramenta de comunicação é fato que elas nos permitem uma melhor aceitação em troca de um “possível anonimato” e segurança, assim podemos nos esconder da nossa insegurança e rejeição por parte do outro. O que não é refletido é que ao mesmo

tempo que me asseguro atrás de uma rede e me encorajo em um mundo virtual, acabo me sentindo inseguro e covarde quando esse encontro se torna real, começo a perceber que palavras prontas, *emojis* e assuntos superficiais como o de um iludir o outro, se torna insustentáveis, pois a realidade presencial não condiz com o que se vive em uma realidade virtual. Bauman:

nossas relações tornam-se cada vez mais “flexíveis”, gerando níveis de insegurança sempre maiores. Uma vez que damos prioridade a relacionamentos em “rede”, as quais podem ser tecidas ou desmanchadas com igual facilidade e frequentemente sem que isso envolva nenhum contato além do virtual -, não sabemos mais manter laços a longo prazo. (BAUMAN, 2004, p. 6).

O Papa Francisco vai na mesma linha quando se sensibiliza e adverte para a cultura do descarte em que estamos nos aprofundando, uma cultura da “coisa”, em que se usa e joga fora, e não se valoriza como “ser”, sintomas esses da “cultura do provisório”. (AL. 39). Podemos pegar, por exemplo, a rapidez com que as pessoas passam de uma relação efetiva para outra. Estes creem que o amor, assim como acontece nas redes sociais, pode se conectar ou desconectar ao gosto do consumidor e inclusive se bloquear rapidamente.

Diante dessas duas observações podemos conceber então que no mínimo, o mundo contemporâneo a qual estamos vivendo se tornou uma espécie de sombra do amor, o que ocorre no conto da alegoria da caverna, no qual busca-se a explicação sobre o verdadeiro conceito de verdade, trazida pelo filósofo Sócrates a Glauco, e descrita por Platão. O objetivo era mostrar que as realidades existem conforme seu nível de experimentação e conhecimento. A crença de imagens projetadas como sombras poderiam ser verdadeiras mediante sua aceitação, e nada disso está distante das ilusões projetadas pelas propagandas, filmes, novelas, comerciais, redes sociais e outros meios de comunicação, dos quais vendem imagens em potência elevadas de uma suposta vida feliz. A única diferença que podemos ter com a alegoria de Platão é que nesse caso, sabemos quem coloca nossas correntes, quem prende nosso corpo, quem limita o nosso viver em um mundo real e possível, em troca de um mundo

realista e pragmático. Nossas correntes estão fechadas pela ilusão, insegurança, angústia, vaidade, egocentrismo e medo em se viver o contato.

Apresentamos essa alegoria original discursada por Sócrates:

Agora imagine a nossa natureza, segundo o grau de educação que ela recebeu ou não, de acordo com o quadro que vou fazer. Imagine, pois, homens que vivem em uma morada subterrânea em forma de caverna. A entrada se abre para a luz em toda a largura da fachada. Os homens estão no interior desde a infância, acorrentados pelas pernas e pelo pescoço, de modo que não podem mudar de lugar nem voltar a cabeça para ver algo que não esteja diante deles. A luz lhes vem de um fogo que queima por trás deles, ao longe, no alto. Entre os prisioneiros e o fogo, há um caminho que sobe. Imagine que esse caminho é cortado por um pequeno muro, semelhante ao tapume que os exibidores de marionetes dispõem entre eles e o público, acima do qual manobram as marionetes e apresentam o espetáculo. (PLATÃO, 2005, p.191)

Esta passagem apesar de se referir a outro tipo de preocupação, o da busca pela verdade, nos permite fazer uma analogia quanto ao amor. As sombras poderiam ser as fantasias que acreditamos ao perfeito mundo virtual e a luz fora da caverna pode ser o amor real e o possível, observando as fragilidades humanas. Tanto no sociólogo quanto no líder religioso, eles entendem que estamos baixando os níveis de se encontrar e viver o amor em seu estado de padrão mais elevado, ou seja, as redes sociais, que nos proporcionaram a voltar a viver em nossas cavernas com nossos certezas, medos e segurança, porém com sentimentos de níveis baixos e imprecisos.

Outra boa analogia quanto ao sentido de amor na contemporaneidade está na descrição que o rabino Abraham Twerski faz sobre a compreensão da importância e significado do amor, sintetizando bem essa confusão que temos com relação à palavra ou o conceito amor. Ele é mais um dos pensadores que entende que o amor está sendo aceito e vivido de forma controversa nessa cultura contemporânea, em que quase tudo vem perdendo o sentido ou sendo ressignificado:

Há uma história muito interessante do rabino de Kotzk. Ele passou por um jovem que estava claramente deliciando-se em um prato de peixe que comia. Ele disse ao jovem:

- Por que você come esse peixe?

- Porque eu amo peixe!

- “Ah, você ama o peixe e por isso o tirou d’água, o matou e o ferveu. Não me diga que ama o peixe. Você ama a si mesmo. E porque o peixe é gostoso na sua opinião, você o tirou da água, e matou o peixe e ferveu.”

Muito do que chamam de “amor” é “amor a peixe”.

E então um casal de jovens se apaixona, os jovens se apaixonam, o que isto significa?

Isso significa que ele viu nessa mulher, alguém que ele creu que poderia prover todas suas necessidades emocionais e físicas, e ela sentiu que esse homem poderia fazer o mesmo. Isso foi o amor. Mas ambos estão olhando para as próprias necessidades. Não é amor pelo outro. A outra pessoa se torna um veículo para minha satisfação.

Muitos do que chamam de “amor” é “amor a peixe”.

E um amor externo não é sobre o que vou receber, mas o que vou dar.

Havia um professor de ética o rabino Dessler, que disse que as pessoas cometem um erro grave ao pensar que você dá àquelas que você ama, mas a verdadeira resposta é - você ama aqueles a quem você dá. E seu argumento é que se eu dou algo a você eu me investi em você. E já que amor próprio é natural, todos amam a si mesmos, agora que parte de mim está em você, há uma parte de mim em você que eu amo.

Então, o amor verdadeiro é um amor que “dá” não que recebe¹⁴

Na explicação do rabino Abraham Twerski, percebe-se que ele chama a atenção para a dificuldade que temos em estar sempre misturando o sentimento independente das razões variáveis que temos. Apesar de o amor estar ligado ao desejo, ambos vivem sua própria dinâmica de relação ao constituir seu fim.

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=2rravvHsgq8>. A transcrição do áudio foi feita por mim.

Muitas vezes, segundo o autor, estamos dizendo que amamos, mas na verdade apenas estamos desejando e esse desejo tem seu fim em si mesmo ao consumi-lo ou mesmo ao trocá-lo. Diferente do amor, em que seu fim não está em consumo, mas sim na fruição de se dar, e tanto mais ele se fortalece quanto mais temos a noção de perdê-lo; nessa perda entendemos a importância do medo, pois é no medo que se procura preservar e valorizar o ser amado.

A história do peixe é a exemplificação do desejo em si. O jovem amava (desejava) o peixe, pois nele só havia sentimento de satisfação e o peixe não se identificava em nada com ele, e o mesmo sabia que ao acabar de comer esse peixe, outros peixes possíveis estariam à sua disposição. Quando ele compara o jovem casal, demonstra ali um sentimento de egoísmo e não de amor, pois o que estimulava em um e outro é a condição de um esperar do outro a sua felicidade, ou seja, cada um fazia do outro um veículo particular. O que é um tanto estranho, pois a felicidade é um estado interior, logo vem de dentro para fora, e sendo assim, pensar e desejar o contrário, fará o indivíduo ficar fadado à angústia e outros sofrimentos, pois está vivendo em expectativa das ações do outro a qual não possui domínio, ao invés de si, que tende a ter um controle:

O narcisismo torna as pessoas incapazes de olhar para além de si mesmas, dos seus desejos e necessidades. Mas quem usa os outros, mais cedo ou mais tarde acaba por ser usado manipulado e abandonado com a mesma lógica. (AL. 39)

Essa cultura de enxergar somente a si mesmo, de não elevar a visão a campos mais horizontais e amplos, acabará trazendo consequências drásticas tanto no âmbito individual quanto coletivo, pois toda sociedade perde com isso. Podemos ver na criação de filhos sem referências paternas e de responsabilidade ou mesmo nos hospitais e locais de cuidado específico com os idosos, tanto um quanto o outro sofrem com o abandono egocêntrico que o sentimento hedonista tem a capacidade de oferecer, o de anulação do ontem (passado) e o não existir do amanhã (futuro), ou seja, aquele que só consegue valorizar e viver o prazer de hoje (momento).

Na pessoa das crianças e dos idosos podemos nos ater a duas realidades bastante significativas em sua importância, uma me faz esperar com o futuro e a outra me faz valorizar um passado:

Ver uma criança é lembrar e fazer entender que somos e seremos sempre filhos: mesmo se alguém se tornar adulto, ou idoso, mesmo se tornar-se genitor, se ocupar um posto de responsabilidade, abaixo de tudo isso permanece a identidade de filho"... "E nos faz lembrar sempre do fato de que a vida não a demos a nós mesmos. Nós a recebemos. (Papa Francisco, 2017, p. 76)

Viver essa cultura líquida e também provisória, não favorece na orientação dos filhos, os quais irão crescer em uma sociedade que não tem solidez e sim referências frágeis, sendo passivos de mudanças constantes, dificultando seu entendimento ao que crê e segue:

Mas as crianças pagam também o preço de uniões imaturas e separações irresponsáveis: elas são as primeiras vítimas; sofrem o resultado da cultura dos direitos subjetivos exacerbados, da qual mais tarde, tornam-se os filhos mais precoces. Frequentemente, absorvem a violência, da qual não tem condição de "se livrarem" e, sob os olhos dos adultos, são obrigados a se habituarem à degradação". (Papa Francisco, 2017, p.80)

Talvez uma das possibilidades de se entender esse tempo líquido e de laços afrouxados está em compreender a mudança de paradigma em que a filosofia moderna estabeleceu para identificar o que seria males naturais e sociais, sendo este, de domínio humano. Bauman identifica no século XVIII essa separação em que é estabelecido os males naturais (aleatórios e imprevisíveis) e os males causados pelo homem (intencionais e premeditados). Por conseguinte, na visão do sociólogo, tememos muito mais os males causados pelo homem, já que neles existem uma carga muito grande de racionalidade e,

portanto, previsível, podendo entender então que não se trata de uma catástrofe e sim, uma causa de atos inconsequentes praticados.

Essa suposta invencibilidade do mal e a impossibilidade de identificá-lo acaba gerando uma grave crise de confiança mútua e com isso tendemos a nos esconder ou mesmo a nos abster de um encontro e tão pouco de uma possível solução, vivendo assim em nosso casulo escuro, porém seguro. Bauman chega a dizer:

a confiança está em dificuldades no momento em que tomamos conhecimento de que o mal pode estar oculto em qualquer lugar; que ele não se destaca na multidão, não porta marcas distintivas nem carteira de identidade; e que todos podem estar atualmente a seu serviço, ser seus reservistas em licença temporária ou seus potenciais recrutas. (Bauman, 2008, p.91)

Diante disso, muitos são os medos que produz essa sociedade líquida e de laços frágeis. O amor e sua banalidade nas relações não conseguiriam permanecer fora dela. Daí criamos um paradoxo existencial, pois a crescente necessidade que se tem por vínculos sólidos, baseados na fidelidade e na lealdade colabora para aumentar a ansiedade. Já não se pode confiar em ninguém e a linha a qual separava os “amigos para toda vida” dos “inimigos eternos” nesse mundo contemporâneo líquido e de laços frouxos vem se estreitando, perdendo assim a referência do limite entre o bom senso de invadir e ser invadido em nossas relações íntimas.

Ainda nesse dilema em se compreender o amor ou a banalização do mesmo por meio do narcisismo e do medo, apresentado até então com o auxílio dos pensadores já citados, há novamente uma referência sobre esse tema, vinda da filósofa judia Hanna Arendt. Sua filosofia veio a contribuir muito em se entender a origem do totalitarismo moderno, se tornando esse, um grande influenciador à teoria de Bauman, de liquidez.

Arendt em seu início de pensamento acadêmico produziu em seu doutorado a tese “*O conceito de amor em Santo Agostinho*”, na qual procura discutir junto com o pensamento do filósofo a origem do mal. Podemos perceber em sua vasta obra e militância, que esse tema a seguiu por muito tempo,

cunhando sua famosa frase aqui já apresentada “a banalidade do mal”, trazida do julgamento de Eichmann em Jerusalém, e que nessa dissertação tomamos a liberdade de atualizá-la para “a banalidade do amor”.

Em um dos momentos de sua tese, Arendt apresenta as causas e consequências da existência e perseverança do amor e como age em um relacionamento dentro do mundo ao objeto amado. Podemos entender que amar ou desejar uma coisa por si mesma, é desejar algo ou alguém independentemente de qualquer inclinação, pois se contempla o que advém como algo particular, totalmente isolado do restante dos objetos. “Amar não é mais do que desejar (appetere) uma coisa por si mesma”, e, indo um pouco mais longe, “Pois todo amor é desejo”. (Arendt, 1997, p. 17)

Todo o desejo que for “coisificado” acaba perdendo seu sentido, pois esse se tornou determinado por imposições e interferências externas, deixando em segundo plano sua capacidade própria de fruir ao que é atingido ou apresentado nessa sociedade de avalanche de informações, sobre isso fala-nos Arendt: “A vida feliz encontra-se lá onde o nosso ser não terá morte” (ARENDR, 1997, p.25)

Nesse momento em que o desejo passa da contemplação para a consumação, o caráter específico deste bem contemplado é o de não ser possuído. No entanto, já o ser possuído, ele acaba, e para não acabar, será necessário existir ou surgir um outro sentimento, o do perigo da perda daquilo a qual já tinha sido adquirido. Nesse caso, o princípio motor que era o desejo de possuir, passa a se transformar em medo, o medo de perder. O medo é um sentimento que faz com que sempre nos lembramos de que somos seres finitos, pois ele está regido por um só fundamento: a morte.

Quando temos medo da vida, tememos que um dia ela venha a desaparecer, e assim se perdermos tudo o que conquistamos, teremos apenas o nada. A morada do amor está na ausência do medo, pois não há o que perder. O amor pode ser verdadeiro, porém quando se fala em mundo (ato concreto), se torna abstrato, pois como tudo que está no mundo é mortal, o amor enquanto matéria também acaba se tornando propriamente mortal, ou seja, também tem seu começo e fim. O amor vive nesse paradoxo e não podemos tirá-lo dessa decepção, de tal negatividade, pois quando alcançamos a ausência do medo: O que mais há, a não ser amar?

O amor em seu sentido único tende a ser como a morte, algo transcendental, mistério que será revelado em outro momento da história, apresentado pelo apóstolo Paulo em sua carta a Coríntios, que hoje chamamos hino ao amor. Nessa carta há a explicação da importância sobre três importantes virtudes, afirmando que a do amor é a mais bela e importante, pois é a única que será vivida pós morte no chamado reino celeste. 13 “Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, estas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade” (1 Coríntios 13,13)

Não só temos essa afirmação sobre o amor, pronunciada pelo apóstolo Paulo, do modo que também o sociólogo Bauman trata em sua obra sobre o amor líquido dessa certeza: de que o amor é um sentimento único e não comparável. Conforme notamos a seguir:

Para Ivan Klima, poucas coisas se parecem tanto com a morte quanto o amor realizado. Cada chegada de um dos dois é sempre única, mas também definitiva: não suporta repetição, não permite recurso nem promete prorrogação. Deve sustentar-se “por si mesmo” - e consegue. Cada um deles nasce, ou renasce, no próprio momento em que surge, sempre a partir do nada, da escuridão do não ser sem passado nem futuro; começa sempre do começo, desnudando o caráter supérfluo das tramas passadas e a utilidade dos enredos futuros.

Nem no amor nem na morte pode se penetrar duas vezes - menos ainda que no rio de Heráclito. Eles são, na verdade, suas próprias cabeças e seus próprios rabos, dispensando e descartando todos os outros. (Bauman, 2004 p.15)

Nesse sentido, podemos entender que o amor não possui uma história a ser aprendida com erros e acertos, ele é apenas uma construção de linha de sentidos no qual vivenciamos e experimentamos oportunidades, em meio aos nossos semelhantes. E quem seria esse nosso semelhante? Todos aqueles que comungam, participam e partilham da criação divina. Precisamos permitir essa empatia pelo outro, pois nele justifica-se a minha existência, o ignorá-lo é desprezar a si mesmo, é não entender que somos dependentes um do outro

dentro dessa casa comum e que dela precisamos estar sempre em construção a se viver um mundo melhor.

3.3 Entre encontros e desencontros – O amor um objeto ou um objetivo

De fato, é possível que alguém se apaixone mais de uma vez, e algumas pessoas se gabam – ou se queixam - de que apaixonar-se ou desapaixonar-se é algo que lhes acontece (assim como a outras pessoas que vêm a conhecer nesse processo) de modo muito fácil. Todos nós já ouvimos histórias sobre essas pessoas particularmente “propensas” ou “vulneráveis” ao amor” (...) “Pode-se supor (mas será uma suposição fundamentada) que em nossa época cresce rapidamente o número de pessoas que tendem a chamar de amor mais de uma de suas experiências de vida” (...) “ Afinal, a definição romântica do amor como “até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil” (...) “Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões do amor, esses padrões foram baixados. Como resultado, o conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra amor expandiu-se muito. Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de “fazer amor”. A súbita abundância e a evidente disponibilidade das “experiências amorosas” podem alimentar (e de fato alimentam) a convicção de que amar (apaixonar-se, instigar o amor) é uma habilidade que se pode adquirir, e que o domínio dessa habilidade aumenta com a prática e a assiduidade do exercício. Pode-se até acreditar (e frequentemente se acredita) que as habilidades do fazer amor tendem a crescer com o acúmulo de experiências que o próximo amor será uma experiência ainda mais estimulante do que a que estamos vivendo atualmente, embora não tão emocionante ou excitante quanto a que virá depois. (Bauman, 2004, p. 17)

Saio para uma troca: o objeto deve ser desejável, sob o aspecto de seu valor social, e ao mesmo tempo deve desejar-me, levando em consideração minhas potencialidades e recursos expostos e ocultos. Assim, duas pessoas se apaixonam quando

sentem haver encontrado o melhor objeto disponível no mercado, considerando as limitações de seus próprios valores cambiais. (Fromm, 2000, p.12)

Essas duas transcrições, trazidas por dois olhares distintos de um sociólogo e de um psicanalista, nos trazem a evidente possibilidade de nos perdermos quanto a busca do amor. No mundo contemporâneo, existem muitas seduções, ciladas e caminhos fáceis para se alcançar níveis de paixões que muitas vezes se confundem com o amor pleno. Inúmeras são as vezes em que se escuta, “o importante é ser feliz!”, “Vou em busca da minha felicidade!”. As duas frases escutadas em momentos distintos, nos trazem de imediato uma verdade inequívoca, pois de acordo com o dito popular ou senso comum, “ninguém nasceu para ser triste!” e “Todos temos que buscar a felicidade!”. Conforme já dissemos, todas são frases que estão calcadas em princípios aceitáveis, justos e verdadeiros, o problema se apresenta quando aprofundamos essas sentenças. Elas estão centradas na justa medida ou apenas respondem a um desejo particular? Elas fazem do outro um meio ou um fim de minha satisfação? A relação de troca é de descarte ou reciclável?

Sim, acreditamos que precisamos fazer esses questionamentos, para assim medirmos como estão sendo construídas nossas relações, já que estamos desconstruindo muitos dos valores adquiridos em culturas que não se vive mais. Precisamos voltar a essas perguntas para buscar uma referência do que estamos querendo construir e viver a partir de agora. Se ao mesmo tempo “até que a morte os separe” não faz mais sentido quanto à crença em um destino a dois, trazida pelo romantismo ou pelo dever social religioso, o sentimento de “que seja eterno enquanto dure”, também de certa forma causa uma insegurança, pois nunca saberemos quando chegará o fim do eterno e quem tomará o passo para o fim. E aquele que não deseja o fim, como fica? E os seus frutos? Família, amigos, ideias, construções, conquistas, o que fazer quando apenas uma parte deseja o fim, por seus diversos motivos particulares?

Não queremos tecer aqui uma armadilha de emparedar uma situação de relação amorosa conflituosa e fazer dela um fardo a ser carregado, muito pelo contrário, acreditamos fielmente que quem ama dá a liberdade e não escraviza. Mas esse amor só pode ser livre e feliz quando for maduro e responsável,

fugindo da cultura mercantil e utilitária em que muitos somos inseridos de que para se ter uma vida feliz, precisamos de sucesso, poder e riqueza. Infelizmente, inconscientemente, quando buscamos encontrar um amor, buscamos no outro que se torna objeto, para satisfação de nossos anseios.

Essa atitude contemporânea em se afirmar que se compensa um amor perdido com outro, que se cura um amor amando outros, demonstra a plena contradição diante de situações de pessoas profundamente solitárias, buscando preenchimento do que lhe falta de qualquer forma, por exemplo em redes de relacionamentos, que são cada vez mais procuradas; ou até mesmo com qualquer pessoa, se aventurando com quem de imediato lhe ofereça prazer. Essa é a resposta que se dá para as pessoas que vivem em solidão e separação, duas situações que nos causam impotência quanto às cobranças sociais em ser útil, atraente e melhor. Inconscientemente isso nos fala que o mundo e a sociedade nos invadem sem termos a capacidade de reagirmos.

Amar nos tempos atuais nos parece angustiante, pois talvez esse ato esteja sufocado pela cultura do pragmatismo, já que se pensar mais longinquamente sobre um viver, diminui em escala considerável a crença em utopias, portanto esperar do destino, se torna algo sem sentido. Paradoxalmente, o amor é refém do destino, pois nele se projeta riscos, ansiedades e conquistas, amar é sempre um vir a ser, acreditar que o imperfeito se tornará perfeito, que o que não existe poderá criar vida. Essa é a utopia do amor, que o mundo contemporâneo gradualmente vem se esquecendo com seu pragmatismo em respostas e conquistas simples para assuntos complexos, tais como o de construir uma relação amorosa de confiança e entrega, dentro de uma cultura de rede de conexões, quanto um simples desentendimento ou desconforto, em que nos desligamos desse destino pré-determinado:

Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível. Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no outro, o companheiro no amor. “A satisfação no amor individual não pode ser atingida sem a humildade, a coragem, a fé e a disciplina verdadeiras”, afirma Erich Fromm –

apenas para acrescentar adiante, com tristeza, que em “uma cultura na qual são raras essas qualidades, atingir a capacidade de amar será sempre, necessariamente, uma rara conquista” (...) E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. (Bauman 2004, p.18)

Aparentemente, o sociólogo critica esse pensamento de Erich Fromm sobre sua teoria de se aprender a arte de amar. No entanto, o que se pode conceber é que os dois comungam da mesma visão: de que amar e ser amado em um mundo sem referências e de soluções pragmáticas faz com que diminuamos o nível de capacidade de amar e ser amado. Muitos de nós ficamos a esperar algo sobrenatural acontecer para começarmos instantaneamente a amar. O que Fromm tenta explicar é que o amor, assim como qualquer outra arte, precisa ser cultivada, trabalhada e observada. Ficar à espera de um sopro divino a motivar um relacionamento é perder a capacidade de viver seu livre arbítrio, portanto de permitir a possibilidade de qualquer ser, sem afinidade alguma, poder entrar na sua vida e dela agora governar, com ações que em sua particularidade não aceitaria.

Um dos princípios da arte de amar e logo se relacionar e conviver com o outro, está centrado na sua capacidade de possuir escolhas. Durante muito tempo, nossos relacionamentos matrimoniais e conseqüentemente familiares foram pautados por essa falta de escolha, pois aceitávamos a situação dos acordos de interesses econômicos familiares, fosse de ordem de poder ou por ordem de segurança. Podemos ter uma noção sobre isso com o romance e a cinematografia “Orgulho e Preconceito”, escrito pela autora Jane Austen. Esse se tornou uma das obras clássicas, devido ao amor romanceado que nela contém, e também por sua originalidade em desenvolver na trama uma desconstrução para conceitos universais, no tocante ao amor. Em toda a obra, podemos refletir de que maneira conviver com alguém que é muito diferente; o porquê deveríamos nos casar apenas por convenção ou necessidade econômica familiar ou social. É o caso da família da personagem Elizabeth (sendo a quinta filha), em que as filhas não possuíam o prestígio e as possibilidades de se

sustentarem sozinhas, e por isso, seus pais sempre buscavam encontrar um casamento vantajoso à família. E também o caso do Personagem Darcy, um jovem rico e solteiro, pressionado a se casar com uma mulher de respeito. Observa-se então um pano de fundo das relações construídas por interesses particulares: Elizabeth, por orgulho, por não querer ser vitimizada, e Darcy por preconceito, por não enxergar mais do que já sabia de sua família.

Assim como já apresentamos aqui, o amor é entregar-se a um futuro destino e construir pacientemente o conhecer a dois. A arte de amar deveria sempre passar pelo processo da empatia e não somente pela atração física, as ideias de um e outro é o que farão perceberem se podem e conseguirão conviver e constituir uma família. O princípio de uma afinidade nasce, obrigatoriamente, da escolha, e esse cordão umbilical não deveria se romper facilmente.

Outra face do amor que contribuirá na construção dessa arte é a empatia pelo objeto amado, e quando aqui dizemos objeto, não nos referimos ao material e sim ao ser ou ao sujeito afetado. O que queremos dizer é que amar é o deixar ser afetado por uma afinidade e empatia que se acredita e foram construídas como valores particulares e universais diante de seu convívio e realidade. Afastamos portanto, a ideia de amor à primeira vista. Não aceitamos esse tipo de amor, pois ele vem carregado da idealização da pessoa amada. Mesmo que seja fácil imaginar como outra pessoa deve ser e nutrir sentimentos por essa ideia, é também perigoso em troca dessa idealização, negociar constantemente com alguém que pense, age e possui crenças diferentes. Essas situações são pertinentes nas telas de cinema ou no universo de ficção. A ideia de valorizar, tanto a afinidade quanto a empatia, é reconhecer que a vida a dois e o relacionamento, se dá por meio de luta diária, em que não há sossego, e portanto, é preciso vigilância.

Ninguém ama aquilo que não conhece, sendo essa a mensagem que nos transmitem os personagens da obra “Orgulho e Preconceito”. A personagem Elizabeth não gosta de Darcy nos três primeiros encontros entre os dois. Na verdade, ela só começa a pensar positivamente nele, quando eles, de fato, se conhecem, conversam, pedem desculpas pelos erros e se abrem para outras visões de mundo que não as próprias. Elizabeth não existe apenas para fazer Darcy um homem melhor, nem o contrário.

Pode-se compreender que empatia, apesar da pouca afinidade, seja a parte central para compreender a obra “Orgulho e Preconceito”, pois apenas quando Darcy e Elizabeth se colocam no lugar do outro, que eles conseguem sair de seus mundos orgulhosos e preconceituosos e começam a ver um ao outro com novos olhos. A trama nos envolve devido a estar compatível ao mundo real que cada um vivencia: o viver segundas chances, por se ter empatia um pelo outro, por mostrar que é possível errar, se arrepender, melhorar, e por mostrar que ninguém é perfeito, nem mesmo o amor. A afirmação a seguir de Bauman nos permite refletir sobre esse fato:

Franz Kafka observou que somos duplamente distintos de Deus. Tendo comido da árvore do bem e do mal, nós nos distinguimos Dele, enquanto o fato de não termos comido da árvore da vida O distingue de nós. (...) Mas sabemos disso, o que não nos permite ter sossego. Desde a fracassada tentativa de erigir a Torre de Babel, não podemos deixar de tentar e errar e fracassar e tentar novamente. Tentar o quê? Rejeitar essa distinção, rejeitara negação do direito aos frutos da árvore da vida. Prosseguir tentando e fracassar nas tentativas é humano, demasiadamente humano (Bauman, 2004, p. 28)

Apesar do romance “Orgulho e Preconceito” ainda fazer eco dentro de nossa sociedade, ele vai se tornado cada vez mais insignificante dentro de uma sociedade que tem pressa, angústia e facilidade para a troca. A sociedade líquida que Bauman denuncia não tem mais tempo para esse conhecer. Vivemos uma instantaneidade de prazeres e realizações em nome de uma suposta felicidade individual, falamos suposta, pois é impossível ser sozinho. Em nome de uma vida egocêntrica, nos aventuramos sempre em uma próxima oportunidade, no outro que está por vir, não reconhecendo assim um meio de fuga e incapacidade de amar a si próprio. Essas são as características de um pensamento e uma vivência de uma cultura líquida:

Para nós, os habitantes deste líquido mundo moderno que detesta tudo o que é sólido e durável, tudo que não se ajusta ao uso instantâneo nem permite que se ponha fim ao esforço, tal perspectiva pode ser mais do que aquilo que estamos dispostos a exigir numa barganha. (BAUMAN 2004, p. 35)

O que tem prevalecido aos nossos costumes é a relação de bolso, pois nos traz o atrativo de ser doce e de pequena duração. Dizemos doce, pois ela é tratada na medida de seu prazer.

Não são poucos os sites de relacionamentos que literalmente põem as pessoas à proximidade de um bolso ou de uma palma da mão quando estamos nos referindo aos meios tecnológicos, celulares e tablets, por exemplo. Nesses aparelhos, estamos a apenas um clique para obter nossa satisfação mediante ao vasto cardápio de indivíduos que se cadastram nessas plataformas, para em boa parte, encontrar alguém que se pareça não comigo, mas com o que idealizo por perfeição humana em estética, viagens, comidas, etc..

Outro grande chamariz dessa facilidade para relação de bolso está no fato que estamos sempre no comando ao menor indispor que possamos ter, pois deletamos, ignoramos e partimos para outra, o sentimento de concorrência é constante, não podemos vacilar, não podemos barganhar muito, pois sempre terá outra pessoa disponível no “cardápio”:

nada de "amor à primeira vista" aqui. Nada de apaixonar-se... Nada daquela súbita torrente de emoções que nos deixa sem fôlego e com o coração aos pulos. Nem as emoções que chamamos de "amor" nem aquelas que sobriamente descrevemos como "desejo". Não se deixe dominar nem arrebatado, e acima de tudo não deixe que lhe arranquem das mãos a calculadora. E não se permita tomar o motivo da relação em que você está para entrar por aquilo que ele não é nem deve ser. A conveniência é a única coisa que conta, e isso é algo para uma cabeça fria, não para um coração quente (muito menos superaquecido). Quanto menor a hipoteca, menos inseguro você vai se sentir quando for exposto às flutuações do mercado imobiliário futuro; quanto menos investir no relacionamento, menos inseguro vai se sentir quando for exposto às flutuações de suas emoções futuras. (BAUMAN, 2004, p. 23)

Fazendo essa relação de procura e oferta quanto ao mercado, o sociólogo nos faz pensar se realmente não estamos nos relacionando igual às mercadorias, que por um menor defeito que seja, trocamos por outra. Muitos são os casos que temos de pessoas difamadas por terem terminado com alguém e esse outro não ter aceitado a rejeição ou mesmo a incompatibilidade de gênio, transformando a vida da difamada em um sofrimento constante. Não são poucos os casos de suicídio vinculados a essa humilhação em rede social. Nas escolas, lugares em que se deveria aprender a conviver com a diferença e as frustrações, são onde mais se proliferam esse tipo de julgamento público, pois jovens sem temor expõem e se expõem em troca de diminuir seu desafeto, que outrora era seu parceiro.

Essas feridas abertas, que muitas vezes se infeccionam, demoram muito para cicatrizar, pois construir um relacionamento vai além de duas pessoas, envolve terceiros, que querendo ou não já fazem parte dessa história, pois ajudaram a construí-la: filhos, parentes, afilhados, amigos, obrigações conjuntas sociais, como a aquisição de algo de sentimental (animal de estimação) ou econômico (bens duráveis). Tudo isso, faz pesar hoje em querer buscar uma relação mais profunda. Portanto, a sedução do apenas se divertir e não precisar dar satisfação nem assumir compromisso direto com o ser relacionado e tão pouco com seus terceiros, faz cada vez mais os jovens e as pessoas em geral, arriscarem-se em uma vida sozinha e independente. É o que vem apontando, recentes reportagens e estatísticas voltadas a essa nova forma cultural de se relacionar e não se comprometer com um futuro. Para constatar esse fato, apresentamos a síntese de uma reportagem feita na Suécia, um dos países mais bem desenvolvidos, ricos e onde mais se valoriza a vida solteira autônoma. A reportagem da BBC Brasil informa:

De acordo com estatísticas nacionais, mais de meio milhão de estrangeiros em idade ativa mora hoje na Suécia, país que tem a maior proporção de solteiros na Europa. Mas começar um relacionamento amoroso tem se provado um desafio para essa parcela da população.

Quase metade das moradias suecas é ocupada por adultos solteiros e sem filhos - número acima da média de menos de um

terço em todo o restante da Europa, segundo a Eurostat, agência de estatística da União Europeia.

Esse cenário pode não parecer ruim (...). No entanto, por trás dos números está uma norma cultural que quase promove a solteirice.

As cidades suecas estão cheias de lares compactos, que foram cuidadosamente projetados para facilitar a vida independente.

Até mesmo na capital Estocolmo, que vive uma grande crise habitacional, ainda é mais barato morar sozinho do que em outras grandes cidades que atraem talentos internacionais, como Londres ou San Francisco.

(...) "Eu não tenho nenhum problema em conseguir um primeiro encontro", explica Raquel. "Mas encontrar algo de longo prazo é muito mais difícil aqui."

A Suécia aparece com frequência em rankings que classificam os países mais atraentes no mundo (...).

No entanto, um relatório divulgado pela agência de pesquisas Estatísticas Suécia em 2015 revelou que apenas uma entre quatro pessoas que chegaram ao país solteiras encontrou um parceiro depois de cinco anos.

"É bastante surpreendente que, duas décadas depois da entrada da Suécia na UE, nós ainda observemos os mesmos padrões", disse Andreas Raneke, analista de população que liderou a pesquisa.

"Você imaginaria que teria se tornado muito mais comum para suecos formarem famílias com um estrangeiro, graças à liberdade de movimento e ao aumento da imigração.

(...) "As pessoas não gostam de falar que estão 'namorando' na Suécia. Há uma enorme pressão ligada a essa palavra", explica.

"Eu conheci muitas mulheres bonitas que querem passar algum tempo acompanhadas, mas tudo tende a ser de bastante curto prazo... Eu estou procurando por algo mais sério agora."

(...) O psicoterapeuta americano David Schultz, que mora na Suécia há 13 anos, (...)

"Você pode estar com alguém, mas não viver junto, casamento não é uma instituição muito forte, você pode ter filhos e não ser casado. De uma certa maneira, é uma cultura completamente diferente (em relação a muitos outros países)."

A forte ênfase na igualdade de gênero do país nórdico também faz com que mulheres sejam muito menos dependentes financeiramente de homens do que na maioria de outros países.

A média de idade para um primeiro casamento é de 33 anos para mulheres e 35.7 anos para homens, segundo Eurostat.

Nos EUA, a idade para mulheres é de 27 anos e para homens, 29 anos. Já no Brasil, a idade média dos homens no dia do casamento é de 30 anos e a das mulheres, 27 anos, de acordo com estatísticas do Registro Civil de 2014 divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

As despesas com filhos na Suécia também são altamente subsidiadas, fazendo com que mães sejam menos dependentes de um parceiro para complementar a renda. O índice de divórcios ali é o mais alto da UE.¹⁵

Toda nossa cultura ocidental capitalista se baseia no consumo da compra, ao olhar do homem contemporâneo com o sentido de felicidade está ligado estritamente ao que posso comprar e consumir, independente do que é necessário, existe uma condição psíquica de compulsão de comprar tudo o que nosso dinheiro possa adquirir ou que nosso cartão possa parcelar. Essa mesma condição vem sendo transmitida nas nossas relações amorosas, é o que demonstra o contexto da Suécia citado acima, uma cultura que presa pela vida autônoma, independente e hedonista, pois inconscientemente faz as pessoas se tornarem também uma mercadoria, em que escolho o grau de satisfação que esta poderá me oferecer e quanto tempo será útil. No mundo atual, o comprar

¹⁵ Disponível em:< <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cap-37832345>> Acesso em: 15 out 2018.

tem como concepção o tomar posse e alcançar lucro com essa aquisição. Assim, estamos fazendo com nossos relacionamentos, medindo suas intenções ao nível de satisfação particular e egoísta, olhamos o outro, não mais como companheiro(a) ou parceiro(a), mas como sócio e credor, aquele que pode me oferecer algo para o meu enriquecimento e não para o “nosso” desenvolvimento enquanto pessoa, cidadão e família.

Olhando essa realidade, também relatada na reportagem da “BBC Brasil”, tudo acontece devido a uma formação cultural de estabilidade econômica e de conquista de direitos iguais aos gêneros. Outro exemplo se nota, no que diz respeito à responsabilidade em se criar os filhos, independente do casal estar casado ou não, já que dificilmente alguém irá querer perder sua liberdade e privação. Outro fator que chama atenção nessa reportagem está nas moradias residenciais, pois não é de hoje que percebemos mudanças arquitetônicas culturais com os ambientes de convívio familiar. Acreditamos que isso venha interferindo diretamente no conceito de família, porém apenas deixemos essa reflexão sobre a diminuição de metragem no espaço de convívio familiar.

Essa cultura pragmática levantada nesse tempo contemporâneo, vem educando os jovens ao valor da satisfação instantânea e segmentada, em que dá espaço à individualidade ou particularidade do que a pluralidade e solidariedade. Proporciona-se ambientes de convivência coletiva: baladas ou bares, onde estamos misturados ao mesmo tempo com todos e com ninguém.

Atualmente, vivemos um individualismo em elevada potência, mas isso não é novo, basta recorrermos à nossa história familiar ou mesmo as cinematografias de épocas e veremos que o individualismo lá também existia, porém com menos manchete. Quantas esposas não ficavam mudas com a posição do autoritarismo do marido, quando ele saía sem dar satisfação e as deixavam com os filhos sem saber se voltava; casamentos eram construídos sem o consentimento das partes e por incompatibilidade de gênio, marido e mulher acabavam virando duas ilhas. Muitos filhos cresciam distante dos pais ou na rua, pois os mesmos passavam o dia todo fora trabalhando.

No mundo contemporâneo, a individualidade se apresenta com mais atrativos e glamour, porém sua raiz é a mesma, o egoísmo. Da mesma maneira

que em momentos passados deveria ser combatido, hoje também, pois é muito danoso formar uma sociedade sem referência familiar, se cada um manter sua opinião e desejo, a tendência é a de vivermos em sociedade sem sentido coletivo:

Ao mesmo tempo, encontramos-nos perante fenómenos ambíguos. Por exemplo, aprecia-se uma personalização que aposte na autenticidade em vez de reproduzir comportamentos prefixados. É um valor que pode promover as diferentes capacidades e a espontaneidade, mas, se for mal orientado, pode criar atitudes de permanente suspeita, fuga dos compromissos, confinamento no conforto, arrogância. (...) De facto, em muitos países onde diminui o número de matrimónios, cresce o número de pessoas que decidem viver sozinhas ou que convivem sem coabitar. (AL. 33)

Há queda na taxa de matrimónios atualmente, tanto pelo aumento crescente do divórcio, quanto por um fenómeno novo, o da rejeição, pois não mais se quer compartilhar o mesmo compromisso e constituir uma família, ao menos não nos moldes já conhecidos. Apresentamos há pouco uma reportagem de um país nórdico, a Suécia, que possui uma elevada qualidade de vida, e por conta disso, poucos se aventuram a construir juntos o “até que a morte os separe”. As pessoas, principalmente os jovens, estão menos dispostos a hipotecar sua liberdade e independência em troca de acreditar em um futuro incerto. É aterrorizante para alguns se entregar por completo, pois é isso que o amor exige, bem como sonhos, vontades, conquistas, derrotas e recomeço:

No fundo, hoje é fácil confundir a liberdade genuína com a ideia de que cada um julga como lhe parece, para além dos indivíduos, como se, não houvesse verdades, valores, princípios que nos guiam, como se tudo fosse igual e tudo se devesse permitir. (...) Teme-se a solidão, deseja-se um espaço de proteção e fidelidade, mas, ao mesmo tempo, cresce o medo de ficar encurralado numa relação que possa adiar a satisfação das aspirações pessoais. (AL. 34)

Vivemos esse paradoxo da liberdade e da angústia, ao mesmo tempo que queremos usufruir do máximo possível da abundância de possibilidades que nos

cercam, ficamos no desejo de uma hora poder acalmar e partilhar algo com alguém que respeite nosso espaço e seja fiel aos nossos compromissos firmados.

O Papa Francisco transmite aos cristãos que viver esse jogo é perigoso, ainda mais por estar cheio de sedução, sendo os jovens mais propícios a esse tipo de cultura. Entretanto, ele enfatiza que o problema não é a liberdade e sim o rumo que damos a ela. Enfim, o problema não está no poder e sim no dever: “Tudo me é permitido, mas nem tudo convém. Tudo me é permitido, mas eu não deixarei que nada domine.” (Coríntios1- 6;12). Para o cristão não viver essas facilidades nem cair em contradição ao que acredita, precisa ter como critério o amor, “amas e faze o que quiseres”, já dizia Santo Agostinho. Nada que se faz pelo amor se faz pensando em si mesmo, os matrimônios e o surgimento das famílias não podem ser permeados por sentimentos individualistas. No entanto, não precisamos impor códigos de leis moralistas, construídos há séculos e que por vezes já perderam o sentido, mas sim, não perdermos o olhar nos valores e generosidade, essas são formas essenciais em se convencer a outra parte que o matrimônio e a vida em família também é interessante e vale a pena ser vivida.

« cultura do provisório ». Refiro-me, por exemplo, à rapidez com que as pessoas passam duma relação afectiva para outra. Crêem que o amor, como acontece nas redes sociais, se possa conectar ou desconectar ao gosto do consumidor e inclusive bloquear rapidamente. (AL. 39)

O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços. (...) A realização mais importante da proximidade virtual parece ser a separação entre comunicação e relacionamento. "Estar conectado" é menos custoso do que "estar engajado" — mas também consideravelmente menos produtivo em termos da construção e manutenção de vínculos. (BAUMAN, 2004, p. 59)

O grande fetiche de vivenciar uma conectividade no mundo das redes sociais está na sedução de consumir o que se deseja a apenas um clique,

paradoxalmente, o mesmo sentido que nos estimula a vivenciar essa conectividade, está na capacidade de nos desconectar, desejar e não desejar, que nesse campo é muito rápida, bastando apenas não voltar a se comunicar, ignorar ou bloquear, resolvendo assim prontamente a minha insatisfação e contrariedade. Relacionar-se nos tempos atuais é demasiado cansativo, e a ideia do mundo virtual é de ser algo dinâmico e atualizado. Há casos em que as pessoas passam tanto tempo em redes sociais, que quando precisam se encontrar, quase já não tem o que conversar. Não é incomum observarmos em restaurantes, casais de namorados, famílias ou apenas grupos de amigos, em que alguém está olhando para uma tela e não conversando e convivendo com o que está à sua frente ou ao seu lado.

3.4 A Exortação *Amoris Laetitia* em tempos de Amor Líquido

O Papa Francisco na *Exortação Pós-sinodal Amoris Laetitia* analisa a situação atual do amor e apresenta um novo olhar sobre o amor no casamento.

Ele sustenta que devido à complexidade do mundo contemporâneo, a forma de se constituir e se sustentar uma família nos tempos atuais se tornou também muito mais complexa, pois não vivemos mais um mundo de definições firmes e engessadas, ou seja, precisamos nos ater às luzes e sombras de todos os significados, não vendo uma ação apenas de forma homogênea e sim diversificada. Portanto, cada caso é um caso, exigindo assim um olhar mais minucioso de um amor heterogêneo, respondendo aos anseios de suas próprias realidades. Foi o que procurou fazer apontando e direcionando todo seu presbitério e fiéis na importância de amar e se sentir amado, para assim poder oferecer o evangelho, “boa nova”, na sua essência *Amoris Laetitia*, (AL 31)

De acordo com o Papa Francisco; “(...) Nem a sociedade em que vivemos, nem aquela para onde caminhamos permitem a sobrevivência de formas e modelos do passado”. (AL 32)

Em *Amoris Laetitia*, verifica-se uma salutar preocupação em se compreender as novas relações humanas afetivas, que inevitavelmente são hoje uma realidade pelas quais se constituem nossa sociedade. Sabemos que discutir questões morais sempre causa desconforto, seja no ambiente que for,

quanto mais dentro de uma instituição religiosa com mais de 1,5 bilhão e meio de fiéis e com uma existência de quase 2000 anos passando por distintos momentos quanto a governos, culturas, guerras, sendo que em todos, a Igreja Católica conseguiu superar e se manter de pé. Talvez o que a faça permanecer até hoje, é o fato de a Igreja saber se adaptar ao momento e não perder a sua intimidade de relação com o povo, ainda que suas mudanças possam não parecer perceptíveis devido à sua forte estrutura simbólica e tradicional que para muitos a engessam, sem permitir maiores movimentações. Podemos verificar esse fato no trecho a seguir:

não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em vista do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história (GS, 1).

Percebemos essa difícil tarefa do pastor que a conduz junto com seus colaboradores diretos, o que em tantos casos se dá devido à origem e realidade de cada cardeal e suas comunidades. Mas também não podemos negar que sendo nós todos humanos, há um sentimento que influencia e interfere muito nos caminhos que a Igreja aponta, que é o sentimento de poder, cobiça e reconhecimento. É o que nos transmite pensar e dizer diante da primeira reunião chamada pelo Papa para preparar as discussões sobre o sínodo da família e que no documento pós-sinodal nos revela essa luta de forças contrárias:

Foi o que recordou o Papa Francisco na celebração com a qual se inaugurou a última etapa deste caminho sinodal, dedicado à família: «Deus não criou o ser humano para viver na tristeza ou para estar sozinho, mas para a felicidade, para partilhar o seu caminho com outra pessoa que lhe seja complementar... [...]. É o mesmo desígnio que Jesus [...] resume com estas palavras: “Desde o princípio da criação, Deus fê-los homem e mulher. Por isso, o homem deixará o seu pai e a sua mãe para se unir à sua mulher, e os dois serão um só. Portanto, já não são dois, mas um só” (Mc 10, 6-8; cf. Gn 1, 27; 2, 24)». Deus «une os corações

de um homem e de uma mulher que se amam e liga-os na unidade e na indissolubilidade. Isto significa que o objetivo da vida conjugal não é apenas viver juntos para sempre, mas amar-se para sempre. (DS .1)

A citação proposta acima nos referencia sobre essas forças. No mesmo texto, temos duas interpretações diferentes e que aparentemente comungam a uma concordância, porém só se enxerga em forma, mas não em essência. O que o Papa reflete e solicita compreender é que o mais importante é saber caminharmos juntos.

A Igreja Católica na pessoa do Papa busca retomar o *Concilio Vaticano II*, quando este já demonstra que estava disposto a compreender a realidade de cada membro e suas ânsias, ainda mais porque naquele momento histórico havia muitas mudanças de costumes e valores. Atualmente, podemos afirmar que muitas reinvidicações da época se tornaram realidades em nossos meios de convivência: os direitos às mulheres, homossexuais, divórcio, direitos trabalhistas, liberdade de imprensa, entre outros.

No documento sinodal, os bispos apresentam essa preocupação em retomar o diálogo e compreendê-lo ao seu tempo. Entretanto, já foi aqui mencionado que a dualidade e a firmeza em se preservar tradições aos costumes, fazem o diálogo se tornar superficial, oferecendo assim um braço muito curto para um abraço de acolhida, o que não favorece o aprofundamento dos laços do acolhimento à realidade vivida:

Dirigimos a nossa atenção aos desafios contemporâneos que influem sobre muitíssimos aspetos da vida. Estamos cientes da orientação principal das mudanças antropológico-culturais, em virtude das quais os indivíduos são menos apoiados do que no passado pelas estruturas sociais na sua vida afetiva e familiar. Por outro lado, é preciso considerar igualmente o desenvolvimento de um individualismo exasperado que desvirtua os vínculos familiares, fazendo prevalecer a ideia de um sujeito que se constrói segundo os próprios desejos, debilitando todos os vínculos (DS. 5)

A novidade no discurso e ação esperançosa trazida pelo Papa Francisco, é a de que esse mesmo filho com a ferida que possa ter, deverá ter não só estendido o braço, mas ser abraçado e acolhido, assim como acontece na parábola do filho pródigo. Não se cabe mais lamber as feridas de pecados acidentais, se faz necessário atingir as causas estruturais desse pecado. Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco ao comparar a “imagem ideal da Igreja” com seu “rosto real”, advoga por uma renovação profunda por meio de uma “conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo” (EG 26).

Ser fiel ao princípio nos parece hoje utópico, algo que deveria ser visto como comum e natural de uma Instituição que nasce com respostas simples, de vidas simples para pessoas. Esse foi o incentivo, o estímo para a Igreja Católica ser o que mais representa de elevado à convivência humana. Lamentamos que essas mesmas convicções tragam dúvidas, esfriamento e distanciamento de seu membro mais fiel pobre e marginalizado, sofrendo julgamentos por todos os lados, sendo que o papel da instituição é o de acolhimento e resgate, assim como foram as ações de Jesus Cristo. A esse respeito o Papa escreve:

Por isso um pastor não pode se sentir feliz somente aplicando leis morais, aquele que vive em situações (irregulares), como se fossem pedras que se atiram contra a vida das pessoas. É o caso dos corações fechados, que muitas vezes se escondem até por detrás dos ensinamentos da igreja (para se sentar na cátedra de Moisés e julgar às vezes como superior, e superficialidade os casos difíceis e as famílias feridas (AL 305)

O Papa Francisco assim, vai dando um renovado semblante à Igreja, o mesmo que identificavam os Cristãos em seus primórdios: “*Vede como eles se amam!*” (Apolog. 39) Tertuliano testemunha que os primeiros cristãos levavam essas palavras de Jesus tão a sério que os pagãos exclamavam admirados; é o que demonstra essa transcrição:

“Os cristãos não se distinguem dos outros homens nem por sua terra, nem por sua língua, nem por seus costumes. Eles não moram em cidades separadas, nem falam línguas estranhas, nem têm qualquer modo especial de viver. Sua doutrina não foi

inventada por eles, nem se deve ao talento e à especulação de homens curiosos; eles não professam, como outros, nenhum ensinamento humano. Pelo contrário: mesmo vivendo em cidades gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes de cada lugar quanto à roupa, ao alimento e a todo o resto, eles testemunham um modo de vida admirável e, sem dúvida, paradoxal. Vivem na sua pátria, mas como se fossem forasteiros; participam de tudo como cristãos, e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é sua pátria, e cada pátria é para eles estrangeira. Casam-se como todos e geram filhos, mas não abandonam os recém-nascidos. Compartilham a mesa, mas não o leite; vivem na carne, mas não vivem segundo a carne; moram na terra, mas têm a sua cidadania no céu; obedecem às leis estabelecidas, mas, com a sua vida, superam todas as leis; amam a todos e são perseguidos por todos; são desconhecidos e, ainda assim, condenados; são assassinados, e, deste modo, recebem a vida; são pobres, mas enriquecem a muitos; carecem de tudo, mas têm abundância de tudo; são desprezados e, no desprezo, recebem a glória; são amaldiçoados, mas, depois, proclamados justos; são injuriados e, no entanto, bendizem; são maltratados e, apesar disso, prestam tributo; fazem o bem e são punidos como malfeitores; são condenados, mas se alegram como se recebessem a vida. (...) os gregos os perseguem; e quem os odeia não sabe dizer o motivo desse ódio. Assim como a alma está no corpo, assim os cristãos estão no mundo. A alma está espalhada por todas as partes do corpo; os cristãos, por todas as partes do mundo. A alma habita no corpo, mas não procede do corpo; os cristãos habitam no mundo, mas não pertencem ao mundo. A alma invisível está contida num corpo visível; os cristãos são visíveis no mundo, mas a sua religião é invisível. (...) o mundo os odeia, porque eles se opõem aos seus prazeres desordenados. A alma ama a carne e os membros que a odeiam; os cristãos também amam aqueles que os odeiam. (...); os cristãos estão no mundo, como numa prisão, mas são eles que sustentam o mundo. A alma imortal habita em uma tenda mortal; os cristãos também habitam, como estrangeiros, em moradas

que se corrompem, esperando a incorruptibilidade nos céus. Maltratada no comer e no beber, a alma se aprimora; também os cristãos, maltratados, se multiplicam mais a cada dia. Esta é a posição que Deus lhes determinou; e a eles não é lícito rejeitá-la” (Carta a Diogneto, parágrafos V e VI).

Esse relato foi um texto dirigido a uma pessoa chamada Diogneto. Nele, podemos ver uma descrição das práticas primitivas que surgiram com o cristianismo. Acreditamos que muitas coisas estão bem distantes dessa realidade do coração, pois segundo o Papa, estamos muito mais ligados à Cátedra de Moisés do que às pegadas de Cristo que leva aos caminhos do coração.¹⁶

3.5 NAS SENDAS DO *AMORIS LAETITIA* E A CONCRETUDE DO AMOR CRISTÃO

O amor verdadeiro não é o das telenovelas. Não é feito de ilusões. O amor verdadeiro é concreto, mira os fatos e não as palavras, o dar e não o receber vantagens.

O amor cristão tem sempre uma qualidade: a concretude. O amor Cristão é concreto. Mesmo Jesus, quando fala do amor, fala de coisas concretas: dar comida aos famintos, visitar os enfermos. São coisas concretas justamente porque o amor é concreto. É a concretude cristã. (Francisco, 2017, p.54).

O compromisso do cristão deveria ser cultivar sua essência cultural, assim como a transcrita por Tertuliano. Amar é a característica primeira do cristão e esse ato se manifesta em acolhimento, abraço, escuta, se entregar ao bem comum. Não combina com o cristão o sentimento de mesquinhez, passividade, e insensibilidade. Agir dessa forma seria um contra testemunho de tudo que se

¹⁶ Disponível em: < <https://pt.aleteia.org/2015/11/19/vede-como-eles-se-amam-sera-que-os-pagaos-poderiam-dizer-isso-dos-catolico-de-2015/> > Acesso em: 15 out 2018.

anunciou no evangelho. *“Ser cristão é viver e testemunhar a fé na oração, nas obras de caridade, na promoção da justiça e na realização do bem”.* (Angelus, 25 de agosto de 2013).

O cristianismo é a religião que se apresentou e cresceu com essa característica: a do acolhimento. As suas atitudes não eram realizadas aleatoriamente, eram fundamentadas no testemunho de seus mártires e do seu principal mártir, o próprio Jesus. Não são poucas as passagens desse ensinamento, a de amar o próximo (cf. Mt 22, 39; Jo 13, 34; Jo 15, 13). O Papa Francisco nos relembra algumas sendas de horizontes justos e possíveis, que são o da vivência da ternura, lembra ele: “essencial na experiência cristã do matrimônio e da família, destaca-se ainda outra virtude, um pouco ignorada nestes tempos de relações frenéticas e superficiais: a ternura”.(AL. 28)

Esse sentimento de ternura deveria ser nosso olhar para quando estivéssemos diante de uma situação complexa, que diz respeito exatamente à situação que expõem. Falamos aqui sobre o julgo da lei, que é fria, incompreensível e sem “aggiornamento”, deixando-a sem sentido e eficácia. Poderíamos aqui apresentar várias situações em que a execução da lei dentro da Igreja só fez afastar seu fiel mais necessitado, porém como nosso objeto é o amor e o objetivo discutir as novas constituições familiares, ficaremos com a dificuldade de se praticar a lei dentro de duas perspectivas: a mosaica fria e objetiva e a cristã íntima e compreensiva:

Os Padres sinodais lembraram que Jesus, « ao referir-Se ao desígnio primordial sobre o casal humano, reafirma a união indissolúvel entre o homem e a mulher, mesmo admitindo que, “por causa da dureza do vosso coração, Moisés permitiu que repudiásseis as vossas mulheres; mas, ao princípio, não foi assim” (Mt 19, 8). A indissolubilidade do matrimônio (“o que Deus uniu não o separe o homem”: Mt 19, 6) não se deve entender primariamente como “jugo” imposto aos homens, mas como um “dom” concedido às pessoas unidas em matrimônio. (AL. 62)

O Papa Francisco respondendo à observação dos padres sinodais, quanto à união indissolúvel do matrimônio, consegue trazer ao centro da questão a importância e o valor que se dão à lei em detrimento ao valor maior que é o

amor. Jamais algum membro da Igreja conseguirá tirar, mudar ou ignorar uma fala direta da boca de Jesus, o que procura ensinar e dar como respostas aos padres é que nenhuma fala de Cristo possa ser vista como um julgo, um fardo pesado que ninguém possa carregar. Estar em sintonia com o que Jesus apresentou quanto ao matrimônio é compreender que ele é parte de um dom, do qual o ajudará a se fortalecer e a suportar a situação que se vive na vivência do amor. A mensagem é de que não há receitas, porque cada caso é único e merece atenção personalizada. Os divorciados que vivem numa nova união e os casais que vivem junto sem se casar nessa *Exortação* são convidados à entrar em diálogo com o pároco e com o bispo. A partir daí, se busca uma solução consciente caso por caso. Para todos os católicos nesse momento, a Igreja Católica esforça-se à estar perto dos casais e das famílias referenciando na história bíblica em “que é recheada de famílias, de gerações, de histórias de amor e de crises familiares” (AL 8). “A família não é um ideal, mas um trabalho artesanal” (AL 16). Logo quando se coloca a construção de uma vida compartilhada em família, ela deveria ser compreendida em suas anuências e necessidades particulares. Toda família se inicia sem experiência nem conhecimento de consequências, pois é no dia a dia que ela vai constituindo e mostrando sua identidade com um passo ou acontecimento por vez.

Destacamos uma atenção ao oitavo capítulo, que trata da misericórdia e do discernimento pastoral diante de situações “irregulares” ou “complexas” (AL 298). Ali se apresenta a necessária gradualidade na pastoral, a importância do discernimento, das normas e das circunstâncias, exatamente o que chamamos nesse texto da interpretação fria da lei mosaica e a íntima e acolhedora lei do amor de Jesus.

O Papa fala da “lógica da misericórdia pastoral” e pede que se evitem julgamentos que não levem em consideração à complexidade das diversas situações (AL 296). Cada pessoa precisa encontrar a maneira de participar da comunidade eclesial para que se sinta objeto duma misericórdia imerecida, incondicional e gratuita (AL 297).

Um lar que se torna ambiente de muitos ultrajes e feridas, dificilmente colherá frutos bons, pois a árvore foi machucada em suas raízes. *Amoris Laetitia* é uma exortação trazida para dentro da Instituição, Igreja Católica, refletir sobre

como estamos respondendo a seus membros cheios de feridas e angústias por se viver um emaranhado de códigos canônicos frios, por virem dentro de salas sem o contato com a realidade pastoral, pois o julgo da lei está sobrepondo o dom do amor:

O Concílio Ecumênico Vaticano II ocupou--se, na Constituição pastoral *Gaudium et spes*, da promoção da dignidade do matrimônio e da família (cf. nn. 47-52). « Definiu o matrimônio como comunidade de vida e amor (cf. n. 48), colocando o amor no centro da família (...). O “verdadeiro amor entre marido e mulher” (n. 49) implica a mútua doação de si mesmo, inclui e integra a dimensão sexual e a afetividade, correspondendo ao desígnio divino (cf. 48-49). (AL. 67).

Não há novidade no que o Papa Francisco exorta em *Amoris Laetitia*, o que há é o desejo do cumprimento ao que foi proposto no *Concílio Vaticano II*, se o amor é comunidade de vida, ele não pode agir de forma diferente, o de não respeitar, acolher e cuidar. Devemos olhar para cada situação com um olhar particular e entender as realidades da igreja doméstica, não seria conveniente apenas distante da situação, apontar para o parágrafo e artigo canônico e emitir uma sentença condenatória, sem antes ter acolhido e limpado as feridas: Perante situações difíceis e famílias feridas, é preciso lembrar sempre um princípio geral: “Saibam os pastores que, por amor à verdade, estão obrigados a discernir bem as situações” (FC, 84). O grau de responsabilidade não é igual em todos os casos, e podem existir fatores que limitem a capacidade de decisão. (AL. 79).

No matrimônio, tende a se observar o valor e a dignidade humana, que não podem ser anuladas se alguma das partes não busca cumprir esse acordo sacramentado diante do altar. O respeito, o cuidar e a liberdade são significados primordiais para se fortalecer a cada dia o amor no núcleo da família, que é a célula da sociedade. Atualmente, muitos questionam o egocentrismo das pessoas e a banalidade com que elas estão vivendo. O que muitos não percebem é que a sociedade é o reflexo dos nossos primeiros passos para construir e sustentar uma relação a dois que se transformará em família, depois comunidade, posteriormente cidades e então uma complexa sociedade, que canalizou e expôs em macro sistema, essa nossa má formação de laços dependentes e duradouros.

O que o Papa faz é reconhecer uma realidade e não criar um fato. Com sua sensibilidade pastoral reconheceu que muitos casamentos nunca existiram e por sua dificuldade em custas às famílias mais carentes, acabavam vivendo em forma irregular com seus novos companheiros. Não há uma mudança dogmática e sim uma facilitação da parte canônica e administrativa para que se chegue a todos, o direito de viver em plenitude.

O agir do Papa Francisco, devido à grande mídia, acaba sendo visto como revolucionário e inovador, mas como aqui também já informamos, estamos falando de uma Instituição que tem quase 2000 anos de existência, e por mais que seja transmitido de maneira impactante e encantadora, não é algo novo, apenas renovador. Fazer o novo não é criar do nada e sim renovar as necessidades atuais e responder as angústias vividas. Notamos isso em um dos casos em que ele discursou sobre a necessidade de reconhecer que o amor não vive mais dentro de algumas relações:

Às vezes o casamento não funciona e é melhor se separar para evitar uma guerra mundial. Mas isto é uma desgraça. Vamos ver o lado positivo", acrescentou na homilia da missa matutina que é realizada todos os dias em sua residência"¹⁷

O que tem de novo nesse falar, nessa catequese, se nos aprofundarmos na história? Nada! Ele nada mais fez do que lembrar o que o atual *Código de Direito Canônico já prevê, desde 1983. Cân. 1153, § 1*: se um dos cônjuges provocar grave perigo da alma ou do corpo para o outro ou para os filhos, ou de algum modo tornar a vida comum demasiado dura, proporciona ao outro causa legítima de separação.

O Código de Direito Canônico anterior a esse, de 1917, promulgado pelo Papa Bento XV, já decretava que é legítima a necessidade de *separação de corpos* em casos específicos, em que a convivência com o marido ou a mulher chega a um ponto inaceitável de humilhação ou violência. Isso está registrado

¹⁷ Disponível em:< <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2018/05/25/papa-diz-que-as-vezes-e-melhor-se-separar-para-evitar-uma-guerra-no-casamento.htm> > Acesso em: 15 out 2018.

no capítulo VII, artigo II. O que aqui fora exposto pelo Papa Francisco não foi nenhuma mudança dogmática, mas apenas uma constatação de uma realidade, já observada e acolhida no passado. É claro que também não faria ele essa citação apenas por estar apoiado sobre a lei, não é esse o perfil dele, possivelmente ele estava mais relacionado com o discurso do apóstolo Paulo que na comunidade de Corinto declamou o que é chamado “hino ao amor”, quando reconhece que o amor só sobrevive dentro de um matrimônio ou em uma comunidade, se houver paciência, compromisso, bondade e cuidado. No entanto, diante das construções desenformadas e por vezes desfiguradas do que seja o amor, muitas famílias acabam sendo formadas com fragilidade em seus laços e vivem uma relação indigna quanto aos direitos dessa pessoa se tornar um cristão menos feliz e compromissado com o outro:

De facto, a graça do sacramento do matrimônio destina-se, antes de mais nada, « a aperfeiçoar o amor dos cônjuges ».104 Também aqui é verdade que, « ainda que eu tenha tão grande fé que transporte montanhas, se não tiver amor, nada sou. Ainda que eu distribua todos os meus bens e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor de nada me vale » (1 Cor 13, 2-3). Mas a palavra « amor », uma das mais usadas, muitas vezes aparece desfigurada. (AL.105)

Esse discurso de Paulo começa com a paciência e por muitas vezes a confundimos com o suportar “tudo”. Acreditar nisso é a mesma coisa que acreditar em um amor desfigurado. Não se deve suportar maus tratos permanentes, seja agressões físicas, verbais e/ou psicológicas.

Outra palavra importante apresentada pelo Apóstolo é a vinculada à inveja (ciúme), esse é um dos sentimentos que menos damos atenção, porém causa bastante estrago quando não trabalhado. “Enquanto o amor nos faz sair de nós mesmos, a inveja leva a centrar-nos em nós próprios”. (AL. 95)

As pessoas tendem a dizer que amam e que fazem de tudo pelo outro, mas o problema dessas palavras está exatamente nos dizeres, já que o amor é algo visível e não discursado; não podemos dizer que amamos, se o que dizemos não faz eco com nossas atitudes. Muitos indivíduos que se apropriam do discurso de Cristo, esquecem de levar as ações dele também. Quando as

peças são apenas enamoradas umas das outras, vivendo o amor romântico, muitas coisas sacrificam pelo outro, porém ao entrar no matrimônio, as seguranças da vida e a passividade vão se tornando um contra testemunho daquele amor amável, paciente e compulsivo, dando assim abertura à intolerância. Ser cristão, na visão do Papa Francisco citada acima, é lutar a cada dia para ser afetuoso, esperançoso e proporcionar liberdade para que ninguém seja anulado em detrimento do outro.

O amor profundo e amável é despreendido dos interesses particulares, nunca visa seu bem próprio a não ser o bem comum, foge das vaidades e favorece o convívio da acolhida e da partilha, percebe que o recebeu é de graça e assim de graça procura ofertar. Deste modo, todos aqueles que participam poderão também se sentir amados:

Assim, ao reencontrar-se, os cônjuges podem viver a alegria de partilhar o que receberam e aprenderam fora do circuito familiar. Ao mesmo tempo torna possível a sinceridade e a transparência, porque uma pessoa, quando sabe que os outros confiam nela e apreciam a bondade basilar do seu ser, mostra-se como é, sem dissimulações. Pelo contrário, quando alguém sabe que sempre suspeitam dele, julgam-no sem compaixão e não o amam incondicionalmente, preferirá guardar os seus segredos, esconder as suas quedas e fraquezas, fingir o que não é.
(AL.115)

Compreendemos que amar está muito mais além do que uma simples sensação de sentimento, vivida repentinamente, e que subitamente, também pode desaparecer. O amor é ato de decisão, é um imperativo categórico posto em prática diariamente. É por meio do amor que poderemos dizer se perdoamos os fatos ocorridos, se esquecemos as ações impensadas e se temos a coragem de esperarmos o tempo devido. Ser cristão e não buscar esse exercício diário é a mesma coisa que ser professor e não se atualizar, ser médico e não observar as mudanças da ciência, ser um atleta e não treinar. Ou seja, exercitar todos os dias não quer dizer pôr em cheque, mas sim estar preparado para quando vier a adversidade dos tempos difíceis de um relacionamento, para se ter a sabedoria necessária e não perder a construção de um sonho, de uma história de

conquistas de vida, de sentimentos partilhados com filhos, afilhados, parentes, amigos e conquistas de vidas econômicas, sociais ou sentimentais. Dar uma chance ao amor é dar uma chance a si mesmo, é poder acreditar que sempre haverá um novo dia, segundo afirma o Apóstolo Paulo, que dentre as três virtudes que um cristão deva se apoiar, a maior é o amor, pois ele é o único que permanecerá. Ainda que a morte chegue, amaremos eternamente, pois sempre teremos a capacidade de nos reconstituir e assim amar aquele que nos amou primeiro.

Terminamos esse texto com a passagem que nos motivou a entrar nessa discussão: o hino ao amor, transcrito pelo Apóstolo Paulo. Acreditamos que esse hino sintetiza toda forma de compreender e suportar os desencontros e adversidades de nossa vida. Somente pelo amor que podemos construir algo, leis, relacionamentos, entregas e vidas. Deve ser o amor a referência para qualquer ação. Santo Agostinho afirma “Amas e fazes o que quiseres!” Quem está no amor não deseja nada do contrario que ele possa oferecer:

1Se eu for capaz de falar todas as línguas dos homens e dos anjos e não tiver amor, as minhas palavras são como o badalar de um sino ou o barulho de um chocalho. 2Se eu tiver o dom de declarar a palavra de Deus, de conhecer os seus mistérios e souber tudo; e se eu tiver uma fé capaz de transportar montanhas e não tiver amor, não valho nada. 3Ainda que eu dê em esmolas tudo o que é meu, se me deixar queimar vivo e não tiver amor, de nada me serve.

4O amor é paciente e prestável. Não é invejoso. Não se envaidece nem é orgulhoso. 5O amor não tem maus modos nem é egoísta. Não se irrita nem pensa mal. 6O amor não se alegra com uma injustiça causada a alguém, mas alegra-se com a verdade. 7O amor suporta tudo, acredita sempre, espera sempre e sofre com paciência. 8O amor é eterno. As profecias desaparecem; as línguas acabam-se; o conhecimento passa. 9Pois tanto as nossas profecias como o nosso conhecimento são imperfeitos. 10Quando chegar aquilo que é perfeito, tudo o que é imperfeito desaparece. 11Quando eu era criança, falava

como criança, sentia como criança e pensava como criança. Depois tornei-me adulto e deixei o modo de ser de criança.

12Agora vemos as coisas como num espelho e de maneira confusa. Naquele dia, iremos vê-las frente a frente. Agora o meu conhecimento é imperfeito, mas naquele dia vou conhecer como Deus me conhece a mim. 13Agora existem três coisas: fé, esperança e amor. Mas a mais importante é o amor.

Que possamos acreditar que esse discurso não se torne ultrapassado, bem como sua teoria, que sua prática seja eterna, que aqueles que são exigidos por excelência possam saber se responsabilizar por sua transmissão ao mais necessitado, seja na ação social que for, por exemplo: professor, médico, militar, empresário ou político. Todavia, que essa verdade não se sufoque e apague na célula embrionária mais importante da sociedade a família; que cada casal que se comprometeu um com o outro entenda que amar é um ato de entrega e dedicação ao outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para nossas considerações finais, buscaremos apontar elementos significativos suficientes para uma visão retrospectiva, analítica e crítica do trabalho exposto referente aos três capítulos desta pesquisa. Esperamos que as questões das quais levantamos possam ter sido respondidas e demonstraremos como foram respondidas. Concluiremos mostrando se nossa hipótese foi provada e de qual maneira. Evidente que não poderíamos deixar de aqui mencionar as perspectivas das linhas de pensamento do sociólogo Bauman e todo seu argumento de modernidade líquida, concluintes com as ideias do Santo Padre Francisco e suas denúncias ao mundo moderno da cultura do descarté, consumida pela cultura cristã católica, se tornando assim, um paradoxo à sua essência.

A nossa proposta de pesquisa, desde o início, presumia partir da seguinte pergunta: O que aconteceu com o amor? Como ele está sendo vivido e transmitido? Fundamentamos esses questionamentos utilizando a visão realista e pessimista do sociólogo Bauman, e com a visão esperançosa e alegre do Papa Francisco, resgatando a justificativa de vida de um cristão católico. Buscamos aqui demonstrar, que apesar de tantas ilusões e sufocamento em crenças contrárias à significância do amor, amar ainda vale a pena. Na pessoa do Papa Francisco, o amor se renova a cada dia, em sua característica primária com ações e testemunhos em sua prática. Quando nos propusemos a abordar essa temática do amor, sabíamos que poderia não dar conta dele por inteiro, pois o amor, não se faz como um objeto físico e palpável, em que possamos estudar de forma empírica. Desde o início, nosso objetivo de pesquisa foi compreender uma sociedade que tem pressa e possui muitas angústias, por vezes questionadas quanto ao sentido da vida. Portanto, esses sentimentos nos propuseram buscar na *Exortação Apostólica - Amoris Laetitia* do Papa Francisco, uma resposta mais próxima da realidade de cada um que sofre seus abandonos.

No primeiro capítulo, buscamos apresentar uma contextualização histórica de como foi se formando na sociedade contemporânea essa concepção cultural do amor que vivemos atualmente e que tanto o sociólogo Bauman quanto o Papa Francisco consideram que são de níveis baixos. O pressuposto do filósofo Nietzsche, que denuncia: “Deus está morto”, e posteriormente do

psicanalista Freud em sua obra *O Mal-Estar na Civilização*, ditarão, em nossa concepção, os ritmos e pensamentos que se seguirão por todo o século XX juntamente com a ajuda de outros pensadores, em sequência de vastos acontecimentos marcantes e significativos para a formação humana social do mundo contemporâneo.

Logo no início, nos questionamos junto com o intelectual Antônio Houaiss sobre o indivíduo contemporâneo vivenciar uma explosão de paradoxos, pois apesar de conquistarmos vários significados, direitos e possibilidades, esses não se sustentam com uma vida melhor ou justa. Houaiss chama esse fator de “avatares”, enquanto nós chamamos apenas de paradoxo ou banalidade. A banalidade se apresentará em boa parte do texto, porém mais propriamente, daremos o crédito a quem a cunhou primeiro: a filósofa Hanna Arendt, que igualmente a nós, buscou em suas primeiras pesquisas compreender a origem do mal sob a perspectiva do que era o amor, fundamentado em Santo Agostinho. A filósofa concluiu que o problema do mal está na sua banalização. Compreendendo épocas diferentes, em que ela vivenciou os horrores do totalitarismo e da II Grande Guerra, nós ousamos aqui nesta pesquisa parafrasear sua expressão, trazendo para “a banalidade do amor”. O amor acabou se perdendo com muitos prazeres sociais, que por vezes, se confunde com uma satisfação momentânea e particular.

No segundo capítulo, foi apresentado o contexto e as influências que propuseram Bauman a produzir suas obras e nelas apresentar um conceito novo para identificar o mundo contemporâneo. Tanto Arendt quanto o sociólogo viram os horrores do totalitarismo e da Guerra, a diferença é que Bauman pode testemunhar o advento da internet e mais propriamente as redes sociais, das quais proporcionaram uma nova forma de se relacionar com o outro. Termos nunca usados antes para se referir a uma ação humana, agora fazem parte do vocabulário social comum, por exemplo: “ligados”, “conectados”, “on/off-line”, “rede”, “likes”, entre outros. Diante dessa nova vasta significação, Bauman cunhou o termo “liquidez”, e assim passou a escrever algumas de suas obras, tais como *Modernidade Líquida*, *Vida Líquida*, *Medo Líquido* e *Amor Líquido*, sendo essa última a que mais nos auxiliou na busca de uma relação com a *Exortação Amoris Laetitia*, em que o Papa Francisco nos convida a ainda

acreditar no amor, contudo, não um amor de palavras ou de satisfação, mas sim um amor de atitude e ação, na alegria de vivê-lo e transmiti-lo.

Nesse mesmo capítulo, transmitimos a trajetória do Papa e a contextualização para o surgimento dessa Exortação, desde sua história particular construída em seu ministério sacerdotal no seminário até a vivência na liderança em sua província de bispado na Argentina. Até passar pela grande revolução silenciosa das estruturas da Instituição Igreja Católica, por meio do Concílio Vaticano II, do qual o Papa Francisco é um grande entusiasta. Apesar de saber que em tudo se tem poderes políticos e forças ideológicas de um lado e outro, nossa pesquisa não se pautou por essas ideologias, apesar de termos apontado elas aqui. Nosso objetivo é mostrar a nova ou renovada perspectiva de sentido pastoral sobre o serviço da Igreja e mais propriamente sobre a necessidade do cristão voltar a perceber seu verdadeiro compromisso social, que é o de amar, amar o mais desfavorecido, amar o mais fragilizado, fazendo isso com testemunhos e lutas. A Igreja em saída, proposta do Papa, é um exemplo desse ir ao encontro e não ficar nos gabinetes ou sacristia a esperar por quem não pode esperar.

No terceiro capítulo, buscamos demonstrar as bases e propostas que traz *Amoris Laetitia* de sua esperança e alegria para vencer um mundo de cultura descartável e conflitante quanto à significância do amor que é paciente, bondoso, que crê, tudo suporta e espera. A essa ideia, o Papa nos traz uma verdadeira catequese no capítulo 5, quanto à prática do cultivo de um amor familiar, se apoiando no hino paulino sobre o amor, apresentado em II Coríntios, 12. Com a convicção de compreender a realidade de cada casal e acolher suas angústias, a proposta do Papa é a de oferecer a mão e encolhê-la na argumentação ao cumprimento da lei. Com essa passagem no centro de *Amoris Laetitia*, Francisco deixa claro que não há lei maior que a do amor. Portanto, não há condição humana irregular que o amor não regularize. Acreditamos que essa é a mensagem central de sua Exortação, a de mostrar ao enfraquecido e desamparado, que se ele quiser, com o amor se levanta! O evangelho de Jesus, dito dentro e principalmente fora dos muros dos templos, não pode ficar a servir leis frias, sem entender o contexto da realidade, pois o cristianismo não nascerá com um conjunto de códigos, artigos e parágrafos. O cristianismo, assim como

testemunhado por Tertuliano, é a religião da partilha, do acolhimento e do entender a realidade particular de cada um. Ao que analisamos, o interesse do Papa é o de voltar a por em prática essa essência, porém dentro de sua própria Igreja, ele sofre com pensamentos adversos e irreduzíveis à firmeza da tradição. Sua luta maior hoje, pode-se dizer, que não está em trazer o povo à Igreja e sim trazer a Igreja ao povo, escutando, acolhendo e oferecendo sua lei maior, a lei do amor, a mesma “ordenada” por seu líder: “Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como Eu vos amei; que dessa mesma maneira tenhais amor uns para com os outros. Através desse testemunho, todos reconhecerão que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros.” (*João 13:34-35*).

Assim, esperamos que nossa pesquisa tenha contribuído para compreender o mundo contemporâneo líquido e descartável, que somos inundados. Entretanto, com olhares perspicazes, poderemos buscar novas sendas e reconstruir novas histórias, onde se vive a possibilidade de um novo recomeço. A vida só se faz caminhando e quando falamos de humanos, não podemos nos prender ao seu fim, portanto, não nos aprisionemos aos resultados, muitas vezes esses não são a verdade construída, para isso precisamos nos ater aos meios com que ele chegou ao longo do seu processo. Cada um tem uma história e cada história deve ser contada de maneira individual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

A BÍBLIA DE JERUSALEM. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

AGOSTINHO, *Confissões, Comentário ao Gênesis*. São Paulo: Editora Paulus, 2005. Coleção Patrística 21.

AUDY, Jorge Luis Nicolas. MOROSINI, Marília Costa. *Inovação e interdisciplinaridade na universidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2007

ARENDT, H. *O conceito de amor em Santo Agostinho*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

BAUMAN, Zigmunt. *Amor Líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

-----*.Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____ *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Azaha, 2007.

_____ *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Azaha, 2008.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. *Santo Agostinho; um gênio intelectual a serviço da fé*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

DURKHEIM, Emile. *As Regras do Método Sociológico*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 36, n. 2, maio/ago. ISSN 0100-3143 2011.

ENGLISCH, Andreas. *Francisco: o Papa dos humildes*. São Paulo: Universo dos Livros, 2013.

FRANCISCO, *Exortação AMORIS LAETITIA*. São Paulo: paulinas 2016.

_____. *Evangelii gaudium. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____, *Papa. O amor é contagioso*. 1ºed. – São Paulo; Fontanar, 2017

FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*. Col. Pequena Coleção das Obras de Freud, Livro 8, Rio de Janeiro, Imago 1974.

HEIDEGGER, Martin. *Niestsche*. Vol. II Rio de Janeiro: Forense universitária, 2007

JANE, AUSTEN. *Orgulho e Preconceito*. LandyMark 1º edição, 2012

LEWIS, C. S. *Alegoria do Amor: um estudo da tradição medieval*. São Paulo: É Realizações, 2012

LIBÂNIO, João Batista, SJ. *Contextualização do Concílio Vaticano II*. Cadernos Teologia Pública, Ano 2 N°16, 2005

LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro; José Olympio, 2002

MAFFESOLI, M. *No fundo das aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes 1996

_____, Michael. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa* (3a ed.). Rio de Janeiro: Forense, 2000

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

PASSOS, J.D. *A Igreja em saída e a casa comum. Francisco e os desafios da renovação*. São Paulo: Paulinas, 2016.

_____ *A alegria do amor. Das sementes aos frutos*. São Paulo: Paulinas, 2016

_____. *Religiosidade no Brasil: imaginário, pós-modernidade e formas de expressão*. Estudos de Religião, revista semestral de estudos e pesquisas em religião, ano XII, n. 15, dez. 1998.

DA SILVA, PE. ULYSSES, C.S.S.R. (2015) *A cultura do descarte*, (Jornal Santuário) Disponível em: <http://www.a12.com/jornalsantuاريو/artigos/a-cultura-do-descarte>> Acesso em: 10 out 2018.

SAVAGE, MADDY (2016), *Por que é difícil namorar no país europeu com a maior proporção de solteiros* (BBC News online), Disponível em: <https://www.bbc.com/portugueses/vert-cap-37832345>> Acesso em: 15 out 2018.

PRADO, ADRIANA, (Revista ISTO É EDIÇÃO Nº 2553 23/11), *Sociólogo polonês cria tese para justificar atual paranoia contra a violência e a instabilidade dos relacionamentos amorosos.* Disponível em: [https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/>](https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/) acesso em: 05 out 2018.

AFP/ARQUIVOS (2017) *Vaticano inicia julgamento de escândalo de apartamento do cardeal Bertone* (REVISTA ISTO É), Disponível em <https://istoe.com.br/vaticano-inicia-julgamento-de-escandalo-de-apartamento-do-cardeal-bertone/> > Acesso em: 14 out 2018.

JR. JOHN L. ALLEN (2017) *Liturgia: Papa Francisco apresenta sua interpretação sobre o Vaticano II* (publicada por Cruz – Revista IHU on-line) Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/571526-liturgia-papa-francisco-apresenta-a-sua-interpretacao-sobre-o-vaticano-ii> > acesso em 20 out 2018.

EFE (2018) *Papa diz que às vezes é melhor se separar para evitar uma guerra no casamento...* (site Uol notícias) Disponível em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2018/05/25/papa-diz-que-as-vezes-e-melhor-se-separar-para-evitar-uma-guerra-no-casamento.htm>> Acesso em: 15 out 2018.

PASSOS, JOÃO DECIO, (2017) *As reformas do Papa Francisco: Conjuntura, significados e Perspectivas* disponível em <http://oaji.net/articles/2017/6000-1520446913.pdf> Perspect. Teol., Belo Horizonte, v. 49, n. 2, p. 353-374, Jan./Abr. 2017

SCAVO, NELLO (2013) *O que Bergoglio realmente fez durante a ditadura argentina* (page Aleteia) Disponível em <https://pt.aleteia.org/2013/12/09/o-que-bergoglio-realmente-fez-durante-a-ditadura-argentina/> > Acesso em: 14 out 2018.

SCAVO, NELLO (2013) *O que Bergoglio realmente fez durante a ditadura argentina* (page Aleteia) Disponível em <https://pt.aleteia.org/2013/12/09/o-que-bergoglio-realmente-fez-durante-a-ditadura-argentina/> > Acesso em: 15 out 2018.

GILBERTO< ICLE (2010) *Pesquisa como Conhecimento Compartilhado :uma entrevista com Michel Maffesoli*, (Revista Educação e Realidade) Disponível em <http://www.redalyc.org/html/3172/317227057015/>> Acesso em: 1 out 2018.

VILLAS BOAS,ALEX (2016) *Francisco e a Teologia da Cultura* (Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, vol. 8, núm. 3, septiembre-diciembre, pp. 761-788)

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449755227012/>> Acesso em: 25 set 2018

THE HISTORY, (2017), *Francisco, o Jesuíta* (filme no Youtube) Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MMaC3386XDU> > Acesso em: 13 out 2018.

THE HISTORY, (2017), *Francisco, o Jesuíta* (filme no Youtube) Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MMaC3386XDU> > Acesso em: 13 out 2018.

TWERSK, RABINO Dr ABRAHAM (2017), *Sobre o Amor* (Ayni Saúde Integrada vídeo yotube) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2rravvHsgg8>. A transcrição do áudio foi feita por mim.